REVISTA DIDÁTICA E INFORMATIVA PARA PROFISSIONAIS E AMADORES
MÚSICA
Cr$15,00
a nova impressão do som
Nº14
SIMONE
nova fase: disco e show
WANDERLÉA
o trabalho com Gismonti
VIOLÃO CLÁSSICO E POPULAR
acordes dissonantes
DICAS
bottleneck? nada mais fácil
"Morar em Londres diminuiu minha timidez musical."
Caetano Veloso
ÂNGELA MARIA
ANTÔNIO ADOLFO
AIRTO MOREIRA
BARRY WHITE
BETO GUEDES
BEATLES
EMERSON, LAKE & PALMER
FRENÉTICAS
GILBERTO GIL
JARDS MACALÉ
NORMA BENGUELL
NOVOS BAIANOS
MANAUS, SANTARÉM, BOA VISTA, ALTAMIRA, MACAPÁ, RIO BRANCO E PORTO VELHO (VIA AÉREA) CR$ 20,00

MÚSICA A NOVA IMPRESSÃO DO SOM

MÚSICA – Ano II – Nº 14

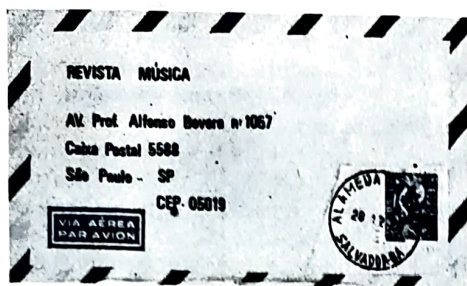
Publicação da Imprima Comunicação e Editoração Ltda.
Av. Prof. Alfonso Bovero, 1057 –
Fones: 62-0219 – 262-0765
Cx. Postal 5588 – S. Paulo – SP
C.G.C.: 43.584.119/0001
Diretores e Editores
Oswaldo Biancardi Sobrinho
Vitor Biancardi
Reginaldo Ramos Moura
Jornalista Responsável
Maria Cecília Alves Teixeira
Assistente
Humberto Brigatto Jr.
Coordenação Técnica e Didática
Egídio F. Conde
Revisão
Angela Cristina da Silva Dias
Arranjos e Cifras
Mário Lúcio "Fominha"
Arte
Wilda C. Biancardi, Marcos Arthur de Oliveira, Maurício Nacif, José Bernardo, Eliana Gola e Ana Maria Capél Sales (composição)
Fotografia
AC Fotos
Capa – Algeo B. Cairolli
Publicidade
Marco Antonio Amabile (Gerente)
Regina Helena Pinton
Divulgação
Nicolau Júlio Beatriz
Circulação
André L. Medeiros e Zilda Cottet
Secretaria
Eliane de Barros Conde e Jussara A. Muoio
Colaboradores
Rafael Varela Jr., Ricardo Botelho, Sheila Hissa, Peninha Schmidt, Fausto de Paschoal, Ivo Barreto, Cláudio Lucci, Nélson Ayres, Gerson Frutuoso, Valde Gonçalves da Silva (Dinho), Luiz Roberto Oliveira, Aprígio Lyrio e Arthur Laranjeira.
Representantes
RG – Arthur B. Batista ● RJ – Paulo do Carmo ● São Carlos e Região (SP) – Álvaro Brochado Hilsdorf ● RS – Ilha Representações Ltda. ● PR e SC – Nélson Maito ● BA – Alcides Mendes Leite Representações
Impressão
São Paulo Indústria Gráfica e Editora S.A.
Distribuição Exclusiva para todo o Brasil (bancas de jornais)
ABRIL S.A. Cultural e Industrial
Rua Emílio Goeldi, 575
Correspondência
Imprima Comunicação e Editoração Ltda.
Cx. Postal 5588

SINTONIZANDO

MINISTRO NEY BRAGA,

Sabemos que o momento histórico por que passamos exige atenções voltadas para diversos problemas, mas acreditamos poder pedir um pouco para a música brasileira. Ela está sendo sufocada pela música importada, pelas execuções em fita nas discotecas, pela ausência dos músicos nos palcos brasileiros, e, sobretudo, pela falta de condições de trabalho. A música é uma das mais ricas formas de expressão da cultura do nosso povo. Nossas letras e melodias falam de coisas que nos são caras.

Para cada frase ou linha melódica estrangeira cantada ou tocada, calam-se uma voz, um instrumento, enfim, um músico brasileiro.

Ministro, ajude-nos a colocar nossos músicos de volta aos palcos brasileiros.

"Gostaria que fossem publicadas as discografias de: B. B. King, Luiz Gonzaga Jr., Smetack e Paulinho da Viola," *Antônio José J. dos Santos F. — Belo Horizonte/MG*

Aí vão as discografias de Paulinho da Viola e do Gonzaguinha. Quanto às outras, ficam pra uma outra vez, certo? Paulinho da Viola (Emi-Odeon) — Lps: 'Paulinho da Viola' (nov., 1968), 'Foi um rio que passou em minha vida' (junho 1970), 'Paulinho da Viola' (abril, 1971), 'Paulinho da Viola' (nov., 1971), 'A dança da solidão' (set., 1972), 'Nervos de aço' (set., 1973), 'Paulinho da Viola' (junho, 1975), 'Memórias dois chorando' (jan. 1977), 'Memórias um cantando' (jan., 1977). Compactos duplos: 1º 7BD-1190, (dezembro, 1969), 2º S7BD-1296 (set., 1974). Compactos simples: 'Sinal Fechado' (jan., 1970), 'Foi um rio que passou em minha vida' (abril, 1970), 'Fotos e fatos' (set., 1970), 'Lapa em três tempos' (fev., 1971), 'Guardei minha vida' (nov., 1972), 'Dança da solidão' (abril, 1973), 'Nega Luzia' (agosto, 1973), 'Nervos de aço' (fev., 1974), 'Argumento' (dez., 1975), 'Cavaco emprestado' (jan., 1976). Luiz Gonzaga Jr. (Emi-Odeon) — 'Luiz Gonzaga Jr.' (julho, 1973), 'Luiz Gonzaga Jr.' (agosto, 1974, 'Daquele jeito' (março, 1974), 'Plano de vôo' (set., 1975), 'Começaria tudo outra vez' (junho, 1976), 'Moleque Gonzaguinha' (maio, 1977). Compactos simples: 'Pobreza por milagre' (julho, 1972), 'Um sorriso nos lábios' (dez., 1972), 'Palavras' (fev., 1974), 'Espere por mim morena' (maio, 1977).

"Eu gostaria muito que publicassem uma reportagem sobre o Peter Frampton, igual àquela do Lou Reed. Vocês poderiam mandar o endereço dele?" *— Carmen Elisabete T. Pires — Olinda/PE e Maria Carmen Leite Moraes — Rio de Janeiro/RJ*

O Peter Frampton foi matéria da Revista Música nº 9. Mandem suas cartas aos cuidados da Odeon, R. Evaristo da Veiga, 20, 1º andar, Cx. Postal 2752, Rio de Janeiro.

"Gostaria de saber qual o preço da revista americana "Cashbox" e onde posso encontrá-la." *Neísa Aleixo de Carvalho — Rio de Janeiro/RJ*

Você pode solicitá-la à Agência Look, Av. São Luiz, 258, loja 27, São Paulo/SP. Cada revista está custando Cr$80,00.

"Há muitos conjuntos no interior que tocam por música e precisam de ao menos uma parte de melodia para o seu repertório musical, músicas atualizadas, e não sabem onde encontrá-las. Peço informar-me se há uma revista exclusivamente com músicas atualizadas." *José Gonçalves Filho — Delegado Regional da OMB — Paraguaçu/MG*

Constantemente saem novas publicações no gênero. Solicite informações e catálogos à Casa Manon — R. 24 de Maio, 242, São Paulo/SP; à MCA do Brasil Editora Musical Ltda., R. Aurora, 964, CEP 01209, Cx. Postal 6537, São Paulo/SP ou à Casa Bevilácqua, R. Direita, 115, São Paulo/SP.

"Tenho procurado em vários lugares o método de Paulinho Nogueira, vol. 3, mas ainda não o encontrei." *Expedito Felix de Lima — Alexandria/RN*

Veja a resposta ao sr. José Gonçalves Filho. Talvez alguma das casas indicadas possua o método que você procura.

"Sou vidrada em música e principalmente na Simone. Gostaria que me mandassem o seu endereço e saber onde posso conseguir um poster desta cantora magnetizante." *Stelamaris Fernandes Pereira — Porto Alegre/RS e Rosangela Neves Capano — Rio de Janeiro/RJ*

A gravadora de Simone é a Odeon — R. Odeon, 150, Cx. Postal 208, São Bernardo do Campo/SP CEP 09700. O poster pode ser solicitado à própria gravadora, certo?

"O que fazem agora os músicos Lanny e Brazilian Bitles? Quem acompanha Jimi Hendrix na música 'Hey Joe'? Jimmy Hendricks teria alguma relação com Jimi Hendrix? Como eu poderia entrar em contato com o grupo Genesis? Qual o endereço da WEA brasileira?" *Aroldo Chagas — Ipatinga/MG*

O guitarrista Lanny atualmente está tocando na boate 'Stardust', em São Paulo, quanto aos componentes do Brazilian Bitles não sabemos por onde andam. Jimmy Hendricks e Jimi Hendrix têm tanto a ver um com o outro quanto Trini Lopez e Prini Lorez.

Para se comunicar com o Genesis escreva para a Phonogram, Av. 9 de julho 3766, São Paulo. E, finalmente, o endereço da WEA, R. Alves Guimarães 165, CEP 05410, São Paulo.

"Não conheço Sheila Hissa, mas já gosto dela. Sheila fez um ótimo trabalho com o Agnaldo Timóteo (Música nº 10). Ótimo, porque conseguiu manter as qualidades de isenção e objetividade no que escreveu. O que já não é o caso do entrevistado. Me parece que o 'cantor comercial' nem sempre é o que está com a verdade. Pode, às vezes, devido ao bom funcionamento da máquina que o criou, ser cantado pelo público que ouve rádio, vê televisão ou compra discos. Mas isto não significa que ele seja popular. Popular é o que fica, mesmo com o passar dos anos, na boca do povo. Aí se enquadram nomes como Noel Rosa, Ataulfo Alves, Adoniram Barbosa, Chico Buarque e Caymmi. As suas músicas são cantadas pelas pessoas sem que estas, muitas vezes, saibam quem é o compositor ou o cantor. Quer dizer, o homem passa, mas a sua obra se torna como que propriedade do povo, popular. Reflete os sentimentos de um dado momento na vida de quem a canta e não perde a atualidade. Agora, vendagem de discos e grandes ganhos em dinheiro não querem dizer que o cantor seja 'popular', apenas 'comercial', isto é, a sua música atende somente às necessidades do mercado no momento, mas não tem um sentido mais profundo, não visa a um público amplo e nem leva uma mensagem de caráter social como também não tem uma linha poética elaborada. Tem mais: o cantor 'comercial' não tem imagem própria, ela é feita e criada artificialmente para ser usada somente e tão-somente como mercadoria. Não serve a outro interesse que não seja o lucro e creio que ninguém pode mudar uma coisa que não tem. Portanto, sugiro ao Timóteo que crie uma imagem e, depois, tente mudá-la, porque esta de "só vou se o Cristo Redentor me aplaudir", "ninguém canta melhor do que eu", etc. já foi a imagem do Simonal (com o perdão da palavra) e parece que não deu certo. Digam ao 'Fominha' que seu método prático para violão funciona. Comprei um e, pasmem, estou começando a tocar o instrumento." *Carlos Alberto dos Santos — São Paulo/SP*

Cartas como a sua, gostaríamos de publicar na íntegra pois dão uma força ao nosso trabalho e mostram o alto nível crítico dos nossos leitores.

"Gostaria de saber o endereço para onde mandar o dinheiro para receber camiseta, poster, distintivo e álbum biográfico do conjunto 'Casa das Máquinas'." *João Fernandes da Silva, Nova Iguaçu/RJ*

Para pertencer à Família Casa das Máquinas, escreva para R. João Cachoeira, 442, São Paulo/SP.

Barry White, um cantor sensual?

Ele não quer ser encarado como um garoto-glamour musical. Tem 32 anos, é gordo, mas está matriculado em uma escola para emagrecer. Ainda, tem sua própria companhia fonográfica e afirma ser difícil para um negro ser cantor, preferindo, portanto, ser produtor de discos.

"Eu sei como te amar", ronrona a voz grave e viril de Barry White sobre um melodioso acompanhamento de cordas. Com essa declaração, White, tão compositor como amante, levou a Love Unlimited Orchestra até "I'm Qualified to Satisfy You", uma canção de seu mais recente álbum pela 20th Century, "Is This Watcha Won't".

Isto significa que a imagem de Barry White aproxima-se de um símbolo sexual? Não se deve fazer tal pergunta a Barry, pois ele não irá aceitá-la. "Eu nunca quis ser um cantor, nunca", diz o maestro, uma imponente figura transbordando na poltrona de uma suíte em um hotel de Nova Iorque. "Minha carreira como cantor começou puramente por acidente, porque iniciei como produtor de discos. Certo dia, havia escrito uma música para um amigo gravar e, quando acabamos, a danada da coisa parecia tão boa para mim, que pensei: 'Que diabo, por que eu mesmo não a gravo?' "

Um homem de energia e talento, já estabelecido como um bem-sucedido produtor, arranjador, músico e homem de negócios, White tentou o estrelato com seu primeiro vocal "I'm Gonna Love You Just a Little More, Baby", em 1972. Foi um sucesso e "I've Got So Much to Give", o primeiro álbum, foi lançado logo no ano seguinte.

"Não nasci pra ser cantor" — Em seguida, formou a Love Unlimited Orchestra para aparições pessoais e compôs e gravou "Love's Theme". Contratou também um grupo vocal feminino para dar mais força a seu som, integrou-o à Love Unlimited e casou-se com uma das vocalistas, Glodean. O primeiro álbum contendo os "Greatest Hits" do grupo foi gravado no ano passado.

Mas Barry descobriu que sua música estava se perdendo em meio a esse sucesso e lutou contra isso, afirmando que "não nasci pra ser um cantor com todos os contratempos e atrasos, como viagens constantes, a badalação e o glamour. Eu prefiro continuar como o homem por trás da cortina, produzindo, escrevendo e fazendo arranjos. A vida é bem mais difícil para um cantor negro. Parece inacreditável, mas ainda temos problemas desse tipo... Pessoalmente, não estou interessado em toda essa movimentação de palco. É uma coisa plástica, apenas. O que é real é a música, e ela pra mim é tudo. A música tem um pulso. Ela respira, tem vida. É essa sensação que se tem ao ouvir um disco ou uma canção em uma festa — o pulso batendo em seu corpo. E isso causa um impacto em você".

White: "Ninguém vai me rotular de garoto-glamour."

Muitas vezes, Barry recebeu convites especiais para apresentações em programas de televisão, mas recusou a maioria deles. E afirma que os cantores negros são ludibriados na televisão. "Me mantenho afastado da tv porque tenho a impressão de que lá as pessoas têm o hábito de colocar os negros pra escanteio. Eles usam produções, diretores e idéias baratas, o que não posso agüentar. Tem que ser do jeito que eu quero ou então nada feito."

White disse "não" aos produtores do "Dina Shore Show" três vezes, até que, como ele diz, "apresentaram Barry White como ele deveria ser apresentado".

Barry ainda reclama da baixa qualidade do som no vídeo. "Até que se melhore o metálico sistema sonoro da maioria dos aparelhos, não há jeito de se ouvir os 52 instrumentos de minha orquestra como merecem ser ouvidos. A televisão precisa de uma urgente modernização no que se refere ao som."

Música anticomercial — Tendo sido educado em Los Angeles, Barry começou a cantar na igreja, onde, mais tarde, dirigiu o coro. Sua mãe influenciou-o em seu gosto pela música clássica e o ensinou a tocar piano. Entre os 12 e 13 anos, começou a escutar jazz e depois rock'n' roll. "É isso que se ouve em minha música. Tudo isso."

O que o levou a ser um dos principais patrocinadores de discos? "Eu não faço música comercial", fala bruscamente, "eu faço música. Disco significa perpetuação. Sim, é isso que significa, porque música é música. Se há um sucesso no disco, então há um sucesso em casa, no avião, em todo lugar. O que eu não gosto é a maneira como as pessoas, nos discos, matam a música. Estou ligado à música. Não aos discos."

E a consciência de Barry White? Como ela está inserida nas suas canções? "Não há jeito no mundo de você poder escrever aquelas coisas. É tudo muito espontâneo. Eu apenas coloco minha voz sobre a parte que já está gravada, e o que sai é o que deixamos no disco."

White orgulha-se de usar apenas os melhores músicos profissionais de estúdio. A parte rítmica de sua orquestra é formada por quatro guitarras, vibrafones, um harpsichord, baixo e piano elétricos, piano clássico, órgão, bateria e atabaques. Para amenizar, Barry juntou quatro trompas francesas, duas flautas, um oboé, um sax-tenor, um sax-alto e uma harpa. O som final é coberto por uma pátina de violinos, celos e violas.

Apesar de reclamar por perder dinheiro por causa de viagens com um grupo tão grande, ele atesta que "o que você ouve no disco, vê em pessoa".

Filosofia? — A pergunta continua: Barry White está realmente pensando em parar com suas apresentações? "Seria muito tarde para isso agora. Há muitas coisas a fazer, tenho apresentações pelo mundo todo. Eu não posso virar minhas costas para meu público. Seria desonesto."

Enquanto isso, o maestro fundou sua própria companhia fonográfica, a "Unlimited Gold", cujo primeiro álbum a ser lançado será "He's All I've Got", com a Love Unlimited Orchestra.

Questionado sobre a definição de uma filosofia que segue, ele sorri e diz: "Amor. É fácil. Amor é entendimento, confiança, paciência e perseverança. Se você juntar todos os quatro e pesquisar cada um, individualmente, descobrirá que todos conduzem diretamente ao amor."

Ele ainda combate a imagem. "Eu sei que as pessoas associam amor à minha música. Não é segredo, mas Barry White não é uma estrela glamourosa. Sou mais um ministro do que um deus do sexo. Na Inglaterra, os fãs saíam das cadeiras pra me alcançarem no palco. Foi inacreditável. Eles queriam minha música e meu conselho. Ninguém vai me rotular com uma imagem de garoto-glamour."

(Exclusivo UPI)

RCA

"Low", o novo disco de Bowie: participação de Iggy Pop e Brian Eno.

O CHOQUE ELÉTRICO DE DAVID BOWIE

Os fãs de David Bowie ficaram surpresos ao descobri-lo quase escondido atrás de um órgão nas apresentações de um dos fundadores do movimento punk rock-heavy metal, Iggy Pop.

Uma fã chegou a afirmar que havia comparecido ao show apenas para matar sua curiosidade sobre Iggy, confessando-se chocada quando, depois de muita dúvida, concluiu que aquele organista bem comportado era, nada mais nada menos, do que seu ídolo Bowie, que vem atuando nas turnês de Iggy ao lado de Brian Eno, considerado um dos mais criativos compositores desse gênero de rock.

No recém-lançado disco de David, "Low", Iggy participa dos vocais em "What in the World" e, em uma outra, "Warzawa". Eno juntou-se a Bowie criando, segundo os autores, "uma música feita quase com linguagem cinematográfica, de humor variável, fazendo lembrar sons de ilhas de gelo flutuando sobre o Danúbio".

David ainda define "Low" (confirmando sua rápida habilidade em transformar-se) como um disco de mudanças. Quando iniciou as gravações, pretendia fazer um disco totalmente eletrônico, como o lado B. Mas tal posição viria a chocar seu público. Para evitar esse choque, resolveu inserir algumas faixas mais tradicionais no lado A, para "tornar menos traumatizante a aproximação do primeiro com o segundo lado. Isso representa o ponto de união entre o novo e o velho Bowie".

E, complementando, David Bowie anunciou que seu próximo álbum será totalmente eletrônico.

SEM PRETENSÕES DE ELITISMO

Odeon

Airto Moreira: no Brasil nunca para menos de 6 mil pessoas.

Simultaneamente ao lançamento de seu disco "Promises of the Sun", no Brasil, o percussionista Airto Moreira esteve de passagem pelo Rio de Janeiro apenas para tratar de assuntos particulares, sem nada planificado para apresentações musicais, pois, segundo ele, "faltam propostas realmente sérias, profissionalmente falando".

Airto, apontado por seis anos como o melhor músico no seu gênero pela "Down Beat", partiu para os EUA logo após a época dos festivais da Record, onde foi marcante sua atuação no acompanhamento de "Disparada", de Vandré, tocando queixada de burro, quando era integrante do "Quarteto Novo". Mas, em seguida, as dificuldades em continuar seu trabalho na televisão — "eles vetavam e não deixavam a gente aparecer" —, apesar das apresentações ao vivo, em praças públicas, incentivaram a busca de novos mercados musicais.

Sua mulher, Flora Purim, também premiada diversas vezes pela mesma revista, já se encontrava nos EUA, trabalhando com Miriam Makeba, quando Airto foi para lá. A princípio, a situação não foi das mais favoráveis, até que, oito anos mais tarde, Airto conseguiu atuar em dois discos e fazer uma turnê com o conjunto de Paul Winter.

Na metade da temporada, recebeu um telefonema de Miles Davis, convidando-o a tocar. Então, por meio de Davis, Airto conheceu Jimi Hendrix, Janis Joplin, Wayne Shorter, Chick Corea e Stan Getz. O sucesso, lá fora, consolidou-se, confirmando sua longa experiência musical, iniciada logo aos seis anos, quando venceu um concurso infantil no Paraná, onde passou a infância. Aos 14, entrou para o conjunto "Jazz-Estrela", aos 18 mudou-se para São Paulo e, logo em seguida, formou o trio "Sambalanço", com César Camargo Mariano ao piano e Kleber no baixo. Com a saída de César, integrou-se ao conjunto Hermeto Paschoal, e surgiu o "Sombrasa", que durou apenas um ano. No entanto, Airto já havia participado, em 1965, do "Sambrasa", dedicado à Bossa-Nova.

Atualmente, Airto Moreira nega-se a fazer apresentações brasileiras para menos de 6 mil pessoas, a média de espectadores de seus concertos ao lado da mulher nos EUA, a fim de evitar justamente a rotulação de "elitista", já que seu trabalho com Flora no exterior tem visado as grandes platéias.

ONDE ESTÃO OS FILMES DE CARMEN MIRANDA?

Há 22 anos, falecia em sua casa de Beverly Hills, de colapso cardíaco, um dos maiores mitos brasileiros: Carmen Miranda.

Portuguesa de Marco de Canavezes, Maria do Carmo Miranda da Cunha pode ser considerada como uma das responsáveis pelo primeiro estouro de vendagens

na história do mercado fonográfico nacional, pois 'Pra Você Gostar de Mim' (Taí), composta especialmente para ela por Joubert de Carvalho, em 1930, vendeu 35 mil cópias naquela época.

Primeira artista a merecer na Rádio Mairink Veiga um contrato, Carmen, batizada por César Ladeira a "Pequena Notável" e a "Brazilian Bombshell" dos americanos, gravou cerca de 300 músicas no Brasil e mais de 30 nos EUA. Estão entre suas gravações as primeiras músicas de Ataulfo Alves, "Tempo Perdido", David Násser, "Candeeiro", o primeiro sucesso de outro desconhecido, baiano, Dorival Caymmi – "O Que é Que a Baiana Tem?", sambas de Assis Valente e 28 músicas de Ari Barroso.

Gravou em dupla com Francisco Alves, Mário Reis, Sílvio Caldas, Carlos Galhardo, Lamartine Babo, Almirante, sua irmã Aurora, tendo sido acompanhada por Custódio Mesquita, Luperce Miranda, Vadico, "Diabos do Céu" (um conjunto de Pixinguinha), Benedito Lacerda e seu Regional, o grupo de Canhoto e pelo Bando da Lua, com quem se apresentou, em 1940, para o presidente Roosevelt, na Casa Branca.

Trabalhou em cinco filmes no Brasil e em 14 em Hollywood. No entanto, uma das mais sentidas reclamações de seus fã-clubes é a inexistência, em um museu inaugurado há quase um ano, no Rio de Janeiro, Aterro do Flamengo, em frente ao nº 560 da Av. Rui Barbosa, de originais de seus filmes para a realização de "Festivais Carmen Miranda", como ocorre em Nova Iorque, Paris e Londres.

Carmen Miranda: mais de 300 músicas gravadas no Brasil e EUA.

"SEX PISTOLS": CONFUSÕES NO PUNK-ROCK

Punk-rock: uma ameaça à música mundial.

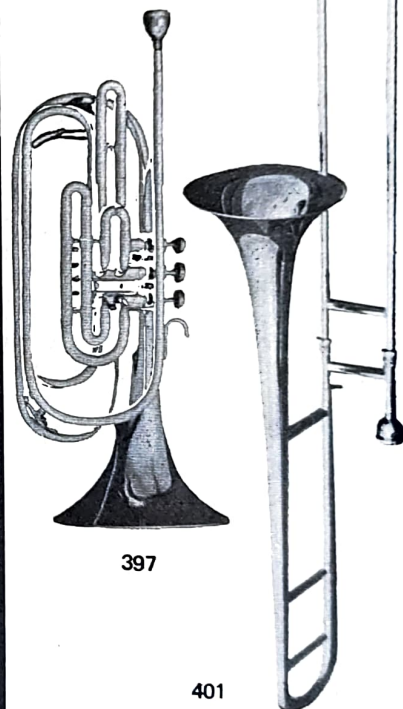
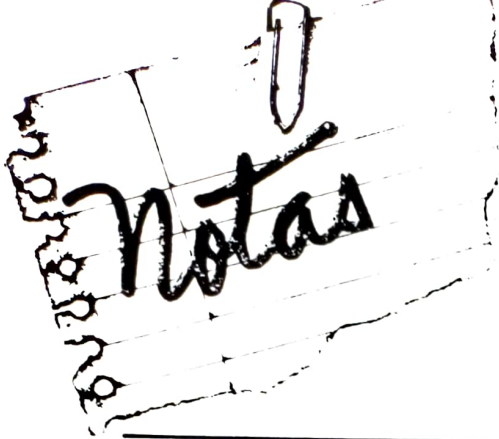
O que começou como uma reação rockeira à música ultracomercial, transformou-se, por si mesmo, em um grande empreendimento. E não só em Londres, Nova Iorque e Los Angeles, onde os "punks" se alojaram no início. Os zombeteiros e presunçosos desordeiros que ameaçaram acabar com a música mundial estão se tornando cada vez mais numerosos e discutidos.

O grupo "Sex Pistols" é o líder do que a imprensa mundial chamou de movimento "punk-rock". A nova geração de grupos ingleses é toda muito jovem e toca muito mais rápido e alto do que as grandes bandas inglesas às quais o público sempre esteve acostumado.

O "Sex Pistols", apresentando seu cantor/líder Johnny Rooten (Joãozinho Podre), tocou em clubes londrinos durante o ano passado, conseguindo uma reputação que espalhou explosões violentas. Logo foram contratados pela EMI por 40 mil libras e gravaram "Anarchy in the U.K.", que subiu vertiginosamente nas paradas de sucesso, em apenas três semanas.

Os "Pistols", recentemente, causaram um escândalo em um programa de televisão londrino quando, provocados pelo entrevistador, começaram a dizer palavrões no ar, fato amplamente divulgado pelos jornais.

Assim, uma excursão por toda a Inglaterra, junto com os grupos americanos "Heartbreakers" e "Clash", foi cancelada. Outras turnês foram canceladas por câmaras municipais irritadas que requeriam, para liberação do espetáculo, uma audição prévia, e, é óbvio, os integrantes do grupo não concordaram.

Toda essa confusão levou, finalmente, ao cancelamento do milionário contrato com a EMI.

A CANTORA NORMA BENGUELL ESTÁ DE VOLTA

Phonogram

Norma Benguell: "feminista é uma palavra gasta."

Um disco retratando o momento de centenas de mulheres que estão tentando as mesmas coisas. Este é o objetivo de "Norma Canta Mulheres", lançado pela atriz/cantora Norma Benguell, com produção de Rosinha de Valença, que também fez alguns arranjos ao lado de Célia Vaz, e contando com as únicas participações masculinas Sivuca (acordeão), Tião Neto (baixo), Jamil (guitarra) e Djalma do Atabaque.

A idéia de fazer um disco só por mulheres partiu de Norma. Depois de muitas conversas com Rosinha, Guilherme Araújo e Roberto Menescal indicaram algumas novas compositoras. Feita a seleção, no período entre dezembro e janeiro, estão no disco três músicas já conhecidas: "Resposta", de Maysa, "Abre Alas", de Chiquinha Gonzaga e "A Noite do Meu Bem", de Dolores Duran. As oito inéditas ficam por conta de Sueli Costa, "Movimento da Vida"; Rosinha de Valença, "Coisas da Vida"; Luli e Lucinha, "Inteira"; Marlui Miranda, "Aprender a Nadar"; Joyce, "Boa Pergunta"; Glória Gadelha, o baião "Pra Que"; Ivone Lara, "Outra Você Não Me Faz", e Rita Lee, que contribuiu com "O Futuro Me Absolve". Ainda há um poema musicado, "Em Nome do Amor", com letra da própria Norma.

O lançamento do disco provocou algumas reações partidárias, acusando Norma de feminista, pois era sua intenção receber em seu apartamento apenas algumas amigas e jornalistas. Porém, Norma defendeu-se, afirmando estar a palavra "feminista" muito gasta e mal interpretada. E assim, a Nara Leão e à escritora Nélida Pinón, algumas de suas convidadas, somaram-se algumas presenças masculinas.

Entre os projetos futuros de Norma, estão a realização de um filme sobre a vida de Maria Bonita e uma possível apresentação no "Show das Seis e Meia" ao lado de algumas das compositoras que participam do disco.

UM FILME FEITO DE SONS

Agora, no cinema, a música do Led Zeppelin.

Londres, meados do inverno de 1968. Um pequeno estúdio de ensaio com quatro músicos prestes a tocarem juntos pela primeira vez. Jimmy Page, ex-integrante do "Yardbirds" e um dos principais guitarristas de gravações, tinha tocado com John Paul Jones, ás dos teclados nos estúdios, arranjador e baixista, na época atuando no álbum de Donovan, "Hurdy Gurdy Man". Satisfeitos com os resultados, pensavam em transformar aquele encontro em algo mais sério, dando, dessa forma, os primeiros passos para a instituição de uma banda. Com a entrada casual de Robert Plant, ex-vocalista da "Alexis Korner Blues Band", e John "Bonzo" Bonham, na bateria, as perspectivas tomaram forma e surgiu um grupo chamado "Led Zeppelin".

Depois de muita espera — três anos de preparação —, chega finalmente às telas o filme "The Song Remains the Same", estrelado pelos quatro integrantes do que veio a ser uma das maiores bandas pesadas de rock dos últimos tempos, o Led Zeppelin.

Produzido pela Swan Song, Inc. e Peter Grant, o filme, de Peter Clifton e Joe Massot, foi idealizado por Page, Plant, Bonham e Jones, com um único objetivo: uma excursão pessoal e privada do Led Zep.

Tendo a música como guia, o espectador é conduzido desde o frenesi de seus concertos em 1973 no Madison Square Garden, até à idílica tranqüilidade dos campos ingleses. Ao mesmo tempo, a música estende-se aos pensamentos, sonhos, sentimentos e emoções dos integrantes do Led.

No Brasil, o filme deverá chamar-se "Rock É Rock Mesmo", e poderão ser ouvidas, entre outras, "Black Dog", Stairway to Heaven", "Whole Lotta Love", "Dazed and Confused", além da canção-título do original.

SITUAÇÃO CRIATIVA DE FAZER INVEJA

WEA

Mick, Stevie, John, Christine e Lindsey: shows assistidos por Elton John e princesas do Irã.

A música do Fleetwood Mac evoluiu para o som pop e rock sofisticados dos anos 70 graças, primeiramente, a duas mulheres: Christine McVie, integrante do grupo quase desde sua formação, e a novata Stevie Nicks. O último álbum do grupo, "Rumours", está recebendo encomendas em grandes quantidades, índices nunca antes registrados na história da Warner Bros. Há, sem dúvida, razões para o otimismo da Companhia: Fleetwood Mac lançou três grandes sucessos — "Over My Head" e Say You Love Me" de McVie e "Rhiannon" de Nicks —, vendeu 4 milhões de cópias, esteve nos primeiros lugares das paradas de sucesso por quase 80 semanas e, ainda, é o "best-seller" da Warner.

E para reforçar o entusiasmo de todos, shows como o do L. A. Amphitheater para multidões onde podiam ser notadas as presenças de Elton John e duas princesas do Irã. Além de Stevie Nicks, novas energias foram incorporadas à banda com a entrada do guitarrista Lindsey Buckingham.

O Fleetwood Mac começou em 1967, quando três ex-integrantes do "Bluesbreakers" de John Mayall — o guitarrista Peter Green (que seguia a banda de Eric Clapton), o baixista John McVie e o baterista Mick Fleetwood formaram um grupo, batizando o trio então surgido de "Peter Green's Fleetwood Mac.

"Não temos a mínima vontade de parar de progredir", afirma agora Christine, ex-esposa de John, responsável pelos teclados e vocais ao lado de Nicks e laureada como uma das melhores vocalistas pelo jornal Melody Maker por seu hit "I'd Rather Go Blind". "Realmente, não quero parar de fazer experiências em diferentes direções só para ver o que temos capacidade de produzir. Especialmente agora que temos uma associação de pessoas que fazem tantas coisas bem feitas." E Lindsey completa: "Porque, pra falar a verdade, estamos sempre um pouco à frente de nós mesmos, ou seja, a melhor situação criativa em que uma banda possa estar."

O ARTESANATO MUSICAL DE ANTÔNIO ADOLFO

Depois de enfrentar dificuldades para a gravação de seu disco, o tecladista e arranjador Antônio Adolfo resolveu partir para uma experiência nova em sua carreira: por que não fazer ele mesmo também todo o trabalho técnico e de divulgação? E assim foi feito. Adolfo reuniu seus amigos no estúdio Sonoviso, financiando as horas aí gastas e a prensagem das mil cópias do disco, que não poderia acabar recebendo outro nome senão "Feito Em Casa". Pronto o disco, os primeiros compradores podiam encontrá-lo apenas na casa de seu autor. Depois, vendo que seu trabalho só poderia atingir mais de perto o público se fosse colocado nas prateleiras das lojas, Antônio Adolfo colocou o disco debaixo do braço e foi de cidade em cidade, de bairro em bairro, de loja em loja. "No começo com certa timidez, mas aos poucos fui ganhando confiança e hoje "Feito em Casa" já se encontra em toda a cidade do Rio, incluindo Niterói e Grande Rio, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Brasília, Recife e Fortaleza."

FESTIVAIS

II FECOM
Festival Estudantil da Composição Musical

Será realizado nos dias 21, 22 e 23 de outubro, às 19h, na Escola Estadual de 2º Grau Infante D. Henrique, o II FECOM.

Os prêmios às três primeiras classificadas e melhor intérprete somam um total de Cr$ 10.000,00 (Dez mil cruzeiros). No festival realizado no ano passado, várias músicas de boa qualidade foram apresentadas, supondo-se este ano que o nível seja ainda melhor. "MÚSICA" estará presente dando apoio e cooperando na organização. Figuras do meio musical e fonográfico comporão a mesa de jurados. O II Fecom é o maior festival da Zona Leste. Você não pode perder.

Inscrições: de 12 a 27 de setembro. Anexar 20 cópias da letra e músicas gravadas em minicassete na ordem e identificadas.

Para a inscrição, será necessário a aquisição de 2 convites por música (Cr$ 40,00), que você recupera ao vendê-los a amigos que irão assisti-lo. O ingresso é válido para os três dias. Na final, será coroada a rainha do festival.

Locais de inscrição:
E.E. 2º Grau Infante D. Henrique
R. Teodoro Mascarenhas, 112
Fone: 295-0626 - Vila Matilde

Grupo AMA
R. Gabriel dos Santos, 103
Fone: 67-4879 - Sta. Cecília.

I ENCONTRO DE SERESTEIROS

Dias 20 e 21 de agosto, Poços de Caldas sediará o I Encontro de Seresteiros. É uma promoção da Secretaria Municipal de Turismo e Comunicações de Poços de Caldas e Mobral Cultural de Minas Gerais, contando ainda com a colaboração do Conselho Regional de M.G. da Ordem dos Músicos do Brasil e Centro de Atividades do SESC de Poços de Caldas.

O Encontro será levado a efeito ao ar livre na Praça Dr. Pedro Sanches, sábado, dia 20, às 20h.

Os seresteiros se apresentarão e, no domingo, às 10h, haverá a entrega de prêmios e desfile de grupos folclóricos. A comissão julgadora será composta por musicistas de reconhecida capacidade.

Você, morador da região, não pode deixar de prestigiar este evento. Compareça e apóie.

I FEMB — FESTIVAL DE MÚSICA BRASILEIRA

Será realizado em S. José dos Campos, nos dias 25, 26 e 27 deste mês o I FEMB. Serão Cr$ 44.000,00 (Quarenta e quatro mil cruzeiros) em prêmios. Trata-se de promoção do Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia Industrial, em conjunto com todas as outras faculdades. Informações: Av. Rio Branco, 882 — S. José dos Campos.

III FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA POÇOS DE CALDAS

Foi realizado nos dias 22, 23 e 24 de julho o III Festival de Poços de Caldas. O evento, patrocinado pela Secretaria Municipal de Turismo e Comunicações, teve seu êxito alcançado. 148 músicas inscritas de S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul, foram ouvidas e 37 apresentadas ao público.

O ginásio da "Caldense" esteve completamente lotado durante os três dias. As vencedoras com plenos méritos foram: 1º) Identificação — D'Artagnan Vieira Viotti (Poços de Caldas) — Cr$ 15.000,00; 2º) O Cofre (mesmo cantor) — Cr$ 10.000,00; 3º) Nascimento, Vida e Morte — Paulo Eduardo Olmos Fernandez (S. João da Boa Vista) — Cr$ 5.000,00; 4º e 5º lugares receberam troféus. O melhor intérprete, Luiz Roberto Ferreira de Oliveira, levou o troféu ofertado por esta revista.

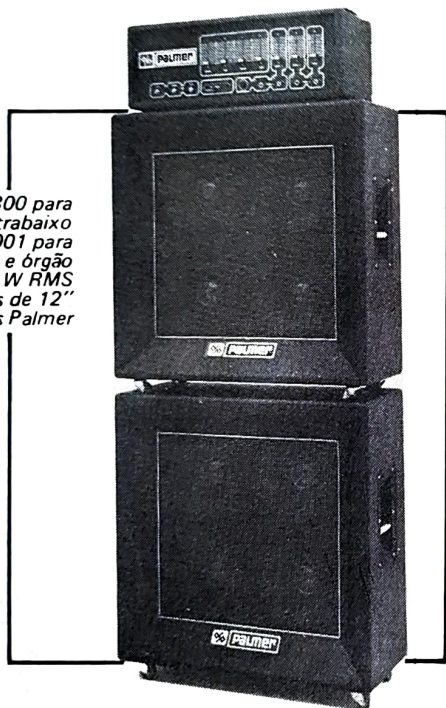
O júri teve como presidente o Prefeito de Poços de Caldas, Sr. Sebastião Pinheiro Chagas, e como componentes o Sr. José Maria M. Chaves do Jornal de Minas, Osmar Leite Junde da RCA Victor, Edgar Franco, TV Tupi, e Oswaldo Biancardi Sobrinho, Revista "Música". A Secretaria de Turismo e Comunicação, nas pessoas do Sr. Rafael Acconcia (Secretário) e Ary Bressane (Diretor), cuidou de todos os detalhes, fazendo com que o festival tivesse uma organização perfeita.

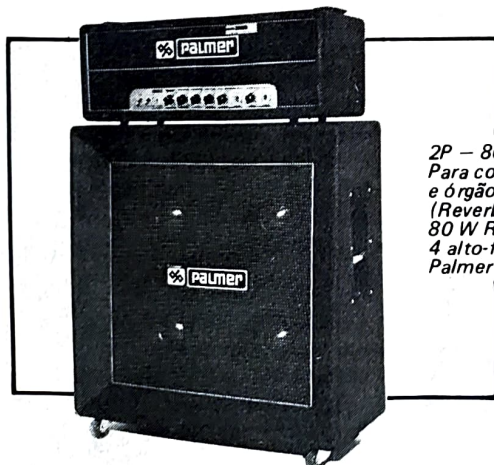
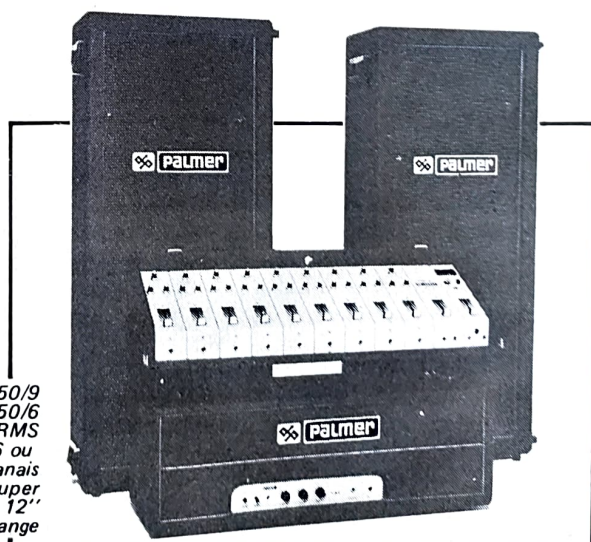
Parabéns Poços de Caldas. Que sirva de exemplo a outras cidades.

3P – 300 – Jumbo
Para contrabaixo
300 W RMS
12 alto-falantes especiais
Palmer de 12″

Câmara de Eco
Prática, simples e eficiente
Cabeças fixas, proporcionando
maior segurança no transporte
Resistente contra choques
e vibrações
Seletor com três teclas
Proporcionam 7 diferentes efeitos

o som que você merece

P – 300 para
contrabaixo
P – 3001 para
guitarra e órgão
200 W RMS
8 alto-falantes de 12″
especiais Palmer

Quando músicos conseguem tirar dos seus instrumentos sons que representam toda sua criatividade e habilidade artística, é preciso que existam equipamentos capazes de conservar a qualidade e levá-la ao público. Palmer, o som que você merece. Linha completa de Amplificadores para instrumentos musicais e microfones.

2P – 80
Para contrabaixo, guitarra
e órgão
(Reverberação opcional)
80 W RMS
4 alto-falantes especiais
Palmer de 12″

V4– 150/9
V4– 150/6
150 W RMS
Pré opcional de 6 ou
9 canais
6 alto-falantes super
pesados especiais de 12″
Full Range

palmer

O SOM QUE VOCÊ MERECE
À venda nas principais lojas do ramo - Solicite catálogos: Eletrônica Palmer Ind. e Com. Ltda.
Cx. Postal: 11408 - São Paulo - SP

Ricardo Botelho

Concerto de Rock na Califórnia

Doobie Brothers: uma saltitante platéia

Um resultado apreciável de bilheteria, os 57 mil espectadores tiveram a proteção de 500 policiais, 30 enfermeiros, 5 médicos e 3 ambulâncias. Embaixo do palco do Oakland Coliseum Stadium, Califórnia, foi montado um pequeno estúdio de 24 canais para a gravação dos shows do Fleet Wood Mac, Gary Wright e Doobie Brothers. Depois de tratado, o som era emitido por 50 mil watts de amplificadores Ampeg, SAE, Phase Linear e JBL. Os equalizadores gráficos eram Soundcraftsman e Tapco. Microfones Shure SM58 e Sennheiser MD-441 e a mesa Tascam completavam parte da aparelhagem. O resto do equipamento era de fabricação própria dos grupos, sendo, portanto, impossível atribuir-lhes características técnicas.

Um concerto como este começa muito antes para todos os que se envolvem nele. Um ano antes para os componentes do grupo, três meses antes para os organizadores e um mês antes para o público.

A organização e produção deste espetáculo estiveram a cargo da Bill Graham Kerc. Meses de estudo e dedicação são necessários para colocar quase 60 mil pessoas em um gigantesco estádio como o Oakland Coliseum e conseguir que todas saiam satisfeitas e vivas da arena. A quantidade de aparelhagem e gente trabalhando para os grupos é tão grande que, sem dúvida, requer uma organização primorosa, rigor absoluto no cumprimento das normas e segurança total dentro e fora do palco.

Para o público, um concerto como este se inicia dois meses antes, com a propaganda, continua um mês antes com a corrida para a compra dos ingressos e acaba dois ou três dias depois do espetáculo, quando os ouvidos voltam ao normal.

Nas cercanias do estádio, um congestionamento de aproximadamente 20 mil carros numa disputa quase braçal por uma vaga. Muita gente teve que estacionar o carro a mais de um quilômetro do estádio.

Às 8h, as estradas já estavam completamente congestionadas, e as filas para entrada no Coliseum estenderam-se até às 11h.

À porta do estádio, os espectadores são revistados por uma gentil mas ameaçadora tropa de policiais, que procura latas ou garrafas de qualquer espécie, recipientes plásticos com bebidas alcoólicas, gravadores e, é lógico, qualquer arma. Câmaras fotográficas somente são permitidas dentro do estádio com passes especiais dos organizadores.

Uma vez lá dentro, o ambiente é contagiante, as coisas ainda acontecem exatamente como no tempo de Woodstock ou Wright.

Da apresentação da primeira banda — Gary Wright subiu ao palco acompanhado por seu grupo às 11h. Logo aos primeiros passos, ficou audível e visível a qualidade e a quantidade da aparelhagem usada. O palco, ao canto esquerdo da arena, tinha aproximadamente vinte metros de comprimento. Em suas laterais, dois imensos muros de caixas de som, com quase vinte metros de altura por vinte de largura, cada um. Simplesmente assombroso o som destas muralhas de alto-falantes. À frente das caixas, uma enorme tela pintada com imagens de uma floresta.

A aparelhagem usada pelos músicos de Gary Wright é realmente bem diversificada. A ampliação era parte Fender, parte Yamaha e mais alguns amplificadores irreconhecíveis. O guitarrista usou uma Stratocaster e uma Telecaster e o baixista um Precision Bass. Gary Wright toca um piano elétrico, feito sob encomenda pela Arp, pendurado por uma correia. A imagem encaixa perfeitamente com o som superfunk de Wright. Funk pesado e forte, por vezes sujo, embora na maior parte do tempo seja bem comportado.

O grupo dança e pula no palco, mas dança tão certinho e inexpressivo, que parece um balé de adolescentes desajeitados fazendo um comercial de televisão pra lançar uma nova marca de chiclete. Uma lamentável falta de espontaneidade nesta banda que peca pela banalidade da apresentação e que, por ser exageradamente comercial, acaba queimando a imagem que devia acompanhar o funk furioso e ritmicamente rico de Wright.

Tocaram por trinta e cinco minutos e, se não foi uma apresentação brilhante, pelo menos serviu para aguçar o apetite de milhares de ouvidos ávidos por um bom e velho rock'n'roll.

Das imagens do intervalo e Doobie Brothers — Ao Gary Wright seguiu-se um intervalo de meia hora, durante o qual foi trocada toda a aparelhagem no palco: oito amplificadores de grande porte, uma enorme seção de percussão, dois pianos e uma enorme quantidade de teclados, sintetizadores e recursos em geral. A aparelhagem de palco deles, assim como a dos outros dois grupos que se apresentaram no concerto, foi secundada pelo gigantesco P.A. de 50 mil watts que, através dos 800 metros quadrados de caixas de som, fez tremer o céu e terra de Oakland.

De todos os grupos, o equipamento mais bizarro e heterogêneo foi, sem dúvida, o do Doobie Brothers. Com nada menos que 16 amplificadores de grande porte, que se somavam a todo complexo aparato técnico-instrumental já de praxe em todos grupos de primeira linha, a imagem do Doobie Brothers, no palco, era realmente disforme e confusa. Em meio às nuvens de gelo seco, John Hartman anunciou o Doobie, que raramente, ou quase nunca, é escalado para programas de televisão. Porque apesar de, teoricamente, o Doobie ser um grupo defensor dos mais louváveis ideais cristãos, na prática o seu som é marginalmente ex-

citante e impulsivo. Sensual, cativante e agressivo.

Desde o tempo em que o Doobie não passava de um obscuro trio nas montanhas de Santa Cruz, Califórnia, tem sido tradicionalmente uma banda de rock dançável. Seguindo esta linha, o público dançou animadamente sob a garoa que acompanhou sucessos da banda como "It Keeps You Running (vocal extraordinário do baixista Tiran Porter), mas, ao mesmo tempo em que o palco começava a ferver ao som de "Taking It to the Streets", o público ia se congelando sob uma tempestade pesada que, embora trazendo consigo o vento cortante das tardes na Baía de São Francisco, não conseguiu esfriar os ânimos da saltitante platéia do Doobie.

O percussionista John Hartman apresentou uma estupenda performance com os tímpanos, solando junto com o baterista Keith Knudsen. Ambos usaram baterias Rogers e a ressonância das duas baterias, quando tocadas simultaneamente, apagava o ribombar dos trovões que cruzavam o céu de Oakland. Aproveitando o ambiente de elevadas emanações, Tom Johnston introduziu "Jesus Is Just Alright". Tom apresentou-se com uma Gibson L6-S, enquanto Pat Simons fez uso de uma belíssima Gibson 335 (ambas em "natural finish") e o solista Jeff Baxter, uma Stratocaster. O baixo de Porter era um Alembic que, nos graves mais profundos, quase cuspia fora dos cones os miolos dos alto-falantes.

Com a entrada de dois músicos de formação eclética, o pianista Michael MacDonald e o guitarrista Jeff Baxter, ambos provenientes do Steely Dan, o Doobie Brothers recebeu uma valiosa dose do que se poderia chamar de potencial harmônico. As canções do grupo hoje são melodicamente mais ricas do que no tempo em que eram praticamente um grupo de Gospel. "Black Water" finalizou a apresentação do Doobie.

Fez-se um interminável intervalo de 90 minutos, durante o qual se ouviu Pink "Wish You Were Here" Floyd, Jimi "Electric Ladyland" Hendrix e Led "V" Zeppelin, sendo quase possível ver os grupos no palco.

Esta seleção foi particularmente embaraçosa porque lembrou ao público quão bom o som de rock pode ser. Desta maneira, o intervalo por pouco não foi melhor do que a apresentação dos grupos precedentes.

Da grande atração do dia — Um pequeno guindaste ergueu do chão uma enorme concha dourada que levou ao palco os componentes do grupo mais promissor da América. Em meio à veemente ovação, o Fleetwood Mac atacou "Go Your Own Way", e as 40 toneladas de caixas de som tremeram com o maior volume que tiveram de suportar naquele dia.

Mas o Fleetwood Mac não é só volume. A voz de Stevie Nicks é cristalina e agradável, formando um vocal perfeito junto à de Christine McVie.

Foi apresentado o mesmo show com o qual o grupo começou a atual turnê em fevereiro. Entretanto a performance no Oakland Coliseum foi incomparavelmente melhor que todas as antecedentes. O baterista Mick Fleetwood descarregou nas baquetas toda a euforia que os discos de ouro podem levar à cabeça de alguém que, como ele, batalha há uma década por um lugar ao sol no competidíssimo mercado musical americano. Mick usou um kit Ludwig com inúmeros tontons, surdos e pratos. Todos os tambores feericamente iluminados por spots.

Uma agradável surpresa o admirável desempenho de Christine nos teclados. Embora nos discos ela às vezes soe um pouco inibida ou mesmo embaraçada com as teclas, ao vivo revelou-se uma pequena virtuose. Canções como "The Chain" alcançaram um entrosamento perfeito no arranjo instrumento, levando o público a um semidelírio. Realmente, a base rítmico-instrumental do Fleetwood Mac está além de qualquer elogio. É realmente estupenda.

O Fleetwood usou no palco dois amplificadores Marshall de 100 watts para cada instrumento, sendo portanto oito ao todo. Lindsey usou um Martin Herringbone HD-28, uma L6-S e uma 335 com os mais diversos recursos, entre eles um "talk-box" (em "Gold Dust Woman") e um pedal Flanger. John McVie apresentou-se com um Gibson Ripper e um Fender Precision, enquanto Christine desdobrava-se entre um Fender Rhodes, marimba, vibrafone e alguns sintetizadores.

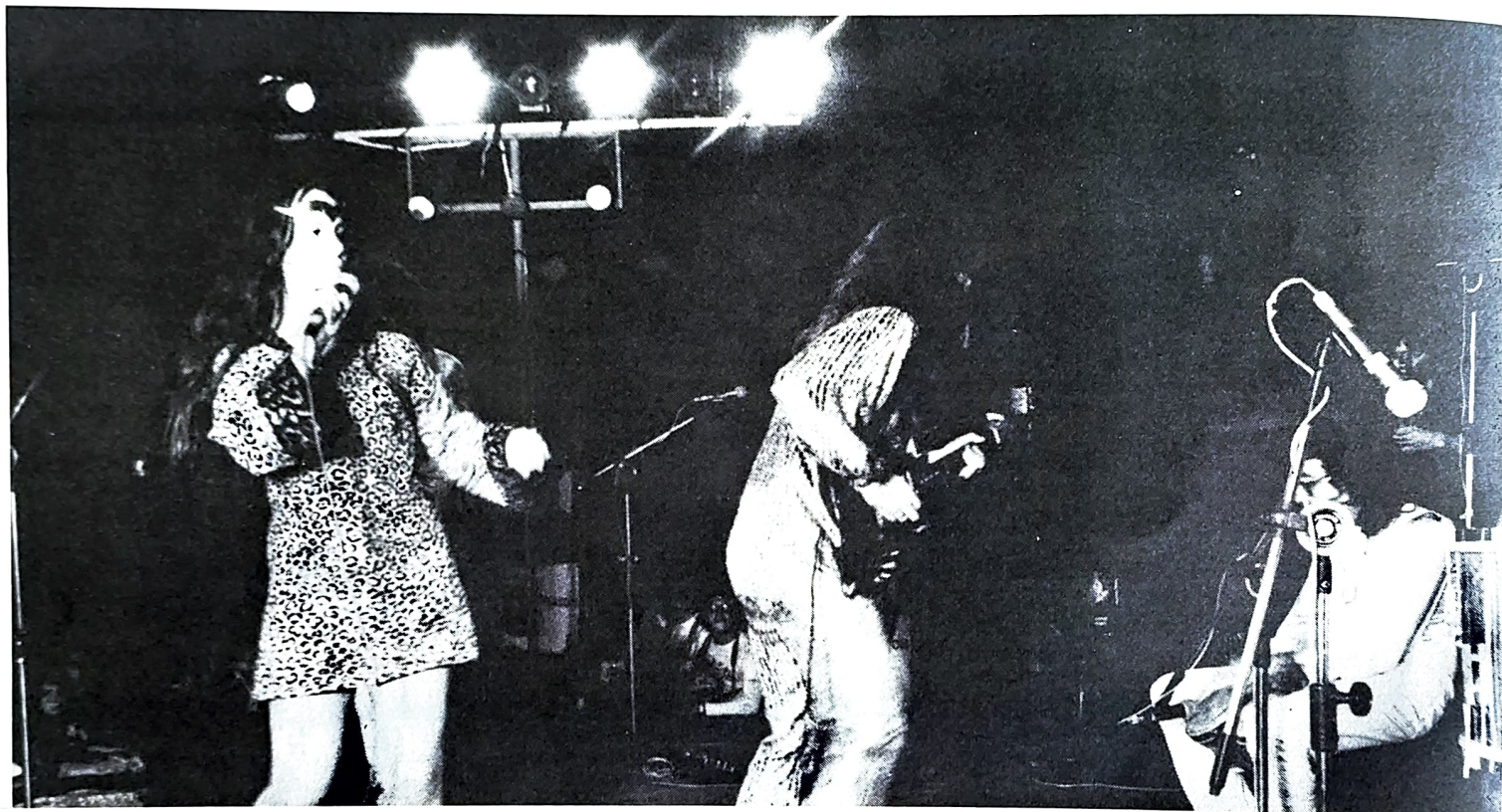
Canções dos álbuns anteriores do grupo foram também muito bem recebidas pelo público, tais como "Landslide" (excelente trabalho de violão de Lindsey), "Over My Head" e "World Turning".

Enquanto a L6-S de Lindsey Buckingham dava a introdução de "Never Going Back Again", até as paredes dançavam. O embalo do mais novo elemento do Mac levou o show ao ápice e, durante os precisos e sabiamente curtos solos, Lindsey demonstrou exímia perícia.

É extremamente agradável ouvir um grupo que não se deixa levar por devaneios e divagações instrumentais em intermináveis jam-sessions, onde cada um dos músicos sola e demonstra a capacidade que tem (ou não tem) por uma eternidade. O Fleetwood Mac é hoje em dia um grupo maduro, consciente e conciso, sem entretanto soar excessivamente mecânico, como uma caixinha de música.

Em "Oh Daddy", a excelente interpretação vocal de Stevie demonstrou os dotes vocais da ex-garçonete de night-club em São Francisco.

O grupo perfeito para o gênero "discothèque". A voz de Stevie e a guitarra de Lindsey são a senha para todos night-clubs da Califórnia. O som ideal para os vultos que vagueiam pela noite, fumando e bebendo a solidão da cidade grande.

Chorinhos e Baiões

Baby e Pepeu: um som pop latino-americano.

Sempre que os Novos Baianos lançam um disco na praça, tornam-se sucesso e são comentados pela perícia com que lidam com palavras, sons e criatividade. Portanto, este show é um reflexo do lançamento de "Caia na Estrada e Perigas Ver". Um disco onde o rock de Pepeu — de longe o nosso melhor guitarrista — está em perfeita harmonia com os chorinhos, baladas, baiões, etc. Assim, quem foi ao teatro da PUC viu bem quais são os caminhos abertos para a criação de um verdadeiro rock nacional, patropi.

E o teatro estava lotado, prova que o conjunto tem fãs conscientes do bom trabalho que sistematicamente apresentam. Apesar de incômodo — como são quase todos que apresentam shows musicais —, o TUCA mostrou ter se tornado mais um santuário pop. E para provar isso, os Novos Baianos deram um verdadeiro show. Em todos os sentidos, desde mostra de profissionalismo até uso de recursos bem simples, como percussões típicas, sons simples e muita animação.

Como sempre, é Baby Consuelo quem lidera o forró. E ninguém mais envolvente do que ela. No vocal, sua voz aparece muito bem, devido ao perfeito domínio — haja vista a rapidez de "Brasileirinho."

Quanto a Pepeu outra peça de destaque no grupo —, está cada vez mais tranqüilo e dominando a guitarra de maneira serena, consciente, inteligente. É muito rápido e produz sons de efeito entusiasmante. Está se atendo muito às raízes "blues", emitindo sons agudos e longos, bem como fez Hendrix, vários anos atrás. Isto não desmerece Pepeu, apenas dita sua linha — muito bem escolhida aliás.

O grupo também mostrou excelente performance. Estão todos unidos há muito tempo, tornando o entrosamento praticamente instintivo. Mesmo em sessões de improvisação, todos mantêm a mesma uniformidade, partindo ainda para shows solos, sem contudo quebrar a homogeneidade inicial. Destaque especial para a percussão e bateria, responsáveis por todo o balanço dos Novos Baianos.

Enfim, nestes dias em que o chorinho está com tudo, os Novos Baianos estão mostrando um material bom, em grande estilo. E mais: não se prendendo à marcação tradicional e usando os recursos da eletrônica para dar novas cores ao velho gênero musical.

Terminado o show, o público estava cansado e suado, com as pernas moles, resultado de duas horas de som com um conjunto alegre e comunicativo. Como deve ser um conjunto pop latino-americano.

(RVJ)

Mais do que nunca é preciso cantar, compor, dançar...

O Grupo AMA sabe disso e procura manter em seus cursos o melhor nível de ensinamento, tanto para os cursos amadores como para os profissionais.

GRUPO **ama**

ACADEMIA DE MÚSICA E ARTE JOSÉ BIANCARDI

Rua Gabriel dos Santos, 103 - Fone: 67-4879 (próximo à Praça Marechal Deodoro) São Paulo - SP. - Aberto até às 22 horas, com estacionamento próprio.

Humberto Brigatto Jr.

A busca de uma realização artística

Há sete anos afastada dos discos, Wanderléa volta a gravar, produzida por Egberto Gismonti. É uma nova fase de sua carreira, marcada, desde o final da Jovem Guarda, por uma inquietação envolvendo pesquisas e reformulações, que vão desde um show montado nos teatros dos subúrbios cariocas até a propriedade de um estúdio de gravações.

Algeo B. Cairolli

"Vamos Que Eu Já Vou": um novo tipo de música.

Ao assinar seu contrato com a Odeon, no início de 76, Wanderléa tinha conhecimento dos objetivos de sua nova gravadora, aos quais, entretanto, não se sujeitou de imediato. "Eles não sabiam o que fazer comigo, queriam qualquer caminho." Mas reafirmou sua proposição de "eu não vou deixar". E os reflexos dessa tomada de posição estão bem nítidos em seu novo disco produzido por Egberto Gismonti, "Vamos Que Eu Já Vou", e mesmo em seus trabalhos anteriores a ele, exemplos vivos de uma busca de novos caminhos e de uma definição para sua carreira.

Fórmulas gastas — Terminada a euforia da Jovem Guarda, duas apresentações no Festival Internacional da Canção — em uma delas defendendo o maxixe "Lourinha" e na outra "Charanga", semelhante a um baião — começam a fortificar a necessidade de definir rumos para um período em que ficou "vivendo da personalidade muito mais do que de um trabalho". Esse período, apoiado ainda em "fórmulas gastas", registrou a gravação de alguns compactos esporádicos e a primeira experiência teatral, em 73: o show "Wanderléa Maravilhosa", situação nada nova para ela, mas que surpreendeu o público, "porque eles viam a gente naquele breve momento fragmentado que a televisão dá oportunidade."

O retraimento em relação à tv conduziu a um afastamento de dois anos. Mas já estava decidido que seria em teatro que ela se redescobriria, "fazendo um trabalho de continuidade". Mesmo a infância — "fui cantora-mirim, daquelas crianças que têm compromisso todo fim-de-semana" — levou Wanderléa, em 75, a encontrar no espetáculo ao vivo razões para levar adiante sua carreira.

Depois do primeiro show, uma parada de mais dois anos até o encontro com Arthur Laranjeira, a quem expôs a idéia e necessidade de fazer algo diferente. "Foi um momento pessoal meu muito violento. Então eu estava precisando de palco." Formou-se o show "Feito Gente".

Ver para crer — A apresentação a novos compositores, por intermédio do novo produtor, satisfez "uma coisa de procura". A descoberta de identificação com esses autores gratificou-a muito, proporcionando uma espécie de desabafo em relação aos tempos da Jovem Guarda, quando se revela uma Wanderléa atenta a todo tipo de expressão musical: "Acontece que dentro da mpb existem vários caminhos. Todos esses caminhos, eu acho muito preconceituosos com o que a gente fez. Mas eu sempre ouvi tudo. Eu sempre acompanhei o trabalho dessa gente toda."

O contato com Sueli Costa, Luiz Gonzaga Jr. e Walter Franco e o pioneirismo na utilização de teatros do governo localizados no subúrbio compensaram os investimentos da intérprete, muito mais preocupada em ultrapassar "um momento existencial de uma profunda angústia de eu querer dizer coisas que me tocavam no meu emocional", do que recuperar os 75 mil cruzeiros de aluguel por noite de um instrumento de teclado.

A pesquisa e o dinamismo de um circuito de seis meses pelos palcos de Marechal Hermes, Campo Grande e outros locais, ainda retratavam uma "fase de transição", embora envolvessem uma equipe com iluminadores e cenários próprios.

Apesar de "desgastante", "Feito Gente" marcou o surgimento de um novo público para Wanderléa. "O meu público cresceu, evoluiu. Porque além de eu trazer o meu público antigo, pintava gente nova mesmo. Curiosos de ver para crer."

E não pararam aí as conseqüências desse show, que, à parte, foi documentado em disco gravado ao vivo.

Necessidades técnicas — Enfrentando dificuldades na montagem de seu espetáculo, arcando com todas as despesas, Wanderléa passou a ter uma visão maior das necessidades técnicas de um show. "Fui conhecer toda essa parte do lado de trás dos bastidores. Tanto é que depois do espetáculo eu comecei a me armar de uma forma técnica."

Foi iniciada a montagem de um estúdio, hoje instalado em Botafogo, no Rio: o "Grawason". Viajando aos EUA, trouxe um material de quatro canais, sendo sua idéia inicial montar uma espécie de laboratório em casa mesmo, a fim de realizar suas pesquisas musicais. A manutenção cara desse equipamento exigiu que suas experiências dividissem o estúdio com gravações de programas culturais, vinhetas para programas de rádio, playbacks para tv e jingles.

Mílton Nascimento ensaiou seu show lá, pois "fiquei com o estúdio quase um ano na mão. Só para mim e os amigos mais próximos".

"Vamos Que Eu Já Vou", o novo disco, preencheu uma outra necessidade, surgida após "Feito Gente": encontrar um tipo de música que a caracterizasse. "Eu comecei a fazer uma coisa de interiorização. Como se eu estivesse num

Algeo B. Cairolli

Wanderléa: da Jovem Guarda à produção de Egberto Gismonti.

novo ciclo, sabe?"

Na época da assinatura do contrato com a Odeon, ela formou um grupo com quem iniciou um trabalho de pesquisa rítmica.

Trabalho conjunto — Numa reunião em sua casa, Egberto Gismonti surpreendeu-se com seu interesse pela música de Stanley Clark e Herbie Hancock. Inesperadamente, Otávio Augusto, diretor do Sindicato dos Artistas, propôs que a dupla Wanderléa e Egberto Gismonti fizesse o próximo Show das Seis e Meia. "Eu achei fantástico. Seria uma aproximação com um tipo de música a que eu não tinha acesso."

No dia seguinte, Egberto foi ao estúdio para os acertos do show e entusiasmou-se com o material selecionado para o disco de lançamento. Conscientes dos objetivos em comum, os dois passaram a desenvolver esse trabalho em conjunto, sem comunicarem nada à gravadora. Garantidos pela Odeon, foram gravadas as 12 músicas em quatro meses, num clima onde a emoção de Wanderléa e os cuidados técnicos da produção e arranjos de Gismonti foram contrabalançados. "O Egberto é muito exigente. Mas foi um trabalho em conjunto mesmo. Até na escolha do grupo ficaram dois músicos meus e dois dele. Eu nunca me senti tão livre no estúdio."

Para Wanderléa, o novo disco significa novas descobertas. Como tons nunca alcançados por sua voz. Não é o sucesso, "uma coisa que não me embebedou", o que a atrai agora. "Eu já estou numa ansiedade louca do que vai ser o próximo..., uma coisa de descoberta, de ciclo. Ter oportunidade de renascer com o meu trabalho e ainda ter sangue, garra e tempo."

Maria Cecília

"Face a Face," um trabalho de grupo

Após quatro anos, a carreira de Simone promete grandes transformações. A partir de julho, o norte e o sul do país assistirão, pela primeira vez, a um show só seu. As canções de "Face a Face", seu novo disco, alguns sucessos antigos e a direção do festejado Antônio Bivar irão mostrar uma nova imagem da cantora. Coordenando tudo a eficiência de Mônica Lisboa.

Algeo B. Cairolli

"Primeiro de Maio", um presente de Chico e Milton.

Numa sexta-feira do mês de maio, os estúdios da gravadora Odeon, no Rio, foram invadidos por uma inesperada visita: uma caravana de 21 mineiros de Três Pontas. A visita, no entanto, não significava mero turismo. Era, na realidade, um trabalho. De fato, recrutado pelo conterrâneo Mílton Nascimento, um coro de vozes afinadas e entusiasmadas pode ser ouvido entoando a canção "Reis e Rainhas do Maracatu", tema dos Estudantes de Três Pontas. Mas esse é apenas um dos inúmeros cuidados que cercaram a gravação de "Face a Face", o último disco de Simone.

Um trabalho de grupo — Em quatro anos de carreira, Simone Bittencourt de Oliveira pode se vangloriar de um trabalho onde a qualidade de seu repertório foi sempre a tônica marcante. E mais: "Quatro Paredes" e "Gota d'Água", os dois elepês anteriores apresentaram, ao lado dos arranjos elaborados, a certeza de nomes como Hermínio Bello de Carvalho e Mílton Nascimento, na produção.

Desta vez, no entanto, a própria Simone, com o auxílio de Renato Correa — ex-Golden Boy —, se encarregou deste trabalho. "A decisão foi minha e a Odeon aceitou facilmente. Na verdade foi uma co-produção." A escolha dos músicos e os arranjos de "O Que Será", "Começaria Tudo Outra Vez" e "Jura Secreta" foram sugestões da própria cantora, "embora eu não conheça música". O restante dos arranjos foi feito em conjunto, pela equipe de músicos que acompanha Simone. "O objetivo era fazer um disco bonito, bem feito e com qualidade. E o resultado é um trabalho conjunto, de grupo."

Esse mesmo critério comunitário, "um verdadeiro trabalho de família", teve papel preponderante na escolha do repertório. A princípio eram 15, as músicas escolhidas. Mas no próprio estúdio, em apenas dois dias, os arranjos de base conseguiram uma considerável redução. E seis músicas: "O Que Será", "Jura Secreta", "Primeiro de Maio", "Razão e Fé", "Face a Face" e "Reis e Rainhas do Maracatu" quase completaram o disco.

Um presente: "Primeiro de Maio" — Mas "o maior problema é que as composições restantes não tinham unidade com o material já gravado." Ela gravou, então, "Começaria Tudo Outra Vez", que, ao lado de "Valsa Redonda", "Canoa, Canoa" e "Céu de Brasília", recém-compostas e escolhidas, completariam finalmente o disco, "com o clima desejado". De fato, para uma ambientação completa, Simone pediu aos autores que assistissem às gravações de suas composições. Assim, Suely Costa, Chico Buarque, Mílton Nascimento, Abel Silva e Francis Hime puderam acompanhar, no estúdio, o trabalho feito com suas músicas.

Os cuidados de Simone continuaram. Ela conseguiu, por exemplo, que a Odeon contratasse para esse disco os trabalhos de Novelli (baixo), Gilson Peranzetta (Teclados), Nelson Ângelo (guitarra) e Robertinho (percussão). Além, ainda, da participação de Beto Guedes, Danilo Caymmi e Zé Roberto, como músicos convidados.

"Na verdade, este disco era pra ser gravado em janeiro. Em dezembro, eu comecei a escolha do repertório. Mas quando o Mílton, inesperadamente, me convidou, no show do Ibirapuera, em São Paulo, acabei fazendo com ele toda a excursão pelo sul do país." E as razões eram fortes, "eu admiro muito o Mílton. Como autor e como gente. Nós somos irmãos." Nesse mesmo show, Mílton presenteia Simone, "falei com o Chico e a primeira parceria nossa é sua: Primeiro de Maio".

"Não sou radical" — Ao lado do clima eufórico que envolve a gravação do disco, um telefonema surpreende Simone. É Mônica Lisboa, ex-empresária de Rita Lee, com uma proposta de trabalho. "Eu já conhecia a Mônica há

Algeo B. Cairolli

Simone: "quero no show o mesmo som do disco."

uns 8 anos. Mas tomei um susto. E fui logo dizendo 'mas eu não sou do rock. E Mônica me respondeu, 'que é isso? Eu não sou radical'.''

Os entendimentos foram rápidos e já estão planejados shows por todo o Brasil. Um quinteto, ainda em formação, composto por teclados, baixo, bateria, guitarra e sopro – flauta e sax – acompanhará Simone, ''Eu preciso de uma base muito forte para me acompanhar e quero no show o mesmo som do disco''. No repertório, estarão as canções de ''Face a Face'', o novo disco, algumas músicas dos elepês anteriores e composições de Belchior, Fagner, Ednardo e, com as devidas explicações, ''muita gente vai cair da cadeira mas eu gosto muito dele'': Roberto Carlos. Somadas, ainda, à tradicional predileção por Mílton, Chico, Gonzaguinha, Fernando Brant, Toninho Horta e ''até lá se eu dominar o inglês'', alguma coisa de Nina Simone e Aretha Franklin.

Algeo B. Cairolli

''Se eu dominar o inglês, alguma coisa de Nina Simone''.

E mais: a orientação de Antônio Bivar, ''um nome sugerido por Mônica''. Na realidade, essa é a primeira apresentação individual de Simone e a escolha de um diretor torna-se facilmente explicável, ''ele vai me levar para o palco. Vai trabalhar para que eu consiga me soltar.'' O trabalho ainda está em fase de elaboração. Não se sabe exatamente como vai ser. Mas duas coisas estão certas: a procura de um cenário simples e de fácil montagem e a data de estréia, dia 27 de julho, no MAM (Museu de Arte Moderna, no Rio).

Texto: Maria Cecília

"Do meu lugar toda área que posso iluminar, ilumino. Tudo o que seja útil para todo mundo eu esclareço. Isso é muito difícil de fazer, mas sei que realmente esse é o meu talento. Eu sinto hoje em dia assim e sempre foi assim." Palavras de um músico. Somente um músico. Caetano Velôso.

"Morar em Londres diminuiu minha timidez musical."

Os dois teatros, na tradicional Praça Tiradentes, Rio, nos últimos tempos locais consagrados à Música Popular Brasileira, podem, desta vez, se orgulhar de apresentar ídolos para faixas diametralmente opostas de um mesmo público. De um lado, no João Caetano, reduto do famoso "Seis e Meia", Cauby Peixoto e Emilinha Borba relembram os sucessos da Rádio Nacional e, do outro, no Carlos Gomes, Caetano Veloso e a banda Black Rio prometem um show dançante.

Mas o dançante do espetáculo de Caetano não ficou só na promessa. Desta forma, foi providenciada até mesmo a retirada de cadeiras na sala de espetáculos para os que se animarem com o som funk da banda.

Esta, porém, não é a única novidade para o turbulento Caetano Emanuel Viana Telles Veloso, 34 anos, que no décimo primeiro ano de carreira acumula as glórias da co-liderança do último movimento na música popular, o Tropicalismo, a gratificante vivência na "swinging London" e uma produção musical das mais férteis do país.

"Sempre foi assim" — Desta vez, somam-se a essas experiências a novidade de "Bicho", um disco parcialmente dançável e "Alegria, Alegria", uma coletânea de artigos que englobam a revista universitária Ângulos, publicações underground como Verbo Encantado, Navilouca, Pólem, Flor do Mal, além das contracapas dos discos de Maria Bethânia, Walter Smetak, Tropicália e entrevistas concedidas pelo próprio Caetano.

Um múltiplo resultado que permite a lembrança de remotas declarações do compositor onde ele revelava o desejo de ser uma espécie de orientador/incentivador dos colegas. Hoje, no entanto, ele próprio reconhece a precocidade da afirmação "isso eu declarei muito cedo", embora o seu objetivo seja exatamente este. E mais: quando questionado a respeito da responsabilidade e utilidade de seu trabalho, responde: "vejo exatamente isso. Não o meu trabalho como sendo a bússola para todo mundo. Mas, do meu lugar, toda área que posso iluminar, eu ilumino. Tudo o que seja útil para todo mundo, eu esclareço. Isso é muito difícil de fazer, mas sei que realmente esse é o meu talento. Eu sinto hoje em dia assim e sempre foi assim."

"Quebrar o cerco do bom gosto" — Um posicionamento, por sua vez, facilmente detectado e explicável. No fim da década de 60, a ansiedade por novos dados era a tônica marcante em seu trabalho. A busca de novas letras, os versos em cortes cinematográficos (O mundo explode/ longe muito longe/o sol responde/o tempo esconde/o vento espalha/e as migalhas

caem todas sobre Copacabana — em 'Superbacana'), a inovação sonora, rítmica, da linha melódica e o uso das guitarras retratam suas composições.

Um trabalho enriquecido, ainda, pelo interesse despertado pela Semana de Arte Moderna, os manifestos de Oswald de Andrade, a descoberta dos poetas concretistas, Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari e a conseqüente revalorização da cultura nacional com regravações que, a exemplo de "Coração Materno", "quebravam o cerco do bom gosto vigente."

Atualmente, porém, "a ansiedade não é a mesma daquela época. Exatamente por novos dados, novos pontos de referência que eram absolutamente necessários para a gente naquele momento. De certa forma, isso é permanente e a gente está sempre querendo novos dados. Acho, hoje em dia, que muitas ansiedades desse nível foram satisfeitas, outras superadas e outras negadas."

Lagos: uma experiência de ver e ouvir coisas.

"Deslumbrante" — A recente viagem à África, em companhia de Gilberto Gil, para uma apresentação no Festival de Arte Negra, em Lagos, capital da Nigéria, é o melhor exemplo para a permanência dessa disposição. Participando como elemento da equipe de produção de Gil, Caetano permaneceu 15 dias em Lagos, um dia em Dacar e mais 15 dias viajando pela Costa do Marfim. "O Gil foi convidado, mas eu estava a fim de ir. Lagos foi muita experiência de ver e ouvir coisas. Uma experiência fascinante, principalmente pela sensação de estar num país africano atual. A Nigéria e Lagos representam isso de maneira quase violenta."

Impressões, na verdade, muito fortes. Dessa forma, as avenidas, os viadutos, o céu constantemente pardo e marcante doçura do povo são entusiasticamente citados pelo cantor. Uma palavra, porém, define a música africana "deslumbrante". "O Follow", por exemplo, é o maior nome na Nigéria. Ele tem um teatro próprio e um público enorme. Toca todos os sábados. Mas já é uma música mais sofisticada, com influência de free jazz e tudo."

Durante o festival, porém, no Village, uma espécie de BNH nigeriano, os vários restaurantes eram animados diariamente pelas movimentadas juju-music, música comercial africana, o hi-life, para dançar, e ainda Bob Marley "que eu adoro. Todas as noites você via o pessoal dançando essas músicas com as roupas Black Rio, os pisantes de várias cores, salto bem alto. Enfim, igual. Eu vivi muito isso lá na África e contribuiu para a gente ter outra visão."

Conseqüentemente, a influência musical não poderia deixar de existir. Mas por outro lado, algumas faixas de "Bicho" já haviam sido gravadas. Os traços da viagem, no entanto, marcam uma faixa do lado A. "Diretamente dessa viagem, saiu uma música que fiz em Lagos e que só vim botar letra quando voltei pro Brasil: "Two Naira Fifth Kobo". Ela vem diretamente das coisas que vi lá e dos sentimentos que pintaram em mim. Em janeiro, já tínhamos gravado algumas coisas. Só acrescentei essa música, pois o resto já estava escolhido. Já tinha "Odara", "Gente", "Tigresa", tudo já estava escolhido."

"Vibrações de vários pontos" — Tudo já estava escolhido e tudo era novo. Seguindo uma regra habitual ao lançar seus discos, Caetano anualmente apresenta composições novas. E uma das exceções talvez pertença a "Qualquer Coisa", elepê gravado em 1975, ao lado de "Jóia". Nele, o compositor canta sucessos alheios como "Lady Madona", dos Beatles, "Drume Negrita", um acalanto cubano, "Jorge de Capadócia", de Jorge Ben e "Samba e Amor", de Chico Buarque. Mas, "em geral, os meus discos apresentam composições novas. No caso de "Qualquer Coisa" e "Jóia", este apresenta um repertório basicamente de coisas novas. O "Jóia" seria o lançamento do ano e o "Qualquer Coisa", um apêndice."

Como um compositor/cantor idealizado, amado, detestado e inquestionavelmente cobrado sente a expectativa ante seu trabalho? "Eu deixo o meu trabalho correr normalmente. E sinto vibrações que vêm de vários pontos. Essa história da África é apenas uma delas. Agora, o modo de eu sentir o público que está esperando, de sentir o Brasil como está, o mundo e as pessoas próximas, contribui. Tudo isso contribui." Mas, mesmo assim, de uma forma inconsciente e "não de um modo muito pensado. Em geral, eu venho a compreender depois. No momento em que estou fazendo nunca sei claramente. Eu sei, mas não sei com palavras."

Caetano: "sinto vibrações de vários pontos."

O trabalho com Tom "me inibiu um bocado"

"Mas é rápido assim?" — Essa mesma atitude orienta, de forma tranqüila, o trabalho de criação de Caetano. Hoje, a melodia é composta com maior facilidade que a letra. Mas nem sempre foi assim. No princípio, era exatamente o contrário, a letra era feita em primeiro lugar.

E a descoberta pela nova forma de trabalho pode ser atribuída ao compositor João Donato. "Ele é uma das figuras que mais admiro. "Lugar Comum" é o meu disco predileto. Eu fiz a letra de "A Rã" com ele, que ficou linda. Fiz em junho e é uma espécie de "Águas de Junho", porque adoro "Águas de Março". Até ia botar esse nome, depois desisti. A partir daí, fiquei achando mais fácil botar letra em música. Quando fui fazer com o Milton Nascimento "Paula e Bebeto", cheguei na casa dele, ele cantou, me deu um papel e eu escrevi. Ele me disse 'mas é rápido assim?' Foi."

Caetano é um compositor de rara parceria: Gilberto Gil, Capinam, Torquato Neto, Rogério Duprat, Perinho Albuquerque, Mílton Nascimento e Chico Buarque — em trabalhos únicos e espaçados — formam uma lista que, tempos atrás, quase foi ampliada com um tradicional nome: Tom Jobim. Desta vez, no entanto, a intensa admiração de Caetano por Tom impediu o trabalho. "Nós nos encontramos em Londres e ele me disse que queria que eu fizesse algumas letras com ele. Quando voltei a gente tentou. Eu me senti muito inibido, mas consegui fazer um pedaço de letra muito bonito. Não é fácil fazer letra com o Tom. Ele toca piano e tem um clima muito forte. Me inibi um bocado." Agora, no entanto, já não há ansiedade, nem timidez, apenas uma tranqüila resolução, "se pintar, tudo bem."

"É exatamente o que eu estou procurando."

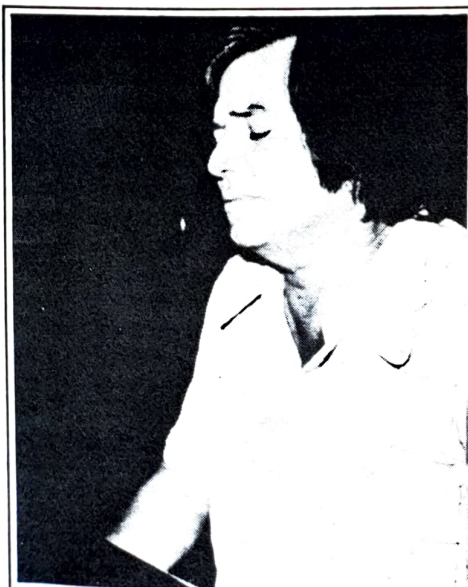
Em quase duas horas de espetáculo, no Teatro Carlos Gomes, Rio de Janeiro, "Maria Fumaça, Bicho, Baile Show" apresenta Caetano Veloso e a banda Black Rio em horários habituais durante a semana e, aos sábados e domingos, numa surpreendente soirée dançante.

Há exatamente um ano Caetano invadia os palcos do Brasil com os Doces Bárbaros (ele próprio, Gil, Gal e Bethânia) e, no ano anterior, se apresentava no espetáculo "Jóia" e "Qualquer Coisa" com o grupo Bendegó. Sinais reveladores que talvez possam aplacar a admiração agora despertada e que, somados a "Bicho", um disco "metade dançante", expliquem a opção por um trabalho dividido com uma banda "pro pessoal dançar", e uma opção, na prática impossível para Caetano, de ser apenas um mero crooner.

Mesclando canções do novo disco "Odara", "Gente", "Tigresa" e "Two Naira Fifty Kobo" com as tradicionais "Alegria, Alegria", "Qualquer Coisa", "Atrás do Trio Elétrico", "Chuva, Suor e Cerveja" e "London, London" Caetano pretende somente que o público dance e se divirta. E ele próprio define o espetáculo:

"Eu estava querendo fazer um show depois do disco e arranjar uma banda de peso. Isso para que o show tivesse o pique de música de peso, música mais animada, para dançar mesmo. Pensei em procurar o Oberdan (Magalhães, líder da banda Black Rio) para que ele me aconselhasse. Eu sabia que ele estava transando uma banda e um trabalho com o Dafé. E até pensei que fosse um trabalho fixo. Pensei 'de todo modo eu vou telefonar porque ele conhece todo mundo aqui no Rio'. Quando eu estava pensando nisso, ele pintou na minha casa. Trouxe a fita do elepê e pediu a minha opinião. Eu achei espetacular. Já tinha ouvido alguma coisa no disco do Dafé, mas nem sabia o nome da banda, nem nada. Sabia que eles queriam fazer uma coisa funk. Aí, o Oberdan me disse que a banda era uma coisa separada, com disco e nome. Achei genial. E pensei 'seria ideal uma banda com esse nível, com esse peso, tocar comigo.' Mas não propus ao Oberdan por modéstia, pensei que não interessasse. Mas ele próprio me perguntou com quem o Gil estava tocando pois eles queriam tocar com alguém. Comigo mesmo se eu quisesse. Eu disse, 'puxa, é exatamente o que estou procurando'. Porque o show é bem uma apresentação da banda. Eu estou presente, a minha transação se dá por inteiro. É bacana, mas é bem mais uma apresentação da banda. E eu fiz questão que fosse assim, porque eles são músicos muito bons. No Brasil, tem muito instrumentista bom, muito músico bom e não tem muito mercado. E quanto mais a gente puder trabalhar nesse sentido, melhor. Esse aspecto tem muita importância para mim.

O nosso trabalho foi assim: eu mostrei o meu repertório ao Oberdan e aos outros componentes da banda e eles concordaram. Acharam uma boa. Durante a feitura, eu fiquei bem. Eu ofereci o repertório e não fiquei omisso, dizia o que achava legal e o que não achava. Mas interferência propriamente musical eu procurei não exercer nenhuma. Primeiro, porque eles são músicos de 10.000 anos luz a mais do que eu. Eles são instrumentistas de muita transação musical. E eu tenho uma relação respeitosa com eles. Hoje em dia, eu tenho a cabeça mais livre e por isso é que deu para fazer exatamente esse trabalho. O sentimento musical deles é muito jazz-Rio. Quer dizer, samba e jazz carioca, que é a formação musical de quase todos eles. Agora, o resultado é de nível elevadíssimo. Musical, profissional e sob todos os pontos de vista. E cada um deles, individualmente, é um grande músico. Então, eu conseguir, hoje em dia, conviver numa boa, num trabalho com esses músicos é uma coisa espetacular. E eu acho que é espetacular para o ambiente. O que eu vi ontem na estréia, o que eu pretendo continuar vendo na temporada, tanto aqui como nos outros lugares em que a gente se apresentar, é que isso é uma coisa boa. Uma coisa que realmente é produtiva para o ambiente de música no Brasil."

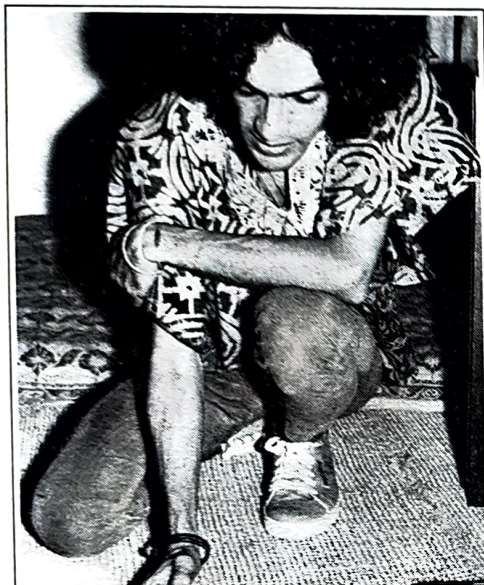
Bicho: nova fase de Caetano

Tom e Donato: diferentes fases...

...de um mesmo trabalho.

Uma experiência radical — Exatamente por este mesmo processo, a princípio a timidez e mais tarde a tranqüilidade — passou o músico Caetano Veloso. Uma frase é suficiente para definir a situação: "Tenho timidez com músicos. E fico um pouco cerimonioso."

Fato que não impediu, contudo, um trabalho musical e uma longa lista de discos e shows marcados, muitas vezes, por experimentações, de um lado, e novos arranjos/grupos, de outro.

Em "Domingo", (67) o primeiro disco (dividido com Gal), foi também a estréia de Dori Caymmi, Francis Hime e Roberto Menescal como arranjadores. Logo depois, os Beat Boys, descobertos por Guilherme Araújo, no Beco, em São Paulo, e os Mutantes proporcionavam um relacionamento e um trabalho musical de novas proporções. "O Dori e o Francis estavam experimentando, fazendo os arranjos. O Dori transava a base. Chamava o baterista e tal, fazia tudo ali. E a gente curtindo. Ele pegava a harmonia da música comigo e fazia o que achava que

devia. Ficou muito bonito. Com os Beat Boys, era uma coisa de mostrar a música e ouvir sugestões. E sugerir também. Os Mutantes com quem excursionei eram geniais. A criatividade deles era inacreditável. Agora, eu sou tímido com músicos. Me sinto limitado musicalmente. Sou um pouco menos hoje em dia. Mas ainda sou.

Caetano: "me sinto limitado musicalmente"

Oprimido musicalmente — A experiência atual, o trabalho com a banda Black Rio, classificado por ele próprio como radical, parece uma conseqüência do período vivido em Londres. Lá, o primeiro disco, "Caetano Veloso", foi totalmente feito com músicos estrangeiros e a experiência assumiu aspectos, sem dúvida, estimulantes para o músico Caetano. "No Brasil, eu me sentia muito oprimido musicalmente. Tinha vergonha de tocar violão. Achava que não manjava de harmonia e tudo isso me intimidava. Em Londres, os produtores e os músicos demonstraram um grande respeito musical pelo que eu fazia. Um respeito estritamente musical. Então, isso me deu maior liberdade."

E, de fato, os resultados foram rápidos. No disco seguinte, "Transa", também gravado em Londres, a situação já era outra. Além da segurança musical, a possível volta ao Brasil produziu efeitos animadores. E mais: Caetano mandou chamar Macalé, no Rio, Moacir Albuquerque, na Bahia, o Áureo "que tinha pintado lá" e junto a Tuti Moreno "a gente gravou e fez shows na Inglaterra, França e tal."

Dessa forma, Macalé substituiu Gilberto Gil "que transava e ajudava". Com Macalé, eu tinha menos timidez. Por outro lado, ele já era meu amigo há muitos anos. Com ele, eu transava arranjos junto. Por isso, eu gosto muito de "Transa". Eu transei muita coisa com o Macalé e o pessoal. O fato de eu ter ido morar em Londres diminuiu bastante a minha timidez musical.

Apesar dos bem sucedidos resulta-

"Uma nova marca de sabão em pó no supermercado de idéias"

Waly Sailormoon, ou melhor Salomão, ou melhor Sailorsun, é um talento múltiplo. Poeta, letrista, diretor de shows, descobridor de talentos, editor e admirador da sabedoria oriental são algumas das facetas desse baiano afável e sorridente, cidadão de Itapoã, do Rio e de Nova Iorque.

Na verdade, "Alegria, Alegria", o livro de Caetano Veloso, não é a primeira experiência de Waly, pois, em 1973, ele fez exatamente o mesmo com os textos do poeta e jornalista Torquato Neto, editando "Os Últimos Dias de Paupéria".

Em 1968, conviveu com Caetano e Gil em São Paulo, em pleno Tropicalismo. E três anos depois, em 1971, dirigiu Gal Costa no show "Fa-Tal", onde a cantora adotou uma nova imagem. Nesse mesmo show, Gal lançava um novo compositor, morador do Morro de São Carlos e descoberto por Waly: Luís Melodia.

"Me Segura Que Eu Vou Dar Um Troço", seu livro, "um incremento para novas gerações", é lançado em 1972, "por ocasião das retrospectivas da Semana de Arte Moderna de 1922". No ano seguinte, Sailormoon foi um dos editores do jornal underground "Verbo Encantado", em Salvador.

E finalmente, em 1974, ao lado de Macalé criou um dos melhores discos de música popular, "Aprender a Nadar". Ambos foram responsáveis pela linha Morbeza Romântica, uma saudável mistura de morbidez com romantismo. "Rua Real Grandeza", "Anjo Exterminado", "Senhor dos Sábados" e "Faquir da Dor", texto de Waly, são algumas das excelentes composições do disco.

Sailormoon passou todo o ano de 1975 em Nova Iorque. E, curiosamente, lá nasceu a idéia da Pedra Q Ronca, numa semelhança aos livros de Chuang Tzu, "um cara da China milenar e autor de um livro maravilhoso que vi na casa de Alen Gingsberg". No livro, Tzu faz alusão à passagem do vento pelos bambus e à perfeita imitação de sons de flauta. Fenômeno semelhante, portanto, à pedra que ronca, em Itapoã, "onde não se sabe se a pedra ronca por si ou se é o vento e a água passando pelas suas fendas e cavidades".

No seu tranqüilo apartamento, na Gávea, por entre fotos de Itapoã e da África, Salomão fala de Pedra Q Ronca e de sua primeira obra: "Alegria, Alegria".

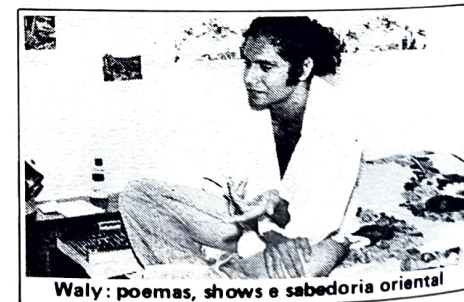
MÚSICA — Por que o início da editora com um livro de Caetano Veloso?

WALY — *Nós, poetas baianos, não somos nada soturnos. Somos poetas luminosos, solares. E Caetano é o mais solar, o mais luminoso de todos os poetas baianos. Por isso, eu imaginei começar a editora fazendo essa reciclagem de textos de Caetano. Uma recauchutagem de sucata, do refugo já publicado entre 1965 e 1976. Pelo menos, os que eu acho que ainda possuem uma potencialidade, uma capacidade muito grande de modificação, de transformação.*

MÚSICA — Qual a idéia básica e o objetivo do livro?

WALY — *A gente está começando a fazer esse trabalho de reciclagem par a par com o conhecimento do esgotamento de recursos naturais, minas de carvão e petróleo unido à idéia de remanejar os materiais já usados. Eu via muita gente cobrando de Caetano pronunciamentos de coisas que ele já dava por anteriormente ditas. Era o já falado. A ele não interessava, era a repetição. O livro, eu o fiz para reunir o já falado como um alimento para as novas gerações. A gente está fazendo um livro que ainda tenha a capacidade de ativar, de mostrar o quanto Caetano pensa bem e justo e escreve bem.*

MÚSICA — Como surgiu o nome caetanave? E como foi feito?

WALY — *A idéia da caetanave partiu de mim. Caetanaves são os trios elétricos que desfilam no carnaval em Salvador, em forma de nave espacial. Então, para substituir a palavra coletânea ou seleção, eu usei caetanave. O nome "Alegria, Alegria" foi de Caetano. A capa foi concepção minha. Ela é baseada em coisas elementares, cores. Acho que ela tem uma finura estética (desculpe a imodéstia). Tem o vermelho bright, o vermelho Iansã. O branco das letras Caetano Veloso e de Pedra Q Ronca é de Oxalá. E "Alegria, Alegria" e Uma caetanave organizada por Waly Sailormoon, o amarelo de Oxum. Três orixás, portanto. A contracapa é uma foto de Dedé para um show em Paris e a outra é a pedra que ronca, em Itapoã, feita por Marta Braga. Mas nós fizemos o livro em harmonia.*

Waly: poemas, shows e sabedoria oriental

MÚSICA — E a seleção dos textos?

WALY — *Nós fizemos o livro em harmonia. Em cinco meses selecionamos os textos em conjunção, em consonância um com o outro. Eu fiz esse trabalho usando a tesoura, a fita colante e procurando nos lugares. Caetano me lembrava certas entrevistas e eu lhe mostrava muitas que tinha. Fui até a Biblioteca Nacional copiar os textos do Pasquim. Coisas assim. Ele me mostrou alguns inéditos e eu coloquei esse título "Alguns Inéditos". A princípio, a gente selecionou alguma coisa. Mas depois acabamos colocando tudo junto. Isso para não fazer um livro já todo cortado para o leitor, todo perfeitinho. E resolvemos*

fazer um livro que as pessoas gostem de tantas páginas e detestem tantas outras. Enfim, dar essa liberdade de escolha, de armar, ou de rearmar o livro em vez do livro pronto.

MÚSICA — O livro é facilmente encontrado nas livrarias. Qual a tiragem e os cuidados para essa distribuição?

WALY — *Editamos, a princípio, 10.000 volumes. E já estamos rodando mais 10.000. Nós enfrentamos alguns problemas infra-estruturais. Mas fizemos tudo por um caminho bem pensado. E não queríamos uma distribuição tipo mão a mão, amadorística. Nós pensamos em fazer uma distribuição eficiente. Como era um livro de Caetano, que as pessoas o encontrassem nas grandes livrarias. Pedra Q Ronca quer roncar dentro do existente. Quer uma distribuição bem eficiente, estruturada e não do tipo uma menina hippie do Tatuapé tem o livro ou um menino desbundado de Botafogo tem o livro. É para qualquer pessoa que queira comprar um produto. É uma espécie de nova marca de sabão em pó no supermercado de idéias.*

MÚSICA — Qual a receptividade a "Alegria, Alegria"?

WALY — *Algumas pessoas reclamam da ausência de notas de rodapé, explicações sobre as revistas e jornais que continham os artigos de Caetano. Eu acho uma exigência pseudo-historiográfica essa de orientar, com notas explicativas, as novas gerações. Além de uma vontade paternalista, essas pessoas estão desconhecendo uma das coisas que melhor define as novas gerações: a vontade de mergulhar direto, de boca, sem intermediários, nas coisas. Essas explicações criariam uma opacidade entre o leitor e o livro. E a gente se descartou disso para ter uma coisa mais simples e uma ordem cronológica conforme as matérias. Eu só boto a revista ou jornal e a data do texto quando encontrava. Eu não fiz o livro para eruditos, professores universitários. Eu fiz o livro para a juventude. E com notas de pé de página, o livro se tornaria maçante e massudo.*

MÚSICA — Quais os planos futuros para Pedra Q Ronca?

WALY — Pedra Q Ronca não vai se manter só em publicações de livros. Embora a mesma reciclagem seja feita com Gil. O trabalho vai se chamar Gilbertália e pela primeira vez aparecerá como tradutor. Ele vai traduzir uma obra de um iogue de Bombaim com ensinamentos de mestre e discípulos. A busca do saber. Mas uma das coisas que também estou pensando chama-se Pedra Q Ronca, Edições e Produções Artísticas. Estou fazendo um trabalho, desde fevereiro, com Luís Melodia. Nestes meses surgiu a idéia de dirigir um show dele, que se chamaria "Eu quero é mel".

Perinho e Macalé: o desembaraço e a inibição.

dos, na volta ao Brasil, Macalé resolveu isolar-se no seu trabalho. Caetano incentivou, então, Perinho Albuquerque, irmão de Moacir, a deixar a Bahia e trabalhar com música. "Ele é um músico autodidata. Tem uma formação cada vez mais rica que adquire sozinho. E de uma certa forma, eu que tinha saído de um trabalho com Macalé, voltei a sentir um pouco de inibição. Mas Perinho dá muita segurança, faz as coisas muito certo, é muito nítido. Eu tenho trabalhado com ele todo esse tempo. Ele transa os arranjos e a produção."

Amadorístico, mas lindo — Em 1973, porém, Caetano fez um disco onde não havia produtor, nem arranjador. Só a sua criatividade, solta/livre, e a presença de Marcus Vinícius, o técnico de som. O disco é um dos grandes fracassos de vendagem no Brasil. Mas, por outro lado, é um dos prediletos do compositor, além de merecer uma classificação especial "talvez o meu disco mais pessoal." Em uma semana, hospedado no Hotel Jaraguá e gravando, ao lado, no Estúdio Eldorado, o trabalho foi fortemente marcado pela improvisação que alcançou inclusive os versos das músicas. E, até mesmo o guitarrista Lany, Perinho e Rogério Duprat, músicos decisivos para o resultado final não sabiam exatamente o que estava sendo feito. "Eu descia do hotel e passava o dia no estúdio. O Marcus Vinícius é a única pessoa que viveu a transação do *"Araçá Azul"* comigo. Ninguém podia entrar no estúdio. E eu ficava superpondo voz, percussão, batendo no peito, batendo palmas, tocando piano. O resultado do disco eu acho amadorístico. Tem hora que parece trilha sonora de curta metragem amador. Sem imagens. Aquele "Sugar Cane Fields Forever" é bem assim. É um disco que eu acho lindo, lindíssimo, lírico."

"Eu faço o que quero — Frente a uma instigante carreira marcada pelo inegável talento, arrojo ante novas formas/fórmulas, discos revolucionários e inovadores qual a real importância de um trabalho empresarial? Guilherme Araújo, seu empresário, acompanha-o desde o início de sua carreira. E o acompanhou a Londres também. Na verdade, não só acompanhou como escolheu a própria cidade.

Nessa época, o próprio Caetano confessava seu temor ante um trabalho fora do país. Aqui "havia uma certa dificuldade, por parte de certas pessoas, em topar a figura do Guilherme." Na prática, contudo, os temores revelaram-se infundados. "E transar com os profissionais em Londres foi mais fácil que no Brasil." Ex-profissional de televisão, Guilherme empresariou, a princípio, Maria Bethânia, e mais tarde Caetano, Gal, Gil e Macalé. Hoje, somente Caetano e Gal continuam empresariados por ele.

Caetano é taxativo, "sou muito amigo dele. A minha visão do Guilherme é a mais positiva possível. Eu sou muito amigo dele. Nós todos somos amigos dele e mesmo os que não estão mais trabalhando com ele, como o Gil, por exemplo, é amigo dele. Ele é um empresário especial, sui generis. Às vezes, ele demonstra uma ineficácia empresarial como se não fosse um homem de negócios, um profissional. Ele é um homem de muita sensibilidade e isso é que possibilitou esse trabalho com a gente. Ele participa das coisas que a gente tem feito. A dificuldade de relacionamento empresário/artista é acentuada por Caetano, mas o seu trabalho com Guilherme apresenta aspectos um tanto diferentes. "Eu faço o que quero. E não faço o que não quero. E o mais importante é que ele me entende." E embora Maria Bethânia tenha declarado, certa vez, não trabalhar mais com ele "pela mistura coração com profissão", Caetano usa a mesma argumentação para reafirmar sua confiança "eu, só posso trabalhar assim".

Araçá Azul: "o meu disco mais pessoal".

Rafael Varela Jr.

Um sucesso difícil

O Gentle Giant é um grupo com integrantes da mais pura raiz do rock. Fazem um som inteligente e não-comercial, próprio para quem se interessa e não para quem espera ouvir uma música para dançar no sábado à noite.

Medieval, jazz e rock: influências decisivas.

Como todos os grupos de rock'n' roll que se prezem, nasceram de alguma influência oriunda dos Beatles. E não tem como ser diferente já que, para a Inglaterra, o rock difundiu-se através deste quarteto de Liverpool. Ao contrário dos Estados Unidos, onde se ouvia o som de Elvis Presley e Bill Haley. Para estes difusores do gênero, a influência estava nos pretos — Little Richard, Chuck Berry, Muddy Waters, Ottis Redding, Wolling Wolf, etc.

E como tantos outros, o Gentle Giant estava também no rol de fãs que, em 63, dançou e vibrou ao som de "Please, Please Me", de Lennon e McCartney. Foi então que três irmãos — Derek, Phil e Ray Shulman — decidiram ficar amigos deste Gigante Gentil que até hoje continua cativando, caminhando pelo mundo atrás de ouvintes mais atentos que saibam diferenciar sonsices como Moody Blues, Tangerine Dream, Supertramp e outros intragáveis aliados ao fácil som extraído dos sintetizadores, moogs e mil pedaleiras de guitarra que tanto distorceram a original finalidade do som dos Beatles.

Um som não-comercial — A princípio, sem grandes pretensões, tocando apenas em universidades, os irmãos Shulman uniram-se a Sturminster Newton, Kerry Minnear e Gary Green para levar um pouco mais a sério aquele estudo de música que vinham, até então, aprendendo no curso da faculdade. Já nesse ponto, o então empresário Gerry Bron queria vê-los no palco, faturando alto e comercializando sua música. Rebelando-se contra esta determinação, o grupo trancou-se em um quarto e ensaiou durante três meses ininterruptamente. Resultando: o primeiro elepê, "Gentle Giant", fruto de toda esta busca por um trabalho próprio e não-comercial. Como produtor, nada melhor que o badalado Tony Visconti — Lou Reed, David Bowie, Kiss, Sppoky Tooth e outros tiveram seus melhores trabalhos produzidos por ele —, para mostrar, quem sabe ao mundo, o primeiro trabalho feito seguindo e explorando a linha musical de cada membro do grupo.

Ao contrário das expectativas, foi um disco solenemente ignorado pelos críticos e pelo público, não dando continuidade ao trabalho estipulado pelo produtor Visconti. Desligaram-se dele e partiram, em 1971, para o segundo disco, "Acquiring the Taste", com produção própria. Os resultados foram melhores e, então, decidiram integrar Malcom Mortimore à bateria, regrando ainda mais o som do Giant.

Com três influências decisivas — medieval, por parte de Kerry, jazz, vindo de Ray e rock, com Derek — o Giant estruturou seu novo "modus operandi". Resultado: "There Friends", em 1972. Foi o disco de abertura aos mercados americanos e mundiais, até então céticos em relação a eles. O sucesso nas paradas, apesar do som não-comercial, deu aos componentes do Giant a certeza da possibilidade de ser feito um som elaborado, requintado, sofisticado e ainda estourar pelo mundo.

Nova mentalidade — Claro que o som do Giant não é coisa de sete cabeças, impossível de decifrar, ou mesmo uma chatice maçante. Nada disso. É um som feito por músicos inteligentes, sábios e maestros. Não são simplesmente pessoas que caminham para o som fácil, digerível por adolescentes e praticáveis em bailinhos de fim-de-semana, onde há uma obrigação de se fazer música para dançar. É música elaborada, onde o ouvinte vai descobrindo novos sabores, novas cores, novas colocações, uma abertura infinitamente ampla para os padrões modernos, onde Genesis e Pink Floyd vivem tranqüilamente de sons já ultrapassados.

Com o Giant, o ouvinte redescobrirá novo gosto pela música e a cada faixa um novo universo lhe é apresentado. Para isso, é necessário relaxar, fechar os olhos, serenar os ímpetos e *ouvir* o disco.

Novos discos, velhos preconceitos — Vieram, a partir daí, novos discos — "Octopus", 1973, "The Glass House", mesmo ano, "The Power and The Glory", 74 (com lances políticos de corrupção e suborno), "Free Hand", 75 —, mas todos marcados com a mão da suspeita por não-vendagens até então empregada pelas gravadoras. Mas foi com Free Hand que veio uma nova etapa para o grupo. Assinando com a Chrysalis, que os conhecia desde o tempo em que abriam shows do Jethro Tull, uma nova liberdade foi dada ao grupo, surgindo, assim, talvez o seu melhor disco.

Em 1976, com "Interview", o Giant conseguiu sua consagração. Deixou de ser conhecido como "A Mais Desconhecida Banda Inglesa que já Conseguiu Colocar 10 Álbuns no Mercado" e passou a ser considerado com todo o mérito que merece. Seus integrantes são vistos como excelentes músicos e todos aqueles que apostaram no total esquecimento do grupo estão agora escrevendo críticas elogiosas às músicas inventivas, originais e infinitamente superiores àquelas feitas por seus concorrentes no já saturado mercado internacional de rock'n'roll, gênero que o Gentle Giant soube, de forma correta, extrair daqueles quatro garotos de Liverpool.

INSUPERÁVEIS COMO EM ESTÚDIO

Este álbum duplo, gravado ao vivo, e recebendo o nome muito próprio "Playing The Fool", vem provar que todos aqueles sons elaborados que o Gentle Giant cria nos estúdios são perfeitamente reproduzíveis para os shows ao vivo. E já estava na hora da Phonogram, através de sua etiqueta Chrysalis, lançar este disco ao vivo. Para dar uma brecada nos álbuns "piratas" que os mais espertos estavam lançando no mercado internacional.

O disco conta com a formação de três discos anteriores. Com Gary Green (25 anos), nas guitarras, bandolim e vocal; Kerry Minnear (27 anos), nos teclados, vibrafone, flauta, cello e vocal; Derek Shulman (28 anos),no sax, baixo e vocal Ray Shulman (26 anos), com baixo, violino, viola, trompete e vocal e John Weathers (29 anos), na bateria, percussão, vibrafone e vocal.

As músicas do disco são retiradas de elepês anteriores e vestidas com nova roupa. Assim, o disco inicia com "Just the Same", acoplada a "Proclamation", junto a esta, as mais fortes e rápidas são "The Glass House", "Free Hand", "I Lost My Head" e "Peel the Paint". As faixas mais elaboradas, aquelas que se imaginava feitas somente em estúdio, estão aqui com mais vida e a mesma força inicial, "On Reflections", "Funny Ways", "Excerpts from Octopus" e há ainda o maravilhoso brinde, feito por Gary Green em "Breakdown in Brussells", com um banho de bandolim e percussão.

Enfim, um disco para levar o Gentle Giant ao verdadeiro posto que ele merece: o sucesso.

Meninas muito, muito Frenéticas

Rafael Varela Jr.

"Para os shows colocamos todas as idéias numa peneira. Jogamos fora o que não presta. Pegamos o que sobrou e colocamos num liqüidificador. O resultado é o que apresentaremos."

Rubens B. Campo

Tudo é válido, puro e sincero

Quem duvida, que chegue perto. A energia das Frenéticas é totalmente contagiante e, de um momento para outro, você até mesmo se sente parte física e mental integrante deste grupeto amalucado. Tudo nelas é diferente, desde a forma de se tratarem mutuamente até como frenetizam qualquer ambiente, "até mesmo o mais puro deles". Falam todas ao mesmo tempo, e falam tanto que, caso se fechem os olhos, vai-se pensar que está em plena feira livre, onde cerca de duzentas pessoas estão a sua volta falando ininterruptamente.

Elas ainda não entenderam bem este sucesso rápido (tudo aconteceu em apenas um ano) e não se sentem nem um pouco "estreladas". Todas elas — Sandrix, Tia Rege , Lidoka, Leiloka, Nega Dudu e Nega Didi — não estão "numas de profissionalismo no sentido de marcar passo de dança, ensaiar canções e outras baboseiras mais. A gente entra em cena, sobe no palco, mas dança como se estivesse fazendo parte do público. Somos simplesmente frenéticas. Queremos levar a todos alegria, sem preocupações, medidas e linhas. Tudo é válido, tudo é puro e sincero. Tem que ser, como princípio básico, contagiante".

Tudo é festa — Ouvir ou estar com as meninas é sentir-se em plena festa. Imagine então o que significa vê-las fazendo um show. Em junho, elas realizaram uma temporada de três semanas na discoteca Tropicana, no Rio. Quando todos se acomodaram para ver um simples espetáculo, o que aconteceu mesmo foi um quadro alucinante, onde seis pequenas cantavam, dançavam, tremelicavam, mexiam, remexiam e tudo o mais possível. Individualmente, cada uma é também frenética "a seu modo". Cada uma tem sua mania, seu gosto, seus desejos e aspirações.

Cada Frenética é livre para agir e pensar como quiser, e qualquer resolução ou decisão do grupo é tomada mediante aceitação de todas. "Nós falamos o que sentimos. Por exemplo, se for para um show de TV, cada uma dá idéia de como será a roupa, cenário, que músicas cantar, etc. Colocamos então todas estas idéias numa peneira. Jogamos fora o que não presta. Pegamos o que sobrou e colocamos num liqüidificador. O resultado é o que, então, apresentaremos."

Elas estão agora escrevendo a letra para uma futura música do elepê. Pode-se pensar em termos de ele parecer com uma salada mista. Pois é isso mesmo! Cada frase tem um pouquinho de cada uma delas, de seus dialetos, de suas brincadeiras. Preferiram não contar nada sobre o tema, "pois é surpresa e se a gente contar antes, deixa de ser, certo? "Mas já adiantaram o nome da música, também na base do trocadilho: "Vocal-bulário".

As meninas piradas — O dossiê de cada uma delas é tão louco como o som produzido. Sandrix, nascida Sandra Cristina Marzullo Pera, tem 22 anos, trabalhou como atriz em várias peças de teatro e é irmã de Marília Pera. Morena, signo de Virgem, é para o grupo Sandra Tom, devido à facilidade em aprender as notas certas das músicas.

Quando seu cunhado Nélson Motta começou a preparar a estréia no Frenetic Dancin'Days (discoteca carioca de sua propriedade), Sandrix foi praticamente a primeira a colocar seu nome na lista de pretendentes. "Como estava sem emprego, achei genial a idéia de ser garçonete, relações públicas e "hostess". A idéia de que fôssemos cantoras surgiu algumas horas depois de inaugurada a discoteca. Em quinze dias ensaiamos e preparamos um número sem pretensão alguma, simplesmente a de divertir e brincar com os freqüentadores. Daí, aconteceu tudo isso que está aí hoje. Sem estrelismo, sem pretensões. A coisa foi acontecendo."

A segunda Frenética é a charmosa Tia Rege. Nascida sob o signo de Touro, a loira carioca do Leblon já foi jornalista, publicitária e até assessora de imprensa do Ministério da Indústria e Comércio. Foi com a peça "Jesus Cristo Superstar" que Regina Marian Chaves iniciou na carreira artística.

Dulcilene Moraes, a Nega Dudu, é uma mulata fulgurante. Também carioca (de Nova Iguaçu), ela nasceu sob o signo de Escorpião. Tem 26 anos, trabalhou em diversas peças musicais, entre elas "Hair" e "Jesus Cristo Superstar". Para o grupo é a Gogó de Ouro, já que é solista quando precisa.

Leiloka, à primeira vista, parece ser a líder do grupo. Mas diga isso a ela e ouvirá: "Aqui não tem nenhum índio para se ter chefe. Todo mundo já é bem grandinho para saber o que está fazendo". Acontece que sua simpatia e humor são cativantes demais. Brinca com tudo, está sempre alegre, mesmo "cansada, com sono e sabendo que de agora em diante meu tempo é full-time". Tem apenas 24 anos, e sua maior paixão, depois da astrologia, são os óculos antigos. Ela se diz responsável pelos desígnios astrológicos do grupo. Há sete anos estuda astrologia e ciências orientais. Já fez ioga, zen-budismo, tapeçaria e adora escrever.

Nega Didi, ou Edyr Silva de Castro, é a única mamãe do grupo — sua filha Joy foi eleita a mascote das Frenéticas. Tem 29 anos, é ex-integrante do conjunto folclórico Brasiliana.

Uma garota muito simples, mas com um nome pomposo, é Lidoka — Maria Lídia Martuscelli. Tem 25 anos, ruiva, descendente de italianos e, para o grupo, é a Rippa Bella. Paulista do signo de Touro, antes de ser Frenética era gerente de uma butique na rua Augusta, aqui em São Paulo.

Rubinho Cléo é considerado pelo grupo como a sétima Frenética. Ele é o pianista da turma e segundo elas mesmas "nós devemos muito a ele. Afinal, teve a boa vontade de nos organizar e, principalmente, agüentar, porque a barra foi pesada".

Célia Camarero, capricorniana, é quem desenha e confecciona as roupas. Uma verdadeira artista, já que tem que fazer uma programação visual para todas as meninas.

Um ano de vida — Este mês o grupo está festejando seu primeiro ano de vida. E pelo jeito tem um futuro dos mais coloridos, tanto é que o compacto lançado mês passado — com a música-chefe "A Felicidade Bate à Sua Porta", de Gonzaguinha, está faturando alto na lista dos mais vendidos. Outra faixa que vai estourar, mas no elepê que está vindo, é "Perigosa", feita especialmente para elas por Rita Lee e seu marido Roberto Carvalho, com letra de Nelson Motta.

A apresentação do grupo em São Paulo vai começar provavelmente no mês que vem, iniciando por circuito no Interior. "Não queremos pegar a Capital de cara. Primeiro uma circulada pelos arredores para pegarmos experiência." Assim está sendo previsto um bom setembro para as Frenéticas, com disco e shows alucinantes.

Sheila Hissa

Ângela Maria, uma fadista?

Ela morou, por alguns anos, em Portugal. Recebeu vários prêmios e até mesmo um título de fadista honorária. A pedido da colônia portuguesa gravou um disco com músicas portuguesas. E, a conselhos, resolveu torná-las dançantes.

Algeo B. Cairolli

Em setembro, no teatro Brigadeiro, "Angela em Três Tempos."

Ela já se apresentou duas vezes no Teatro Estoril de Portugal e volta este ano para lançar 'Os Mais Famosos Fados', além de relembrar as músicas que marcam os seus 25 anos de sucesso.

Ângela Maria é, certamente, uma das cantoras brasileiras mais queridas em Portugal. Também não é para menos: sua permanência de 62 a 64 no país garantiu um número incontável de apresentações em teatros, cassinos, clubes e ainda alguns prêmios como: Elefante e Disco de Ouro, oferecidos pela Rádio Triunfo.

Cidadã Portuguesa — Apesar dos 47 anos e muito cansaço pelos freqüentes espetáculos por todo o país, Ângela Maria mantém o mesmo dinamismo e vivacidade dos seus áureos tempos de carreira, quando recebeu o título de Rainha do Rádio, em 1954. Tanto isso é verdade que sua agenda já está preenchida até setembro deste ano.

Além do lançamento oficial do disco de fados (pedido da colônia portuguesa à Gravadora Copacabana) no Ginásio Portuguesa de Esportes, dia 1º de julho, às 21h30, ela já confirmou a mesma apresentação no Grêmio Recreativo do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, e no Teatro Estoril, onde, anos atrás, recebeu o título de cidadã portuguesa das mãos do Presidente Américo Tomás.

Mas como suas atividades não se limitam ao lançamento do disco, ela continuará cantando, em teatros, restaurantes, clubes, rádio e televisão, os grandes sucessos que apaixonaram um variado público. Inclusive personalidades como Juscelino Kubitsheck, João Goulart, Jânio Quadros e Getúlio Vargas, que a apelidou de 'Sapoti'.

Hoje, ela mesma diz, já não existe o 'culto' aos mitos, como na época em que ela era abraçada e agarrada por seus fãs. Mas, ainda assim, Ângela mantêm um público fiel que relembra com emoção 'Vida de Bailarina' ou 'Orgulho' e ouve com entusiasmo as canções de Evaldo Gouveia e Jair Amorim, que assinam várias músicas no seu último elepê, lançado há dois meses, com uma tiragem de 100 mil cópias.

Troféus, medalhas e diplomas — O seu sucesso garante, além de alguns imóveis em São Paulo e Rio de Janeiro, uma casa na Chácara Flora, bairro grã-fino, que possui uma decoração inesperada para aqueles que a rotulam de cafona e que esperam encontrar o famoso pingüim em cima da geladeira. Outros, que a consideram 'fora de moda' e negam o seu papel dentro da música popular brasileira, se espantariam com a quantidade de troféus, medalhas e diplomas que enchem as prateleiras de uma das salas de sua casa.

Ângela tornou real os sonhos largamente exibidos nas novelas da Globo: uma menina pobre revela sua voz e seu talento e conquista uma posição privilegiada. Tão privilegiada, que seus shows estão valendo atualmente 35 mil cruzeiros.

Mas não foi fácil vencer a resistência da mãe protestante e preconceituosa, os seis amores frustrados pelo seu sucesso, como ela declarou há alguns meses para uma revista de São Paulo, e o próprio meio, onde interesses contrastantes se chocam. Mas, hoje, tudo isso é passado. Um passado que ela relembra com saudade, quando conta com entusiasmo o sucesso de suas apresentações, o amor de seus fãs, os prêmios, as viagens pela Europa, África, América Latina e do Norte e a alegria em participar de 15 filmes.

Fados à brasileira — Mas toda a sua história, fartamente noticiada em revistas e jornais, vai ser montada no Teatro Brigadeiro — SP, em uma peça escrita por Fernando D'Ávila e dirigida por Arlei Pereira: 'Ângela Maria em Três Tempos'. É a sua segunda experiência como atriz. A primeira foi no fim da década de 60, quando ela se apresentou, ao lado de Erasmo Carlos, na peça 'O Pior e a Melhor'.

A apresentação da peça, que está prevista para setembro, talvez adie o espetáculo no Teatro Estoril, onde ela vai cantar fados à brasileira. O espetáculo, decorrente da gravação do disco, é composto por músicas portuguesas que marcaram época como: 'Foi Deus', 'Nem às Paredes Confesso', 'Lisboa Antiga', 'Perseguição' e 'Coimbra'. Mas apesar da tradição, essas canções tiveram a linha melódica modificada.

Paulo Rocco, diretor artístico da Copacabana e o maestro Waldemiro Lemke resolveram recriar o fado, introduzindo o ritmo 'guti-guti' nos arranjos. O público aceitou sem espanto pois, segundo a cantora, as 100 mil cópias impressas já estão se esgotando e a gravadora está em fase de reposição.

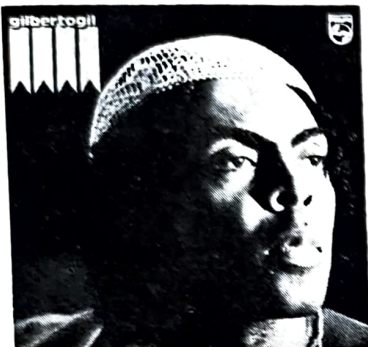
Ângela sempre grava fados com uma melodia diferente. Em 1959 e 1974, quando gravou 'Foi Deus', 'Loucura' e 'Só Nós Dois', os fados possuíam um ritmo de bolero. "Eu popularizei esse tipo de música no Brasil, de maneira a torná-lo dançante."

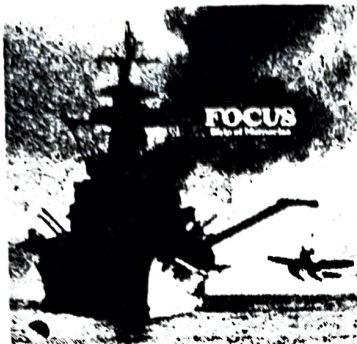
Dessa forma, a guitarra portuguesa é usada apenas para lembrar a melodia e Ângela nem sabe se o disco de fados possui um guitarrista, pois ela grava sua voz em cima do play-back.

Esse disco será lançado no Ginásio da Portuguesa quando a cantora se apresentará com seu 'sexteto' ao lado de Agnaldo Rayol, cantando músicas brasileiras, e encerrando o espetáculo com fados e autógrafos de seus discos. Nessa noite, a cantora pretende usar um xale negro que recebeu, em 1963, no Coliseu de Portugal quando foi homenageada com o título de fadista honorária.

Mas Ângela Maria não está lançando apenas o elepê de fados: ela gravou 'Os mais Famosos Tangos' com uma tiragem de 100 mil cópias. No entanto, esse disco não irá receber o mesmo tratamento promocional do disco de fados. Segundo Ângela, porque "essa músicas são antes de tudo uma homenagem ao povo português." De qualquer forma, o disco de tangos deve ser lançado em 17 de setembro no Ginásio do Corínthians, quando o clube aniversaria ou no restaurante Galpão, no Ibirapuera, em São Paulo.

DISCOS

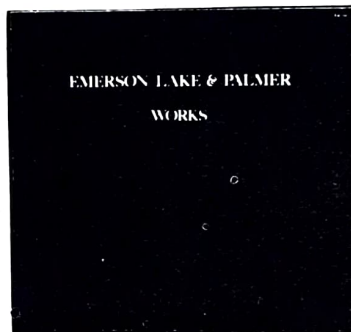
Refavela
GILBERTO GIL
Phonogram/Philips 6349329

A princípio, foram gravadas mais de 15 músicas. Mais tarde, as 10 escolhidas foram cuidadosamente mixadas. Dessa forma, nasceu "Refavela", um reencontro de Gilberto Gil com suas raízes negras. "Patuscada de Gandhi", um afoxê Filhos de Ghandi, "Balafon" e "Babá Alapalá", uma homenagem aos ancestrais, retratam essa redescoberta. Mas as conseqüências estão melhor descritas em "Ilê Ayê", um samba de carnaval da Bahia/Branco se você soubesse/O valor que o preto tem/Tu tomava banho de piche/Ficava preto também/. Outros momentos importantes também são lembrados. As dolorosas emoções de Florianópolis vêm descritas em "Aqui e Agora"/ Aqui onde o olhar mira/Agora que o ouvido escuta/O tempo e a voz não fala/Mas que o coração tributa/e "Sandra"/Amarradão na torre/ Dá pra ir pro mundo inteiro/E onde quer que eu vá no mundo/Vejo a minha torre/. Aos que possam condená-lo pelo "africanismo", Gil responde com o clássico "Samba do Avião", mostrando a nova direção de seu som: o funk, o peso do balanço. Desta vez, o próprio cantor assina os arranjos de base e a direção do estúdio. Perinho Santana (metais e cordas) e Meireles (cordas) são os responsáveis pelos arranjos. Acompanham Gil, Cidinho (piano), Djalma (bateria), Charles (percussão), Moacir (baixo), Perinho (guitarra) e Lucinha Turnbull, ex-Tutti-Frutti (vocal), além do excelente Marcio Montarroyos (trompete), Nivaldo Ornellas (sax tenor) e Mauro Senise (sax alto). "Refavela", uma exuberante demonstração de ritmo. **MC**

Ship of Memories
FOCUS
Emi-Odeon — EMC-8046

Na contracapa, o produtor Mike Vernon descreve as peripécias e dificuldades em realizar o disco, principalmente para convencer Jan Akkerman a tocar. O resultado é um disco sem muita unidade, porém com algumas faixas excelentes como o caso de "Focus V", de Thijs Van Leer, com uma interpretação de Jan de fazer inveja a Montgomery e a Benson. "Glider", que abre o segundo lado, é outra a destacar, com um ritmo vivo e a guitarra de Jan Akkerman. No mais, as faixas se sucedem, mas sempre com um valor positivo. Vale ser ouvido. **EC**

Contrastes
JARDS MACALÉ
Som Livre 403.6111

Em 1969, "Gotham City" e Macalé surpreenderam o Maracanãzinho e o FIC. Três anos depois, "Jards Macalé" unia o cantor/compositor ao guitarrista Lanny e ao baterista Tutti Moreno num trabalho de peso.

Em 1974, ele gravou um excelente elepê, "Aprender a Nadar", onde apresentava uma nova linha, a "Morbeza Romântica", adicionada a perfeitos arranjos e inúmeros músicos convidados. Durante os dois anos seguintes, o seu trabalho ficou restrito aos palcos e ao show "Sorriso de Verão". Agora, finalmente, surge "Contrastes". E a longa espera corresponde à expectativa. Mais uma vez, Jards Macalé convida grandes amigos: Paulo Moura, Wagner Tiso, Júlio Medaglia, Jackson do Pandeiro, Dominguinhos, Gilberto Gil e, até mesmo, um velho ídolo, Severino Araújo (e a orquestra Tabajara). O resultado, naturalmente, é dos mais criativos e salutares. Ouve-se, lado a lado, xote, "Sim ou Não", blues, "Black and Blue", samba, "Contrastes", raggae, "Negra Melodia", valsa, "Garoto", e choro, "Choro do Archanjo". E mais: uma perfeita recriação de "Cachorro Babucho", de Walter Franco, e os efeitos especiais em "Passarinho de Relógio". Tudo isso, é lógico, sob a aguçada crítica e humor, fortes características do trabalho de Macalé. Sem dúvida, um dos grandes criadores na música popular brasileira. **MC**

Works
EMERSON LAKE & PALMER
WEA - Atlantic - 30.019/20

O álbum duplo contém os trabalhos, individuais e coletivos do EL&P, e é uma oportunidade de poder comparar a personalidade musical de cada um.

O concerto para piano e orquestra nº 1, composto e tocado por Keith Emerson, abre o álbum. O nº 1 é significativo, uma vez que Emerson emprega todos os argumentos musicais já largamente utilizados por todos os compositores clássicos e contemporâneos, com um saldo: nada foi acrescentado. Emerson faz da técnica enérgica seu principal trunfo. Em raros momentos orquestra e piano se integram.

Greg Lake canta ininterruptamente durante todo o lado dois. Dono de um lirismo duvidoso, as melodias são fracas, os arranjos barrocos e melosos. Carl Palmer se sai um pouco melhor, no segundo disco, com arranjos variados e músicos diversos, interpretando Bach e Prokofieff.

É no 4º lado que EL&P se agrupam novamente em Fanfare for the Common Man, de Aaron Copland, produzindo uma peça majestosa e vibrante, uma das melhores faixas do álbum, destacando-se a percussão de Palmer e a atuação de Emerson no órgão Yamaha. A seguir, 'Pirates' encerra o álbum, uma peça que possui um melhor resultado instrumental, orquestral e vocal. A conclusão a tirar é que EL&P fazem o melhor ainda como grupo, e as concepções musicais de cada um percorrem caminhos ainda nebulosos, a verificar em próximos trabalhos. **EC**

Cheiro de Mato
ROSINHA DE VALENÇA
Emi- Odeon SMOFB 3920

Falar de técnica, habilidade musical ou mesmo sensibilidade da violonista Rosinha de Valença seria lugar comum, tantas já foram as suas demonstrações de riqueza, destreza e colorido no seu instrumento, assim como em sua vida de arranjadora para discos e shows de outros artistas.

Depois do "Rosinha de Valença e Banda Ao Vivo", lançado em 75 e com a preocupação básica "da valorização do músico brasileiro", o elepê de 77 fica sendo o delicado "Cheiro de Mato", mais um trabalho de Rosinha, como sempre cuidadosa, significativa e desta vez com uma lista quase infindável de "amigos ilustres" e, coisa que Rosinha não faz muito, um disco quase todo cantado por ela mesma. Mas a artista sabe perfeitamente o que quer e o faz de forma preciosa.

Com a participação constante do aprimoradíssimo tecladista Sivuca (a dupla também se reuniu para a gravação do elepê de Norma Benguell), Perinho Albuquerque, Jamil Joanes, Francis Hime, João Donato, Chico Batera e as gratas vozes de Sueli Costa e sua irmã, mais Miúcha e Bê, mulher de Francis Hime, o grupo se abre, em música.

E resta, ao ouvinte, se deliciar com Rosinha de Valença cantora e compositora (em boa fase), como em "Usina de Prata" e "Os Grilos São Astros", ou ficar com a instrumentista, inspiradíssima. **AL**

Live at the Star Club in Hamburg, Germany — 1962
THE BEATLES
Copacabana - Lingasong - LSLP 9137-9138

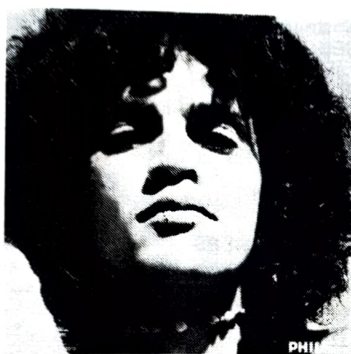
Live at Hollywood Bowl - 1964/1965
THE BEATLES
Emi-Odeon - SXMOFB 494

As gravações de 1962 foram feitas amadoristicamente por Ted Taylor, que fazia parte de Ted 'Kingsize' Taylor and the Dominoes", o primeiro grupo a vir de Liverpool para tocar em Hamburgo. Em uma das apresentações dos desconhecidos Beatles, Taylor gravou três horas de música com um gravador comum e um só microfone. Quando os Beatles se tornaram conhecidos, Ted mostrou a fita a Brian Epstein que lhe ofereceu £20 dizendo que não possuía qualidade para disco, o que na época era verdade.

Depois de incursões à justiça, com os quatro ex-Beatles tentando impedir o lançamento, o disco aí está. Entre as faixas pode-se ouvir o ruído do clube, risadas, piadas de John e Paul, a linguagem afetada de Liverpool e, evidentemente, as músicas tocadas de forma despreocupada, as contagens de tempo, alguns erros, tudo dando um sabor de história à audição. É fácil descobrir em algumas faixas as vozes, arranjos e talento do germe que viria a transformar-se no maior fenômeno musical dos tempos. Falar sobre qualidade não é importante. O disco é um documento inegável. Vale a pena ouvir no original dos originais "I Saw Her Standing There", "Twist and Shout", "Long Tall Sally", "A Taste of Honey", "Ask me Why" e outras, que mais tarde se tornariam sucesso.

"Live at Hollywood Bowl", gravado em 1964 e 1965, pertence a um projeto intencional dos Beatles de lançar um disco ao vivo, abandonado depois das evidências de que as condições caóticas dos shows ao vivo não iriam permitir qualidade e audibilidade corretas, visto que a platéia gritava o tempo todo. E como! Os tapes foram guardados e agora, mais de uma década depois, a fita de três canais foi equalizada e mixada por George Martin. O resultado é emocionante. A espontaneidade das interpretações, os gritos da assistência, as vozes de Ringo, George, John e Paul, trazendo à tona um aspecto da carreira do grupo que se encerrou em 1966, quando cessaram as apresentações ao vivo. A qualidade da gravação é boa, perfeitamente audível, apesar da platéia. As interpretações possuem vivacidade, com os tempos acelerados, o que dá um novo vigor às músicas já conhecidas. Como manifestação artística, a música é a mais volátil das formas. Ainda bem que possuímos gravações. São dois lançamentos que não devem faltar como documento aos que admiram o grupo.

EC

Bicho
CAETANO VELOSO
Phonogram/Philips 6349327

Na primeira faixa, o ritmo e as palavras já evidenciam as características de, pelo menos, parte do elepê: /Deixa eu dançar/Pro meu corpo ficar odara/Minha cara/ Minha cuca ficar odara/... (Odara). E exatamente esta parece ser a intenção do compositor/cantor Caetano Veloso, "um disco dançável". E por que não?

Após dois anos sem gravar — "Doces Bárbaros" é antes de mais nada um documento — e quando presenteara o público com dois festejados elepês, "Jóia" e "Qualquer Coisa", Caetano volta com um trabalho dividido. De um lado, faixas movimentadas onde, mais uma vez, tornam-se claras certas particularidades de Veloso: a capacidade de levar o ouvinte ao seu mundo, "Gente", às suas experiências, como a recente viagem à África, "Two Naira Fifty Kobo", e às suas admirações, "Olha o Menino", uma composição feita em 67 pelo quase ídolo Jorge Ben.

Do outro, vários momentos de sua carreira, a complexidade de "Índio", o retrato de uma época e seus valores, "Tigresa", a ingenuidade/leveza de "Leãozinho" e a quase nostalgia de "Alguém Cantando". Mais uma vez, a segurança de Perinho Albuquerque nos arranjos, além de Antônio Adolfo (piano), Moacir Albuquerque (baixo), Enéas Costa (bateria), Bira da Silva e Djalma Correa (percussão), alguns dos inúmeros músicos que participam do disco. Novamente, confirmando posicionamentos iniciais, Caetano surpreende.

MC

Norma, Canta Mulheres
NORMA BENGUELL
Elenco/Phonogram SE-1011

Norma Benguell, mulher, atriz, cantora, personagem liberada e ativista do mundo artístico brasileiro desde sua estréia em teatro de revista (ainda nos anos 50), depois de sua volta da Europa, onde viveu alguns anos, desejou, além de outras atividades, fazer música. E conseguiu, numa volta consideravelmente festiva.

O início musical nasceu com um elepê (na fase vedeta) onde Norma cantava, com sua voz fraca, clara e sensual, de boleros à florescente bossa-nova; depois, veio um compacto ao lado de Dick Farney, até hoje lembrado. E Norma fez teatro, fez cinema e recentemente, em encontro com Jorge Mautner, nasceu a idéia de fazer disco e show.

E o melhor aconteceu: já está nas lojas (lançamento Phonogram), e muito bem produzido (por Guilherme Araújo) novo desejo de Norma Benguell, "Norma , Canta Mulheres", segundo a estrela "dedicado a nós, mulheres, neste caminho de lutas, dúvidas, certezas e incertezas, me reencontrando com a música através de algumas das mais importantes compositoras brasileiras".

E Norma é fiel: só canta mulheres, de Chiquinha Gonzaga até Rita Lee e Sueli Costa, com uma voz firme e segundo arranjos de Rosinha de Valença, com a participação do multi-instrumentista Sivuca. Resultado: uma cantora com excelente repertório, trabalho sutil e competente.

AL

JIMMY OWENS
Emi-Odeon - Horizon - 14
XHOL - 39014

CELEBRATION
Karma
Emi-Odeon - Horizon 15
XHOL - 39015

CHARLIE HADEN
Closeness Duets with Ornette Coleman, Alice Coltrane, Keith Jarrett e Paul Motian
Emi- Odeon - Horizon
XHOL 39012

Os três lançamentos dão seqüência à série Horizon, que tem como linha comum o jazz em seus diferentes aspectos, procurando mostrá-lo como uma forma em mutação constante. Para estudiosos e admiradores, a coleção possui especial interesse, pois os álbuns têm uma preocupação quase didática, com extensa ficha técnica, diagramas de mixagem, partituras de músicas contidas no álbum, histórico, etc.

Jimmy Owens (32 anos) é um jovem trompetista, arranjador e compositor. Figuram em seu disco algumas interpretações de suas próprias composições com acompanhamento 'funk'.

"Celebration" é um grupo numeroso e coeso com interpretações próximas à linha de Quincy Jones. "Closeness", do baixista Charlie Haden, é mais conceitual e inclui duetos com Alice Coltrane (harpa), Keith Jarrett (piano), Paul Motian (percussão) e Ornette Coleman. O melhor dos três, o disco possui destaques com Keith e Alice e ainda uma manifestação política em "For a Free Portugal".

EC

CREEDENCE CLEARWATER REVIVAL
Chronicle
RCA/FANTASY
211.5002
ODAIR JOSÉ
O filho de José e Maria
RCA/VICTOR
103.0206
PAULO BRITTO
Atenção
RCA/ VICTOR
103.0204
MONGO SANTAMARIA
Sofrito
RCA/VICTOR
204.4201
JOSÉ LARRALDE
Dedicado à América Latina
RCA/PURE GOLD
107.7056
DAVID BOWIE
Low
RCA/VICTOR
104.4087
NICOLA DI BARI
E ti amavo
RCA/VICTOR
104.8050
JOSÉ FERNANDES
Tango nota 10
RCA/CAMDEN
107.0266
THE IDIOT
Iggy Pop
RCA/VICTOR
104.4088
CHANSONS A CAPPELLA
Conjunto vocal
Philippe Caillard
RCA/ERATO
205.1015
SUCESSOS NO BRASIL INTEIRO
RCA/VICTOR
103.0209
QUATRO GRANDES DO SAMBA
RCA/VICTOR
103.0210
OS TINCOÃS
RCA/VICTOR
103.0207
OS PASTORES DA NOITE
Otália da Bahia
RCA/VICTOR
103.0191
PIXINGUINHA
Os choros dos chorões
RCA/CAMDEN
107.0267

COPACABANA

LEE JACKSON
Rock samba vol. 2
COPACABANA/UNDERGROUND
COLP 12089
CARLOS LOMBARDI
Vol. 6
COPACABANA/AMC
AMCLP 5431
SIMPLESMENTE... FERNANDO
COPACABANA
COLP 12079
JORGE COSTA
Samba sem mentira
COPACABANA/SOM
SOLP 40566
ANGELA MARIA
Os mais famosos fados
COPACABANA
COLP 12127
ANGELA MARIA
Os mais famosos tangos
COPACABANA
COLP 12128
ANGELA MARIA
COPACABANA
COLP 12126

LOCOMOTIVAS
Internacional
SOM LIVRE
404.7087
THE BEATLES LIVE AT THE STAR CLUB
SOM LIVRE/LINGASONG
9137 9138
GERALDO AZEVEDO
SOM LIVRE
403.6115
JUCA CHAVES
Juca bom de câmera
SOM LIVRE
410.6012

CLAUDIA BARROSO
Cara e coragem
CONTINENTAL
1-01-404-157
IVON CURI
CONTINENTAL
1-19-405-033

ROCK CONCERT
CONTINENTAL/ABC RECORDS
6-26-404-070
ABAETÉ
CONTINENTAL
1-01-404-155

JOHNNY MATHIS
Mathis is...
CBS
137986
ANDY WILLIAMS
CBS
137993
TONY BIZARRO
Nesse inverno
CBS
138001
ED CARLOS
CBS
137998
JOSÉ ALVES
Regresso
CBS
104384
TINA CHARLES
Dance little lady
CBS/EPIC
144190
THE BIDDU ORCHESTRA
Eastren Man
CBS/EPIC
144199
STAY IN LOVE
CBS/EPIC
235005

TAPECAR

BARTÔ GALENO
TAPECAR
SS.029
BIENVENIDO GRANDA
Canta sus exitos
TAPECAR/DCM
DM.1016
MELBA
TAPECAR/BUDDAH RECORDS
BDX.1046
JIMMY JACKSON
Rollin'dice
TAPECAR/BUDDAH RECORDS
BDX. 1045
FRANCISCO ROQUE
Segredos
TAPECAR
X 45
PAULO TITO
Balanço
TAPECAR
TC 092
OLÉ DO PARTIDO ALTO
Vol. 3
TAPECAR
TC 098

ANTONIO ADOLFO
Feito em casa
TAPECAR/ARTEZANAL
LP 001

DICK E CLAUDETTE
Tudo isto é amor vol. 2
ODEON/EMI
SMOFB 3935
ROSINHA DE VALENÇA
Cheiro de Mato
ODEON/EMI
SMOFB 3920
IVAN LINS
Somos todos iguais nesta noite
ODEON/EMI
XEMCB 7023
JOÃO NOGUEIRA
Espelho
ODEON/EMI
SMOFB 3934
BILLY PRESTON
Billy
ODEON/AM
SA&M 2193
PARIS
Big towne, 2061
ODEON/CAPITOL
ST 11560
GREATEST HITS
Hot chocolate
ODEON/RAK
RKL 25004
J.A.L.N. BAND
Life is a fight
ODEON/EMI
EMC 8045
MILTON NASCIMENTO
Geraes
ODEON/EMI
XEMCB 7020
D.C. LARUE
The Tea Dance
ODEON/PYRAMID
PYL 15001
CAMEL
Mirage
ODEON/DERAM
DML 3008
KIKIDEE
ODEON/THE ROCKET RECORD COMPANY
XROL 4500 4
JESSE GREEN
Nice and Slow
ODEON/EMI
EMC 8047
THE BEATLES
At the Hollywood bowl
ODEON/EMI
SXMOFB 494
CAPTAIN & TENNILLE
Come In From The Rain
ODEON/AM
SA&M 2198
SUPERTRAMP
Even In The Quietest Moments
ODEON/AM
SA&M 2197
ALESSI
ODEON/AM
SA& M 2196
DICK FARNEY TRIO
5 anos de jazz
ODEON/LONDON
XLLB 1108 S

THIN LIZZY
Remembering Part 1
ODEON/LONDON
LLN 7320
ALL GREEN
Have a good time
ODEON/LONDON
LLS 4015
MARTHA REEVES
The rest of my life
ODEON/ARISTA
ARL 33028
GENERAL JOHNSON
ODEON/ARISTA
ARL 33030
AIRTO
Promises of the Sun
ODEON/ARISTA
ARL 33209
NATALIE COLE
Unpredictable
ODEON/CAPITOL
SO 11600
GRAND FUNK HITS
ODEON/CAPITOL
ST 11579

WANDERLÉA
Vamos que eu já vou
ODEON/EMI
SXMOFB 3937
HÉLIO PORTINHAL
Parabéns pelo seu aniversário
ODEON/EMI
SC 10109

KLAATU
ODEON/CAPITOL
ST 11542
BE BOP DE LUXE
Modern music
ODEON/HARVEST
SHVL 1045
RONNIE ALDRICH
Reflections
ODEON/LONDON
LLN 7322
KRAFTWERK
Trans Europe Express
ODEON/CAPITOL
SW 11603
TAVARES
Love Storm
ODEON/CAPITOL
XSTAO 11628
FOCUS
Ship of Memories
ODEON/EMI
EMC 8046
CHARLIE HADEN
Closeness
ODEON/HORIZON
XHOL 39012
JIMMY OWENS
ODEON/HORIZON
XHOL 39014
KARMA
Celebration
ODEON/HORIZON
XHOL 39015
SILVER
ODEON/ARTISTA RECORDS
ARL 33032
CALDERA
ODEON/CAPITOL
ST 11571
JOHN ENTWISTLE'S O
Mad dog
ODEON/LONDON
LLN 7321
JUSTIN HAYWARD
Songwriter
ODEON/DERAM
XDML 3010
CARAVAN
Cunning Stunts
ODEON/LONDON
LLN 7323

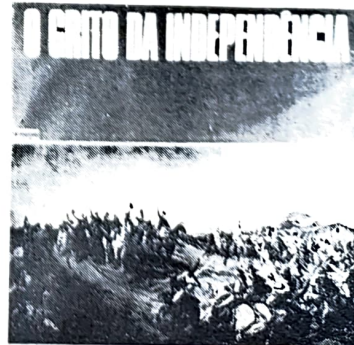
FLYING BANANA
PHONOGRAM/PHILIPS
6349 181
BANDA DA SAUDADE
Antologia da marcha Banda da Saudade
PHONOGRAM/PHILIPS
6349 316
QUARTETO EM CY
PHONOGRAM/PHILIPS
6349 323
RICK
Porta das maravilhas
PHONOGRAM/ELENCO
SE 1010
MERCEDES SOSA
A arte de
PHONOGRAM/FONTANA
6641 623
JOSÉ RIBEIRO
O sonhador
PHONOGRAM/POLYDOR
2451 100
ODAIR JOSÉ
Ontem/hoje
PHONOGRAM/POLYDOR
2494 587
AS 14 DEMAIS
PHONOGRAM/POLYDOR
2494 585
RONNIE VON
e seus sucessos
PHONOGRAM/POLYDOR
2494 586
ROOTS, ROCK, BREGGAE
PHONOGRAM/ISLAND
410047
AUTOMATIC MAN
PHONOGRAM/ ISLAND
ILPS 9397
BAD COMPANY
Burnin' sky
PHONOGRAM/ISLAND
9127003
THE HOLLIES
Hollies live
PHONOGRAM/POLYDOR
2383 428
GEORGES MOUSTAKI
PHONOGRAM/POLYDOR
2393 146
THE MARSHALL TUCKER BAND
Searchin' for a Rainbow
PHONOGRAM/CAPRICORN RECORDS
2429 129
TWIGGY
PHONOGRAM/MERCURY
6310 014
EVITA
PHONOGRAM/MCA RECORDS
2369 101
2369 102
PETER GABRIEL
PHONOGRAM/THE FAMOUS CHARISMA LABEL
6369 978

THE WAILERS
Catch a fire
PHONOGRAM/ISLAND RECORDS LTD
9127 002
ORIETTA BERTI
Eppure... Ti amo
PHONOGRAM/POLYDOR
2480 388
HOLLIES
Russian Roulette
PHONOGRAM/POLYDOR
2383 421

TANGERINE DREAM
Phaedra
PHONOGRAM/VIRGIN
9124127
MILLIE JACKSON
Free and in love
PHONOGRAM/POLYDOR
2391 215
GILBERTO GIL
Refavela
PHONOGRAM/PHILIPS
6349 329
EVALDO BRAGA
Autógrafos de sucessos
PHONOGRAM/POLYDOR
2494 590
14 SUPER SUCESSOS BRASILEIROS
PHONOGRAM/PHILIPS
6349 331
NORMA
PHONOGRAM/ELENCO
SE 1011
FRANCISCO JOSÉ
Sucessos de Portugal
PHONOGRAM/FONTANA
6470 601
ATAULPHO ALVES
e seus sucessos
PHONOGRAM/FONTANA
6470 600
SILVINHO
Autógrafos de sucessos
PHONOGRAM/FONTANA
6470 602
JETHROTULL
Songs from the Wood
PHONOGRAM/CHRYSALIS
6307 591
SLADE
Whatever happened to slade
PHONOGRAM/POLYDOR
2310 504
ROSE ROYCE
The best of Car Wash
PHONOGRAM/MCA RECORDS
2322 195
DONNY E MARIE
New Season
PHONOGRAM/KOLOB RECORDS
2391 245
EDDIE AND THE HOTRODS
PHONOGRAM/ISLAND
9127 004
GENTLE GIANT
Live (playing the fool)
PHONOGRAM/CHRYSALIS
6307 595
6307 596
THE STYLISTICS
PHONOGRAM/ HeL RECORDS
6466 030
ATLANTA RHYTHM SECTION
A rock and roll alternative
PHONOGRAM/POLYDOR
2391 255
BACHMAN TURNER OVERDRIVE
Freeways
PHONOGRAM/MERCURY
6338 790
BONNIE BRAMLETT
Lady's choice
PHONOGRAM/CAPRICORN RECORDS
2429 145
CAT STEVENS
Izitso
PHONOGRAM/ISLAND
9127 001
LECI BRANDÃO
Coisas do meu pessoal
PHONOGRAM/POLYDOR
2451 102
CAETANO VELOSO
Bicho
PHONOGRAM/PHILIPS
6349 327

LEON RUSSELL
Best of Leon
PHONOGRAM/PHILIPS
6369 132
ELVIN BISHOP
Juke Joint Jump
PHONOGRAM/CAPRICORN RECORDS
2429 127
THE ALLMAN BROTHERS BAND
Win, lose or draw
PHONOGRAM/CAPRICORN RECORDS
2429 132
CHICK COREA
My Spanish Heart
PHONOGRAM/POLYDOR
2929 031
2929 032
BARCLAY JAMES HARVEST
Octoberon
PHONOGRAM/POLYDOR
2383 407
JAMES BROW
Bodyheat
PHONOGRAM/POLYDOR
2391 258

D. HELDER CÂMARA
O deserto é fértil
WEA/NONESUCH
BR 22.003

A BANDA CHEGOU
RGE/FERMATA
307.3302
20 SAMBAS REUNIDOS NOTA 10
Conjunto Sambas Reunidos
RGE/PREMIER
307.3306
FESTIVAL DE CHOROS
RGE/PREMIER
307.3307
DISCO TRAIN
RGE/YOUNG
304.1087

O GRITO DA INDEPENDÊNCIA
RGE/PREMIER
307.3150

Sheila Hissa

"Só tenho a fluência e o pique do Sílvio"

Em oito anos de emissora ele conseguiu o 1º lugar no IBOPE. Mas para esse resultado não foram poupados certos cuidados como a criação de uma linguagem própria e a insistência em programar paradas musicais. Hoje, o seu trabalho é, quase sempre, comparado ao de Sílvio Santos. E ele se orgulha muito disso.

Rubens B. Campo

Dárcio: "Eu tenho recado para pessoas de qualquer idade."

O uso da gíria finalmente foi integrado ao vocabulário da rádio paulista. E é exatamente dessa forma que o disquejóquei Dárcio Campos, da Rádio Record, se comunica com seus ouvintes, diariamente, no horário das 14h30 às 16h30.

Há oito anos na emissora, Dárcio conquistou o 1º lugar em audiência no horário não só porque sua programação é reconhecidamente 'popular' - ele programa Roberto Carlos, Odair José, Nilton César, Wanderley Cardoso, Luís Américo — mas principalmente porque seu vocabulário é "ritmado", como o próprio locutor o define.

As músicas, leitura de cartas, entrevistas com cantores ou o bate-papo com o ouvinte, que vai desde a defesa da empregada doméstica até o elogio à Caixa Econômica Federal por assumir a fiança de imóveis, são dirigidos ao público com uma carga de expressões, na maioria inventadas pelo locutor, como: chanty carta, chanty beijo, minichanty entrevista, ou lubi-lubi, cachola, moringa e, principalmente, baixo e alto astral.

1.000 cartas por dia — Realmente Dárcio Campos "astraliza" tudo, porque sua intenção é fazer com que as pessoas esqueçam as suas preocupações e não se questionem. Objetivo atingido: na sala de seu bem decorado apartamento no bairro de Higienópolis, há um armário repleto de cartas — uma média de mil por dia — segundo o produtor do programa, Ricardo Silveira.

Ele, porém, nega que seus ouvintes sejam apenas jovens, pois as pesquisas do Ibope acusam um público de todas as idades. "Fazer um programa só para jovens é muito discriminatório. Eu tenho recado para pessoas de qualquer idade. Os mais velhos e as crianças também precisam de carinho, o que dou."

Este jovem que se nega a divulgar sua idade, preferindo afirmar que nasceu em uma manhã de primavera do dia 8 de setembro, começou a trabalhar como operador de som aos 12 anos de idade, na Rádio Difusora de Uberaba, Minas Gerais. Em seguida foi discotecário e produtor da Rádio São Paulo, até chegar à capital paulista, há oito anos, quando iniciou seu programa pela Rádio Record, e acumulou as funções de diretor artístico da emissora de 1973 a 1975.

Eu sou um comunicador nato — De lá para cá foi se firmando e, hoje, além de disquejóquei, é proprietário de duas agências de publicidade: 'Dárcio Campos Publicidade' — que produz seus programas — e 'Ricardo Silveira Promoções Artísticas'.

"Em conseqüência do meu sucesso no rádio, aconteceu o inevitável: um programa na televisão. Tudo isso porque eu seguro a bandeira da renovação. Os meus programas são desmistificados, simples e chegados ao povo."

O "Programa Dárcio Campos", levado ao ar todos os sábados, das 14 às 17h, pela TV Gazeta, apresenta os cantores nos quadros 'Chanty Show Sucesso' e 'Grande Prêmio Fórmula Onze', quando os artistas cantam em cima da motoca".

Além disso, ele já gravou dois compactos simples: 'Marcha do Chanty Beijo', que foi uma das músicas mais executadas no carnaval de 77, 'Fique mais um pouco' e 'Se você soubesse', gravação Beverly, que depois de duas semanas nas lojas de discos já vendeu 20 mil cópias. Minhas músicas são curtinhas e fáceis de serem cantadas pelo povo. Eu sou um comunicador nato."

A preferência musical de Dárcio Campos é muito relativa. "Depende do meu astral, sabe? Hoje estou ouvindo Pink Floyd e amanhã talvez eu queira ouvir Agnaldo Timóteo. Além disso, curto Gil, Caetano, Gal e Roberto Carlos.

A opinião do povão — Mas, em seu programa, Dárcio não escala com freqüência Gilberto Gil ou Caetano Veloso, uma vez que a maioria de suas músicas não são populares. "Meu programa toca *parada popular* e eu curto as músicas que o meu povão gosta."

Na verdade, segundo o produtor Ricardo Silveira, a programação é feita em cima dos pedidos dos ouvintes. Tanto que há uma equipe dedicada à leitura das cartas e à classificação das músicas de acordo com os cantores. Assim, há uma lista com canções de Roberto Carlos que vão sendo tocadas à medida que forem sendo recebidas.

"Meu programa não é de elite. Eu faço rádio para o povo. Eu toco aquilo que o povo gosta. Minha parada comunica, mas principalmente não trambica, porque eu respeito a opinião do meu povão." E é em função do 'povão' que o locutor em seus bate-papos diários discute o dia-a-dia: as férias, o vestibular, o início das aulas ou a copa do mundo. Inclusive seus entrevistados quase não falam de seu trabalho, mas principalmente de temas como: futebol ou trânsito congestionado.

"Eu jogo com o astral do momento. Meu papo vai se moldando às características de agora, do meu tempo."

Iluminação e transportes — Em nome do presente, ele adota um extenso vocabulário de gírias. O maior exemplo disso é o famoso 'chanty' que ele usa várias vezes em uma só frase "porque dá ritmo e suaviza a palavra". "Um chanty beijo é mais que um beijo. O ouvinte quer

sentir-se próximo do locutor e é dessa forma que eu me aproximo. Chanty ouvinte é uma maneira carinhosa de tratar o meu público. As pessoas precisam dessas coisas."

Além de todo esse carinho com o qual o locutor pretende envolver o seu público, ele costuma dedicar alguns minutos para solicitar pavimentação, iluminação e melhores condições de transporte para os moradores de determinado bairro.

"O meu programa tem também um caráter social. Muitas das reivindicações que fiz foram atendidas e depois eu recebo cartas agradecendo minha ajuda. Eu levanto causas e falo em nome do povo. Eu tiro o povo do sufoco dizendo aquilo que ele quer dizer."

Mas além de falar coisas como: "é necessário dar condições mais humanas de trabalho para as empregadas domésticas", Dárcio Campos acha que o interessante mesmo é não esquentar. É manter um alto astral e uma maneira positiva de ver as coisas.

O motivo de toda essa alegria talvez seja o fato de ele ser indicado como o sucessor de Sílvio Santos. Afirmação: "Gratificante, pois ser comparado com o *melhor* traz confiança e acrescenta a certeza de que estou no caminho certo. Mas não é nada disso, eu não posso pretender o lugar dele porque ele é de outra geração. Eu quero é ocupar o *meu* lugar. De comum, eu só tenho a fluência e o pique do Sílvio."

Maria Cecília

Com a mudança, 700 cartas por dia

Em 24 de março de 1976, o Ministro das Comunicações, Euclides Quandt de Oliveira, conseguia, com a assinatura do "Plano Básico de Distribuição de Canais de Radiodifusão", para ondas médias, alterar 30 anos de uma posição estática do governo em relação às rádios brasileiras.

Algeo B. Cairolli

"Problemas e Solução": expectativas de Wagner

Com esse plano, o ministro pretendia, aumentando a potência das emissoras brasileiras, bloquear as retransmissões das rádios estrangeiras em território nacional. Dessa forma, os brasileiros e, em especial, os habitantes próximos à fronteira passariam a prestigiar os próprios programas, em vez dos da Emissora Nacional de Cuba, facilmente ouvida no Amazonas, ou das programações argentinas e paraguaias.

Em São Paulo, a partir de 1º de outubro, duas estações sofreram essas alterações de potência e apresentaram resultados diametralmente opostos: a Rádio Mulher e a Rádio Excelsior. Ambas responderam ao formulário enviado pelo Ministério das Comunicações e manifestaram as suas pretensões de aumento de alcance, no que foram atendidas.

A Rádio Mulher, reestruturada em 1968, e dona de um modesto lugar no IBOPE, funcionava com 250 watts — responsável pela potência da sonoridade, e 730 kilohertz — responsável pela extensão da sonoridade. Hoje, a potência maior — 50kw durante o dia e 10kw à noite (quando o poder de propagação é maior) — garante-lhe uma outra classificação no Ministério das Comunicações: de emissora local, ela passou para emissora nacional. E, do ponto de vista artístico, atingiu o 6º lugar no IBOPE.

As mudanças em khz também foram substanciais. Os restritos 730khz, que não alcançavam 40% da população, estenderam-se a 1260khz, garantindo "uma perfeita audição no Estado de São Paulo" e, à noite, em alguns dos demais Estados. Com isso, alguns programas, como a audição sertaneja apresentada por Otávio Pimentel, no horário das 20h30 às 22h30, recebem, diariamente, até 700 cartas de todo o Brasil.

A modificação técnica exigiu a compra de um complexo eletrônico que pertencia à Rádio Nacional e composto por uma torre, um sistema de refrigeração, dois transmissores de 10kw cada um e um sistema grupo-gerador, capaz de fornecer energia a uma pequena cidade. A estação, no entanto, ainda opera com 10kw. E para alcançar os 50kw permitidos por lei, precisará agora importar um maquinário de custo calculado em Cr$ 1,5 milhão de cruzeiros.

Frente a todas as transformações técnicas, logicamente, a programação não poderia permanecer a mesma. E algumas modificações já podem ser sentidas. Há uma preocupação maior em termos de jornalismo. Os noticiários da emissora, que antes se caracterizavam pela linguagem local, passaram a apresentar notícias amplas, de caráter nacional. Além de que os programas de Hebe Camargo, Wilson Maux e Gilmara Sanches incluem, propositadamente, entrevistas e debates.

No entanto, "a grande expectativa", confessa Rubens Fabres Wagner, superintendente da rádio, "é para setembro, quando lançaremos um programa inovador em termos de jornalismo, 'Problema e Solução'. Cinco viaturas percorrerão os bairros de São Paulo, ouvindo queixas dos moradores em relação a calçamento, luz, água, esgotos, etc. As autoridades, por sua vez, também serão ouvidas". Com tudo isso, Wagner não se cansa de exaltar o sentido da iniciativa do governo, "que ampliou o campo de trabalho, dando às emissoras condições de se expandirem e aos profissionais novo mercado de trabalho. Além disso, não se pode esquecer que o rádio atinge 96% do povo brasileiro".

Para a Excelsior, no entanto, a mudança técnica não representou maior impacto. "Não houve a menor modificação na programação ou mesmo no índice de audiência", declara Francisco de Abreu, diretor geral das rádios Excelsior, Nacional e FM Excelsior.

Na verdade, a mudança do dial de 670khz para 780khz foi amplamente noticiada, durante um mês, aproximadamente, antes da mudança. A agência Arteplan idealizou uma campanha com filmes para a TV, cartazes e anúncios em jornal, o que deixou o ouvinte absolutamente informado.

"Quanto aos kws", continua Abreu, "estamos trabalhando com 10, embora o governo nos permitisse o uso de 50. Para isso, é necessário um aparelhamento especial, que ainda não temos."

A Rádio Nacional, outra emissora do grupo, permaneceu no mesmo ponto do dial, o tradicional 1.100. Mas a potência atual, 50kw, poderá mais tarde ser elevada para 200kw. Exatamente para isso, encontra-se em fase de preparação, no bairro da Vila Prudente, em São Paulo, o local que receberá futuramente os novos transmissores.

Para melhorar seu acompanhamento...

BATIDAS

Veremos, agora, como se executam as várias batidas existentes e usadas nos mais variados tipos de ritmos que conhecemos. Para isso, antecipadamente, vamos convencionar alguns símbolos, para que, com eles, possamos fazê-lo entender o processo que se efetua para a concretização do efeito desejado nas cordas. Os símbolos são estes:

↓ que significa a batida das costas da mão (ou seja, dos dedos da mão direita) nas cordas, no sentido indicado pela flexa, ou seja, de cima para baixo

↑ que significa a batida das costas do dedo polegar nas cordas, no sentido indicado pela flecha, ou seja, de baixo para cima.

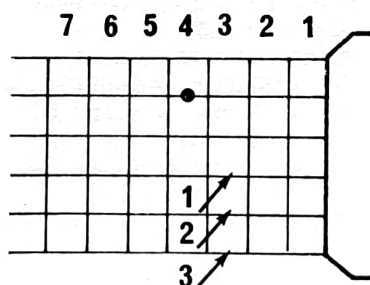
⁀ esta chave, em cima das flechinhas, indica que as batidas que estiverem dentro de uma mesma flecha, deverão ser tocadas num mesmo tempo. Ela será usada, por exemplo, quando num compasso quaternário, onde normalmente usaríamos quatro batidas, sejam elas em qualquer sentido, distribuídas homogeneamente, ou seja, uma em cada tempo, esperando aparecer um dos tempos com duas ou mais batidas ao invés de uma.

Esta flecha, que é parecida com um tridente, será usada para representar a puxada simultânea das três primeiras cordas pelos dedos 1, 2 e 3 da mão direita.

● Esta bola representa o toque do dedo polegar ou então do dedo n.º 1 na corda mais grave do acorde, que é o baixo. No caso de uma inversão, isto é, nas posições as quais indicamos sexta no baixo, terça no baixo, etc., a mesma bola vem indicando onde o polegar deverá tocar no desenho da própria posição.

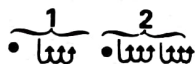
DEDILHADO

Quanto aos dedilhados, devemos, a princípio, explicar ao leitor como se dedilha. Para isso é preciso que convencionemos os símbolos e como eles deverão ser tocados.

Para baixo usaremos o mesmo ● que agora deverá ser tocado sempre pelo dedo polegar. Os números 1, 2, 3 representam o toque do dedo de mesmo número na corda que indicaremos agora. Dedo 1 trabalha na corda 3, dedo 2 na corda 2 e dedo 3 na corda 1, como demonstra o desenho seguinte, ou seja, puxando as cordas de baixo para cima.

No dedilhado, estes dedos não puxam simultaneamente as cordas, e sim uma, ou até duas, de cada vez. Os símbolos serão agrupados pela própria chave já conhecida, isso no caso de haver dois toques num mesmo tempo.

SUCESSOS PARA VIOLÃO E GUITARRA

ÍNDICE

A BANCA DO DISTINTO
De: Billy Blanco
Gravação: Dóris Monteiro
Disco: EMI-ODEON
Introdução: A7+ B-7 A7+ G7+ A7+ F#7+ B7/9 E7
TOM: A
BATIDA:

B-7
Não fala com pobre

Não dá mão a preto

E7/9 A7+
Não carrega embrulho

F#7/5+ B-7
Pra que tanta pose doutor

E7/9 A7+ A#7/9
Pra que esse orgulho

B-7
A bruxa é cega

Esbarra na gente

E7/9 A7+
E a vida estanca

F#7/5+ B-7
O enfarte lhe pega doutor

E7/9 A7+ D#7/9
E acaba essa banca

D7+
A vaidade é assim

G#7 E-6b
Ponhe o bobo no alto e retira a escada

F#7/5+ B-7
Mas fica por perto esperando sentada

E7/9 C#-7/9 A7+
Mais cedo ou mais tarde ele acaba no chão

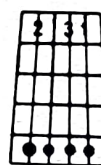
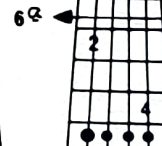
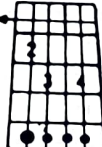
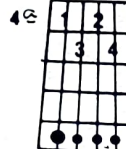
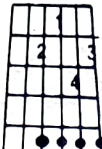
D7+
Mais alto o coqueiro

D#° C#-3b
Maior é o tombo do coco afinal

F#7/5+
Todo mundo é igual

B7/9
Quando a vida termina

E7/9 A7+
Com terra por cima e na horizontal

ESTRIBILHO

VOLVER A LOS 17

De: Violeta Parra
Gravação: Míltom Nascimento
Participação especial — Mercedes Sosa
DISCO EMI-ODEON
INTROD: A - A-7b F7+ E7
TOM: A -
BATIDA: 1 2 3
↓↑ ↓↑ ↓

A -
Volver a los 17
C
Después de vivir un siglo
A-
Es como decifrar signos
C
Sin ser sabio competente
D-
Volver a ser de repente
G
Tan fragil como um segundo
D-
Volver a sentir profundo
G
Como un niño frente a Dios
D- G
Eso es lo que siento yo
E7 A-
En este instante fecundo
G C
Se va enredando ,enredando
G C
Como en el muro la hiedra
G C
Y va brotando, brotando
G C
Como el musguito en la piedra
G G#°
Como el musguito en la piedra
A-
Ay si si si ...

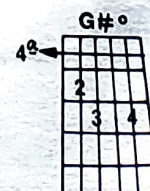
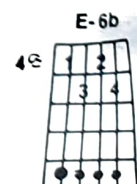
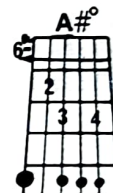
Mi paso retrocedido
C
Cuando el de ustedes avanza
A-
El arco de las alianzas
C
Ha penetrado en mi nido
D-
Con todo su colorido
E-
Se ha paseado por mis venas
D-
Y hasta la dura cadena
E-
Con que nos ata el destino

F G
Es como diamante fino
G#° A-
Que alumbra mi alma serena
G C
Se va enredando enredando
G C
Como en el muro la hiedra
G C
Y va brotando, brotando
G C
Como el musguito en la piedra
G G#°
Como el musguito en la piedra
A-
Ay si si si

Lo que puede el sentimiento
C
No lo ha podido el saber
A-
Ni el mas claro proceder
C
Ni el mas ancho pensamiento
D-
Todo lo cambia al momento
E-
Cual mago condescendiente
D-
Nos aleja dulcemente
E-
De rencores y violencias
F G
Solo el amor con su ciencia
G#° A-
Nos vuelve tan inocentes
G C
Se va enredando enredando
G C
Como en el muro la hiedra
G C
Y va brotando, brotando
G C
Como el musguito en la piedra
G G#°
Como el musguito en la piedra
A- A-7b F7+ E 7
Ay si si si ...

A- A-7+
El amor es torbellino
A-7 A-6
De pureza original
F7+ A-6
Hasta el feroz animal
A-7 A-7+ A-
Susurra su dulce trino

D-
Detiene a los peregrinos
G
Libera a los prisioneiros
D-
El amor com sus esmeros
G
Al viejo lo vuelve niño
D-
Y al malo solo el cariño
E7 A-
Lo vuelve puro y sincero
G C
Se va enredando enredando
G C
Como en el muro la hiedra
G C
Y va brotando, brotando
G C
Como el musguito en la piedra
G G#°
Como el musguito en la piedra
A-
Ay si si si ...

De par en par la ventana
C
Se abrió como por encanto
A-
Y entro el amor con su manto
C
Como una tibia mañana
D-
Y al son de su bella diana
E-
Hizo brotar al jasmin
D-
Volando cual zerafin
E-
Al cielo le puso aretes
F G
Y mis años en 17
G#° A-
Los convirtió el querubin
G C
Se va enredando enredando
G C
Como en el muro la hiedra
G C
Y va brotando, brotando
G C
Como el musguito en la piedra
G G#°
Como el musguito en la piedra
A- A-7b F7+ E7 A-
Ay si si si ...

ODARA

De: Caetano Veloso
Gravação: Caetano Veloso
DISCO PHONOGRAM
INTROD: E-7
TOM: G

E-7A#° A-7
Deixe eu dançar
D7 E-7
Pro meu corpo ficar odara
A#° A-7
Minha cara
D7 E-7
Minha cuca ficar odara
A#° A-7
Deixe eu cantar
D7 E-6b
Que é pro mundo ficar odara
C7+ B-7
Pra ficar tudo jóia rara
E7 A-7
Qualquer coisa que se sonhara
D7 E-7
Canto e danço que dará

ESTRIBILHO

THE LADY IS A TRAMP

De: Rodgers e Hart
Gravação: Lena Horne
DISCO PHONOGRAM
INTROD:
TOM: A

A7+ A#°
I get too hungry
B-7 E7
For dinner at eight
A7+ A#°
I like to feel hung
B-7 E7
But never come late
A7+ A7
I never bother
D7+ D-7
With people I hate
A7+ F#-7 B-7 E7 A7+ F#-7 B-7 E7
That's why the lady is a tramp
A7+ A#°
I don't like crack games
B-7 E7
With baloons and earls
A7+ A#°
Won't go to hall
B-7 E7
In ermine and pearls
A7+ A7
Don't dish the dirk
D7+ D-7
With the rest of the girls
A7+ F#-7 B-7 E7 A7+
That's why the lady is a tramp
B-7 C#7 F#-
I like the free fresh wind in my hair
B-7 E7
Life without care
F#7 B-7 E7
I'm broken that on
A A#° B-7 E7
Hey California it's cold anyday
A7+ B-7 E7 A7+
That's why the lady is a tramp

LONELY HEARTS

De: Paul Williams e John Barry
Gravação: Paul Williams
DISCO EMI-ODEON
TOM: D

My time is your time

The song begins

The movie starts

The sweet light blows

And what about the lonely apart?

D7+ B-
Lonely hearts
E
Tired of life
A9
Soul down. Where is?
F# -
Always try
E
When you doom below
F°
Always saying it's wrong
A- G-
When you've looked so lonely around
A7
Lost again
D7+ B-
Lonely hearts

E
Still believe
A
Don't forget
F#-
Should we see
E
Every love in glance
F°
Seems like one more chance
A-
And they knew he is tense
G- A7
Can brake him into piece
D7+ B-
Lonely heart
E
Although your angel's face
F°
And your pearl sweet trace
A-
Found your rest in place
G- A7
And not a home in mind
D7+ B- D7+B-
Lonely heart

D 7/9
In this world we som sadness

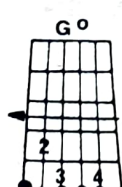
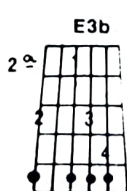
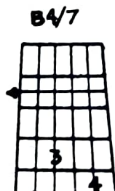
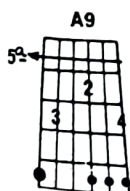
No one like to say good bye
Love belong can lead to madness

I believe it's wrong to try
D7+ B- D7+ B-
Lonely heart
E
Try again
A9
Lonely now
F#-
You are lonely then
E
But if time is kind
F°
And the blunt still blind
A-
It survives

G- A7
We'll find the way to come home surround
D7+ B- D7+ B-
Lonely hearts

DEPOIS DA CHUVA

De: Paulinho Camargo
Gravação: Paulinho Camargo
DISCO PHONOGRAM
INTROD: E E7+ E7 A7+ E3b F# - B4/7
TOM: E
BATIDA: 1 2 3 4

E E7+
A cidade ficou apagada
E7
E as ruas molhadas
A7+
Depois da chuva
G#-F#- E B4/7 B 7
Depois da chuva
E E7+
O silêncio na tarde vazia
E7
Fazia doer
A7+
Depois da chuva
G#-F#- E B4/7 B 7
Depois da chuva
E7
Era um velho no meio da rua
A7+ E3b
Pedindo uma ajuda irmão
F#7 B4/7 B7
E a criança imitando, o que viu na televisão
B-7 E7 A7+
E nos bares, os males, os cálices
E C# -
Comemorando vitórias
G
Histórias supostas, impostas por
F# -7 B4/7 B7
qualquer vilão

E E7+
A cidade mudou suas cores
E7
São cores mais tristes
A7+
Depois da chuva
G# - F# - E B4/7 B 7
Depois da chuva
E E7+
E agora não resta mais nada
E7
Do que eu já fui
A7+
Depois da chuva
G# - F# - E B4/7 B 7
Depois da chuva
E B-7
Depois da chuva, a gente sente que
E7 A7+ E3b
não é mais o mesmo
G° (C# -7) (BIS)
A gente muda
F# -7 B7
E fica esperando alegria de um
B-7 E7 (D) E
dia de sol
Depois da chuva Depois da chuva

SO NOS DOIS

De: Joaquim Pimentel
Gravação: Ângela Maria
Disco COPACABANA
Introdução: G- C- G- D7 C- D7 G-
TOM: G-
BATIDA: 1 2 3 4

G-
Só nós dois é que sabemos
D7
Quanto nos queremos bem
C- D7
Só nós dois é que sabemos
G-
Só nós dois e mais ninguém

Só nós dois avaliamos
G7 C-
Este amor forte e profundo
G-
Quando o amor acontece
A7 D7 G-
Não pede licença ao mundo
F7
Anda, abraça-me, beija-me
A# A#7+
Encosta teu peito ao meu
G- D7
Esquece o que vai na rua
C- D7 G-
Vem ser meu, que eu serei tua
G7 C-
Que falam não nos interessa
G-
O mundo não nos importa
D7
O nosso mundo começa
C- D7 G-
Cá dentro da nossa porta

Só nós dois compreendemos
D7
O calor dos nossos beijos
C- D7
Só nós dois é que sofremos
G-
As torturas do desejo

Vamos viver o presente
G7 C-
Tal qual a vida nos dá
G-
No que reserva o futuro
A7 D7 G-
Só Deus sabe o que será

ESTRIBILHO

DON'T MAKE ME WAIT TOO LONG

De: Barry White
Gravação: Barry White
DISCO PHONOGRAM
INTROD: F# -
TOM: A

B-7 E7 A7+
Darling please don't make me wait too long,
F#7
I want to love you baby
B-7 E7 A7+
Can't you see, it's only you I want, you I need
B-7 E7 A7+
Please don't make me wait too long, I want to
F#7
love you baby
B-7 E7 A7+ A7
Can't you see, it's only you I want, you I need
D7+ D-7 C# -7 F# -
When I'm away from you it seems like forever

yeah
B-7 E7 A7+
Girl if you only knew what I live through
A7
without you
D7+ D-7 C# -7
But knowing in a moment I'll see you
C
I turn the key, open up the door, girl what's

more
B-7 E7 A7+
Darling don't make me wait too long, I want
F#7
to love you baby
B-7 E7 A7+
Can't you see, it's only you I want, you I
need
B-7 E7 A7+
Please don't make me wait too long, I want to
F#7
love you baby
B-7 E7 A7+
Can't you see, it's only you I want, you I
A7
need
D7+ D-7 C# -7 F# -
You're in my heart and my heaven in waiting
B-7 E7 A7+ A7 D7+
I want more kisses baby and I'll be making
D-7 C# -7
you inside feel happy
F# -
Pleased and satisfied
B-7 E7
Don't fence tonight and don't funk out
A7+
You got what I want, now girl hold it out
B-7 E7 A7+
Please don't make me wait too long, I
F# 7
want to love you baby
B-7 A7+
Can't you see it's only you I want, you

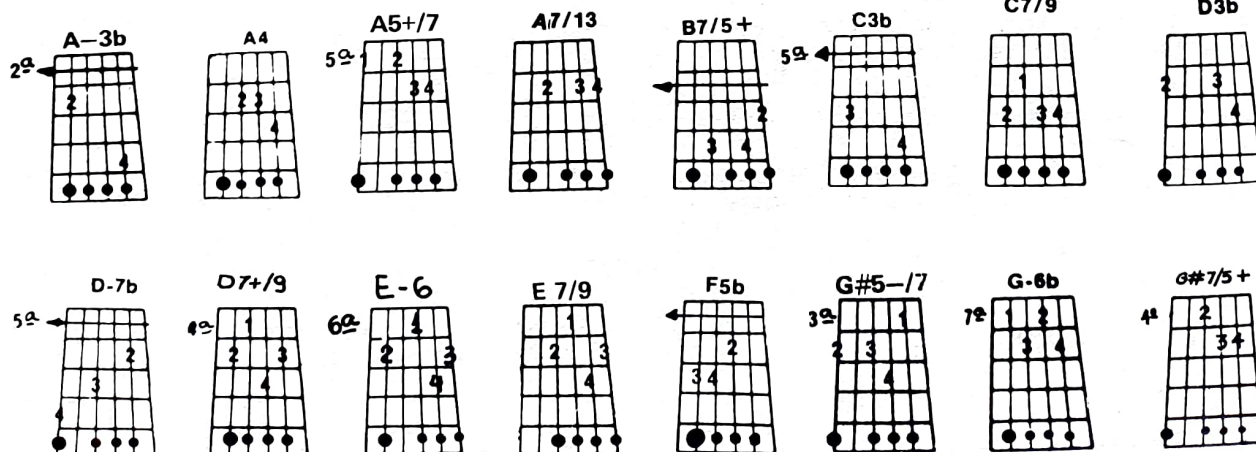
I need

ESTRIBILHO

CONTRASTES

De: Ismael Silva
Gravação: Jards Macalé
DISCO SOM LIVRE
INTROD:
TOM: D
BATIDA: 1 2

D7+/9 A7/5+ D7+/9
Existe muita tristeza
F# -7 B7/5+ E- E-7+ E-7
Na rua da alegria
E-6 E- E-7+ E-7
Existe muita desordem
A7/5+ D7+/9 A7/5+
Na rua da harmonia
D7+/9 A7/5+ D7+/9
Analisando esta história
A-7 G#7/5- G7+
Cada vez mais me embaraço
G-7 C7/9 F# -7 B7/5+
Quanto mais longe do circo
E7/9 A7/13 D7+/9 F# -7 F-7
Mais eu encontro palhaço
E-7 B7/5+ E-7 A7/5+
Cada vez mais me embaraço
D7+/9 A-3b B7
Analisando esta história
E-7 A7/13
Existe muito fracasso
D7+/9 D° E-7 A7/13
Dentro do largo da Glória
D7+/9 G7+ C#7 F# -7
Analisando esta história
A-7 G#7/5+ G7+
Cada vez mais me embaraço
G-7 C7/9 F# -7 B7/5+
Quanto mais longe do circo
E7/9 A7/13 D7+/9
Mais eu encontro palhaço

ESTRIBILHO

AREIA

De: Waltinho e Sérgio Andrade
Gravação: Banda de Pau e Corda
DISCO RCA
INTROD: D- C C3b F7+ A7 A4
TOM: D -

G- D-
Morena me diz morena
F A7
Pra onde é que você foi
F
Com esses olhos de preguiça
D3b G-
E essa voz que me tonteia
A7 F
Ô morena deixa disso
D- A7
Que eu não sou feito de areia
F
Ô morena o meu sangue
D3b G-
Quer correr em suas veias
A7 F
Ô morena eu já lhe disse
A7 D-
Que eu não sou feito de areia
D-7b C7
Areia, areia, areia, areia
C3b
Que o mar sacode
G-6b
E a gente pisa (BIS)
A7
Areia, areia

G- D-
Morena me diz morena
F A7
Por que não me olha mais
F
Será que você não lembra
D3b G-
Dos momentos da casinha
A7 F
Que eu vivia em seus braços
A7
Que você ainda era minha
F
Hoje eu vivo pensativo
D3b G-
E essa ausência me aperreia
A7 F
Ô morena volte agora
A7 D-
Que eu não sou feito de areia
D-7b C
Areia, areia, areia, areia
C3b
Que o mar sacode (BIS)
G-6b A7
E a gente pisa Areia, areia

BITTER THEY ARE, HARDER THEY FALL

De: Gatlin
Gravação: Elvis Presley
Disco RCA
Introdução: (C F5b)
TOM: C
BATIDA: 1 2 3 ↓↓↓ ↓↓↓ ↓↓↓

C F
I told her to leave me alone
C
That's what she's done
G G7
Just what she's done
C
And a house built for two
F C
And a home when it's lived in by one, one
G G7
lonely one
F
And I can no longer hear her footsteps and
C A#F C
Lie down alone, here come the teardrops

G C C7
Bitter they are, harder they fall
F CF C G C
She caught me lying, and she called a train
D7 D-7 A#G7
And I got a fever walkin home in the rain
C
But it's over and I'm gone
FCF
She left me once and for all, here come the
C
teardrops
G7 C F
Bitter they are, harder they fall
C
Here come the teardrops,
G7 F CF5b C
Bitter they are, harder they fall

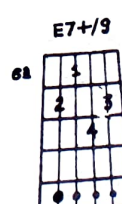
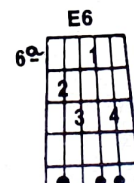
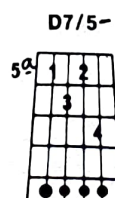
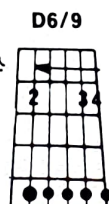
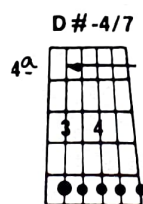
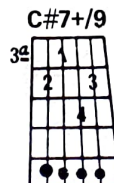
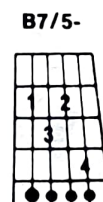
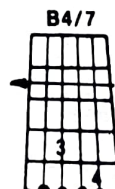
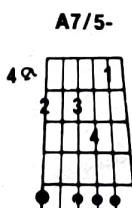
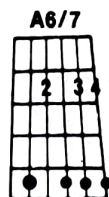
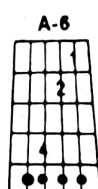
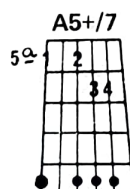
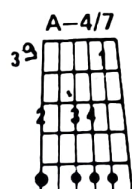
NEW KID IN TOWN

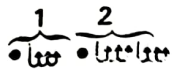
De: Don Henley, Don Felder e Glenn Frey
Gravação: The Eagles
DISCO WEA
INTROD: E B7 A B7 E
TOM: E/G

E (F# - B7)
There's talk on the street it sounds so familiar
A B7 E
Great expectations everybody's watchin' you
(F# - B7)
People you meet all seem to know you
A B7
Even your old friends treat you like you're
E
somethin new
G#4 G# C #- F# C#- F#
Johnnie-come-lately, the new kid in town
C#- F# A B7
Everybody loves you so don't let them down
E (F# - B7)
You look in her eyes the music begins to play
A B7 E
Hopeless romance here we go again
(F# - B7)
But after awhile you're lookin' the other way
A B7 E
It's those restless hearts that never mend
G#4 G# C#- F# C#- F#
Johnnie-come-lately, the new kid in town
C#- F# A B7 E
Will she still love you when you're not around
B7
There's so many things that you should have
E
told her
B7 C#-
But night after night you're willing to hold
F#
her, just hold her
C D
Tears on your shoulder

G (A-D7)
There's talk on the street it's there to remind
you
C D7 G
It doesn't really matter which side you're on
(A-D7)
You're walkin' away and they're talkin' behind
C D7
They will never forget you till someone new
G
comes along
B7 E- A7 E-
Where have you been lately, there's a new kid
A7
in town
E- A7 C
Everybody loves you don't they, please show
B7
them how you still love
E G#- A B7
There's a new kid in town
E G#- A A-
Just another new kid in town
E C#-
Everybody's talkin' about the new kid in
town
E C#-
Everybody's talkin' about the new kid in
town
E C#- (E C#-)
There's a new kid in town

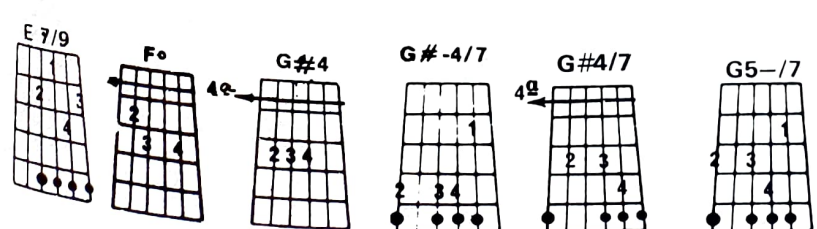
A–4/7 A5+/7 A-6 A6/7 A7/5- B4/7 B7/5- B7/9 B7/9- C7/9

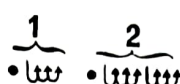
C#–7/9 C#7+/9 D#-4/7 D6/9 D7/5- D-7/9 E3b E6 E7+/9 E7+/9/11+

TUDO SE TRANSFORMOU

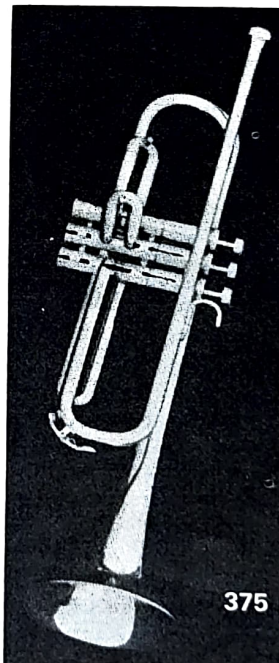
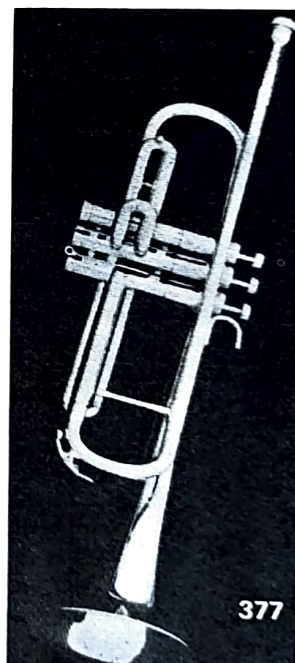
De: Paulinho da Viola
Gravação: Caetano Veloso
Disco PHONOGRAM
Introdução: G- A7 D- A#7 D#7+ A7 D- A7
TOM: D-
BATIDA: 1 • ᒪᒪᒪ 2 • ᒪᒪᒪᒪᒪ

D-7/9
Vai meu samba
G-7
Tudo se transformou
C7/9 F7+
Nem as cordas do meu pinho
A#7 A7
Podem mais amenizar a dor
D7 G-7
A razão dessa tristeza

É saber que o nosso
A#7A7 (D7) D6/9 A7/6 A7/5+
amor passou
D6/9 E7/9
Violão até um dia
A7
Quando houver mais alegria
D6/9
Eu procuro por você
F° E-7
Cansei de derramar inutilmente em suas cordas
E7/9 A7/6 A7/5+
As desilusões desse meu viver
D7 G-7
Ela declarou recentemente

Que a meu lado não
A#7A7D7 (D6/9) A7/6 A7/5+
tem mais prazer
D6/9 F° E-7
Cansei de derramar inutilmente

em suas cordas
E7/9 A7/5+
As desilusões desse meu viver
A-4/7 D7 G-7
Ela declarou recentemente
A#7 A7
Que a meu lado não tem mais
D7 (D6/9)
prazer

QUALQUER DIA

De: Ivan Lins e Vítor Martins
Gravação: Ivan Lins
DISCO EMI-ODEON
INTROD: E E6 E7+ E6 C# -7 C# - C# -7/9 C# - A7+ G# 4/7 G# F# - E3b A B 4/7 B7
TOM*E
BATIDA* 1 • ᒪᒪᒪ 2 • ᒪᒪᒪᒪᒪᒪ

E7+
Nessa calma sertaneja
C#-7/9
De quem sabe o que fareja
A7+ D#-4/7
Eu te encontro qualquer dia
D7/5- C#7+/9 F#7+
Eu te encontro qualquer dia
A7+ A-7
Já conheço os teus rastros
B7/5- E7+/9 A7/5-
Já comi no teu prato
D#-4/7 D7/5-
Já bebi tua cerveja

C#-7/9 E7
Eu conheço o teu cheiro
G#-4/7 G7/5-
Eu te encontro qualquer dia
F#7 B7/9 B7/9-
Ah! Eu te encontro qualquer dia
E- E-7+ E-7 E-7+
Logo quem me julgava morto
C7+
Me esquecendo a qualquer custo
A- A-7+ A-7 A-6
Vai morrer de medo e de susto
B4/7B7B4/7B7 E7+/9/11+
Quando abrir a porta

MENSAGEM
De: Cícero Nunes e Aldo Cabral
POR CAUSA DE VOCÊ
De: Antonio Carlos Jobim e Dolores Duran
PRA VOCÊ
De: Silvio Cesar
Gravação: Isaura Garcia
DISCO EMI-ODEON
INTROD: D-
TOM: Vários

D- G-
Quando o carteiro chegou

A7
E o meu nome gritou

D-
Com uma carta na mão

G- C7 F7+
Ante surpresa tão rude

G-6b A7 D-
Nem sei como pude chegar ao portão

A7 D- G-
Lendo o envelope bonito

A7
No seu sobrescrito

D7
Eu reconheci

G-6b A7 D- D-7b
A mesma caligrafia

D#
Que me disse um dia

A7 D-
Estou farto de ti

C7 F7+
Porém não tive coragem

G-6b
De abrir a mensagem

A7 D-
Porque na incerteza

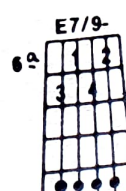
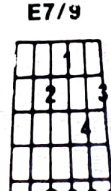
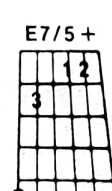
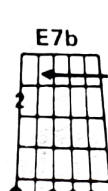
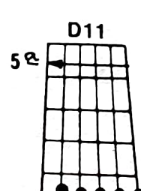
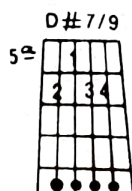
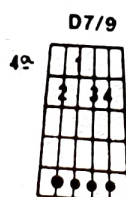
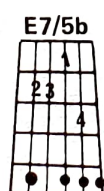
G-6b A7 D- D-7b
Eu meditava e dizia

E7/5b E7
Será de alegria, meu Deus

A7
Será de tristeza

C7 F7+
Quanta verdade tristonha ou mentira

G-6b
risonha

A7 D7
Uma carta nos traz

G-6b A7 D-
E assim pensando rasguei

D-7b D#
Tua carta e queimei

A7 D- G D7/9- G
Para não sofrer mais

ESTRIBILHO

G5+ G6
Ah! você está vendo só

G7 A-7
Do jeito que eu fiquei

E que tudo ficou

D#7/9 D7
Uma tristeza tão grande

G7+
Nas coisas mais simples

A-7 D-6b G7/5- G7
Que você tocou

C7+ C#º
A nossa casa, querido

F#7 B-7 E7
Já estava acostumada guardando você

A-7 D7/9- D7
As flores na janela sorriam, cantavam

B7/6 B7/5+ E7/9 E7/9-
Por causa de você

D11 D7/9
Olha, meu bem, nunca mais

G5b B-7 E7
Nos deixe, por favor

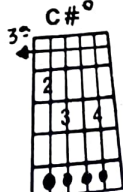
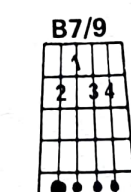
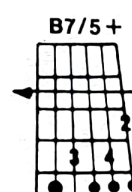
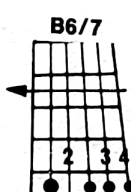
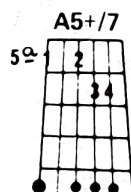
A-7 D7 D7b
Somos o sonho, a vida

D-6b G7 C7+
Nós somos o amor

C#º
Entre, meu bem, por favor

G7+
Não deixe o mundo mau

E7
Te levar outra vez

A-7
Me abrace simplesmente

D11
Não fale

Não lembre

Não chore

G7+ E7 A7+
Meu bem

D-5b
Pra você eu guardei

E7
Um amor infinito

A7+ E-7
Pra você procurei

A7/5+ D7+ C#7/9+
O lugar mais bonito

F#- F#-7+
Pra você eu sonhei

F#-7 F#-6
O meu sonho de paz

D C#-7 B7/9 E7/5+
Pra você me guardei demais, demais

A7+ D-5b
Se você não voltar

E7
O que faço da vida

A7+ E-7
Não sei mais procurar

A7/5+ D7+ C#7/9+
A alegria perdida

F#- F#-7+
Eu não sei bem por quê

F#-7 F#-6
Fui gostar tanto assim

B-7 E7
Ah! se eu fosse você

E7b C#-7
Eu voltava pra mim

F#7/5+
Voltava, sim

B-7 E7
Ah! se eu fosse você

A7+
Eu voltava pra mim

A5+/7 A-7b B6/7 B7/5+ B7/9 C#º C7/9*

E7/5b D7/9 D#7/9 D11 E7b E7/5+ E7/9 E7/9- F#-6

PAZZI NOI
De: E. Vianello e R. Conrado
Gravação: I Vianella
Disco CHANTECLER
Introdução: (C7/9* F7+/5b)
TOM: F
BATIDA: 1 2 3 4

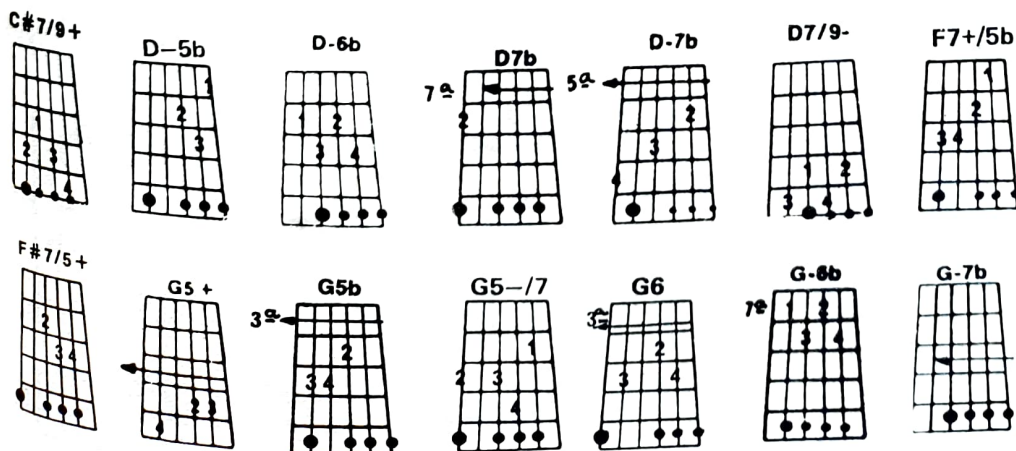
C7/9*
Fatalità

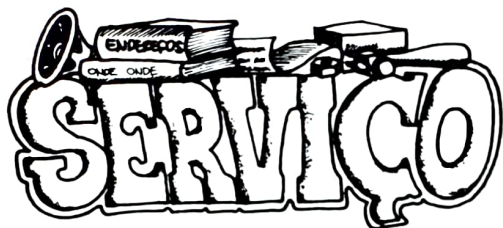
Quando c'è lui
F7+/5b
Fai finta de non stà con me
C7/9* F7+/5b
Voi fà vede che sono amico
C7/9*
Fatalità

Quando c'è lei
F7+/5b
Non guardi più verso di me
C7/9* F C7/9*
Non sà mai di che parla
F7+
Come si sà
G-6b
Come ogni sera
A7 D-7 D-7b
Andiamo via
C-7F7 A#7+
Nei visi tarla gelosia
A-7 D7
Finisce tutto fra noi
G-
Forse sì.
G-7b C7/9*
Ce piace de sofri
F7+
Pazzi noi
G-6b
Che se creamo
A7 D-7 D-7b
Strani idee
C-7 F7
Siamo fissati
A#7+
Como quei due
D-6bE7 A-7
L'amore nostro è così
A-7b C7/9*
Ce piace de sofri
F7+
Ce piace de sofri
C7/9*
Fatalità

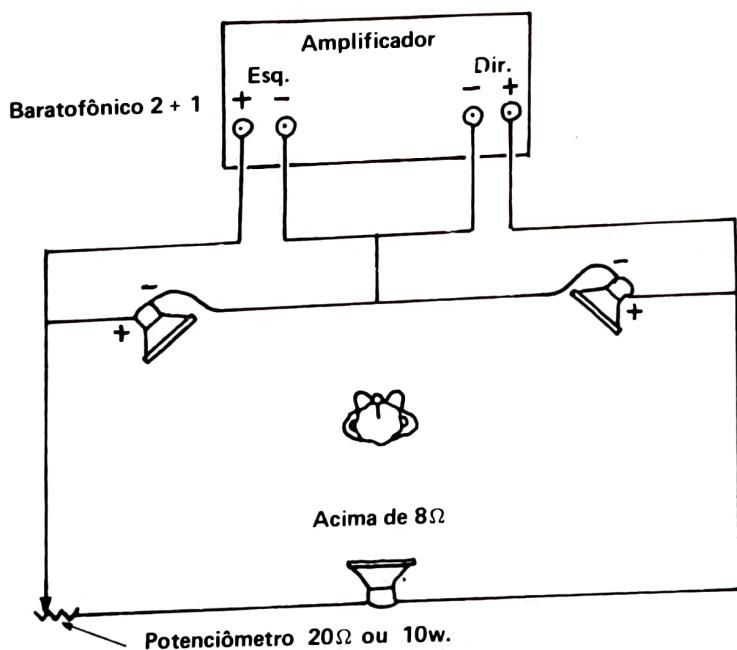
Se arriva lui
F7+
Se stai a balla, non ti và più
C7/9* F7+
Ti sènti subito un pò stanca
C7/9*
Fatalità

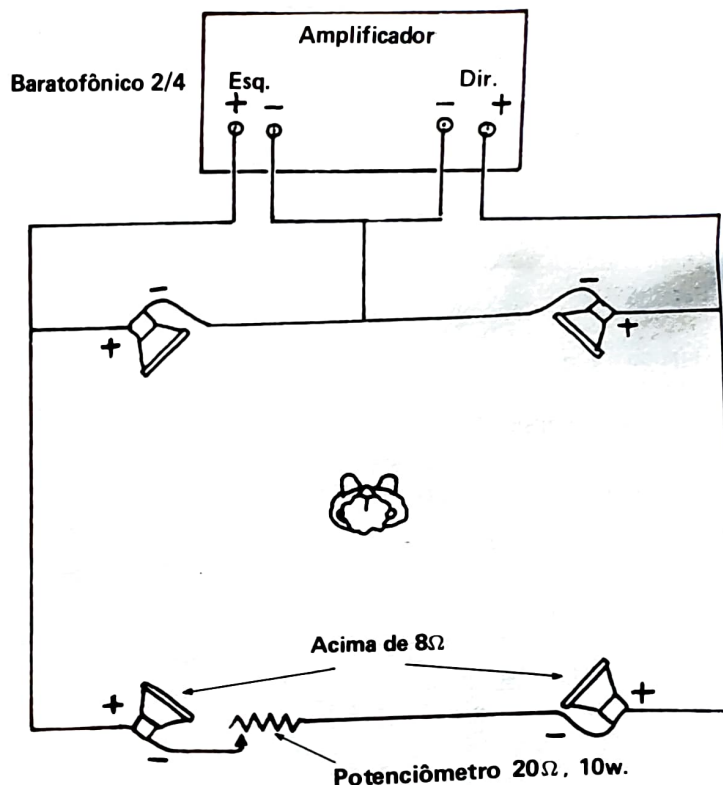
Si vedi lei
F7+/5b
T'ubbriache e fai quello che voi
C7/9* F7+
Con l' alibi che voi scusa.
C7/9* F7+
Come si sà
G-6b
Come ogni sera

A7 D-7 D-7b
Andiamo via
C-7F7 A#7+
Nei visi tarla gelosia
A-7 D7
Finisce tutto fra noi
G-
Forse si
G-7b C7/9*
Ce piace de sofri
F7+
Pazzi noi
G-6b
Che se creamo
A7 D-7 D-7b
Strani idee
C-7
Siamo fissati
F7 A#7+
Come quei due.
D-6bE7 A-7
L'amore nostro è cosi
A-7b C7/9*
Ce piace de sofri
F7+ G-6b
Ce piace de sofri
A7 D-7
Pazzi noi

C#7/9+ D–5b D-6b D7b D-7b D7/9- F7+/5b

F#7/5+ G5+ G5b G5–/7 G6 G-6b G-7b

Baratofônico 2+1 e 2/4

Numa rápida pesquisa já foram contados mais de 10 tipos de quadrafônicos-quadrassônicos-matrix-etc. Resolvemos colaborar com dois novos sistemas de recriação do ambiente do concerto em sua casa: os baratofônicos que possuem como maior qualidade o preço, o mesmo de um alto-falante ou dois, apenas.

2 + 1 É apenas uma maneira de extrair um terceiro canal dos dois comuns do estéreo. Esse sistema, de autoria de David Hatler, funciona muito bem, principalmente em discos gravados ao vivo. Esse terceiro canal alimenta um alto-falante que é colocado atrás do ouvinte. A impedância do alto-falante não deve ser menor que 8 ohms, para não provocar maiores problemas com amplificadores transistorizados. O inventor descobriu também que para maior efeito o alto-falante precisa ser colocado acima da altura da cabeça, de preferência no teto.

O potenciômetro é para ajustar o volume do som do fundo adaptando-o à sala onde se escuta. É um potenciômetro de 20 ohms, 10 watts, de fio, com um contato variável.

2/4 De autoria não anotada, este sistema é mais caro um pouco, precisando de mais um alto-falante. O efeito é melhor, quase um legítimo quadrafônico — em alguns discos há instrumentos que se movem ao redor do distinto ouvinte — mas não é sempre que funciona tão bem, porém não se pode negar que traz um efeito de profundidade não percebido no seu estéreo.

Pode-se conseguir resultados diferentes usando propositadamente um dos alto-falantes de frente, fora de fase, com a ligação da polaridade (+ e -) invertida.

Os alto-falantes não precisam ser muito potentes, cerca de 1/4 da potência dos usados na frente. Porém quanto mais qualidade tiverem os alto-falantes de fundo, mais fiel será a impressão de espaço. A resposta em alta freqüência (agudos) é importante na localização da origem do som. Procure a melhor localização para as caixas de fundo, pois a colocação é decisiva para um bom efeito baratofônico.

NÃO PERMITA QUE
SEU CONJUNTO DE SOM
TENHA SUA QUALIDADE DE REPRODUÇÃO PREJUDICADA
POR ELEMENTOS ESTRANHOS.

ATENÇÃO:

A UTILIZAÇÃO DE MÉTODOS E PRODUTOS INADEQUADOS PODEM PREJUDICAR SEU EQUIPAMENTO.
AGORA, AO SEU ALCANCE, PRODUTOS DA LINHA *MALITRON*, QUALIDADE CONSAGRADA PELOS PROFISSIONAIS.

CADA CONJUNTO VEM ACONDICIONADO EM BONITOS ESTOJOS COM INSTRUÇÕES COMPLETAS PARA UTILIZAÇÃO.
VOCÊ SÓ PAGA NOSSOS PRODUTOS QUANDO OS RECEBER NA AGÊNCIA DO CORREIO MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

Solicito à SABER Publicidade e Promoções, Cx. P. 50450, CEP 01000, S. Paulo - SP, o envio, pelo reembolso postal, de:

( ) K-7 Tape Kit ($ 190,00) ( ) Record Kit ($ 200,00)
( ) Os dois conjuntos ($ 350,00)
(Assinale com um "X" o que deseja receber)

Nome: ____________________

End.: ____________ Cidade: ________ Est.: ______

Recorte aqui

TROCA TROCA

GRUPO AMA

Você compra, vende ou troca um instrumento (guitarra, violão, bateria, contrabaixo, órgão, amplificadores, gravadores, etc.). Novos ou usados, sob a orientação do Dr. Zeca. A aparelhagem e instrumentos novos são de todas as marcas. Rua Gabriel dos Santos, 103 - Fone: 67-4879 - Santa Cecília.

ACESSÓRIOS

Pedais de efeito — Vendo. Distorcedor, phaser, superagudo, sustainer, vibrato. Montados e garantidos por mim. O preço é o menor da praça. Tratar c/ Waldir, fone: 66-0513, Pça. Marechal Deodoro, 236, cj. 106, São Paulo/SP.

CORDAS

Guitarra — Vendo guitarra Ookipik, mod. SG, cor preta. Está praticamente nova, pintura intacta, c/ encordoamento Fender, estojo e um cabo. Cr$3 000,00. Tratar c/ Wagner, fone: 227-2482 ou, à noite, Estrada das Lágrimas, 403, Ipiranga, São Paulo/SP.

Guitarra Fender — Vendo. Mod. Jaguar, bom estado, cor natural, c/ 3 reforçadores de agudos, 2 captadores (agudo, solo) afinação perfeita. Cr$8 000,00. Thunder Sound - Vendo. Funcionando perfeitamente: Cr$1 500,00 Caixas acústicas — Vendo duas caixas Gradiente, c/ 3 falantes cada (med., grave, ag.) p/ guitarra, voz ou toca-discos: Cr$2 250,00 cada. Tratar c/ Edward, fone: 256-2824, das 12 às 14h, de 2ª a 6ª feira, ou deixar recado. São Paulo/SP.

Guitarra Snake — Vendo duas. Mod. Gibson 330, de 6 e 12 cordas, semi-acústicas. Em perfeito estado. Tratar c/ Rogério Crepaldi, fone: 221-2128, horário comercial. R. dos Gusmões, 289. São Paulo/SP.

Violão — Vendo. Giannini, mod. Folk, seminovo, c/ capa plástica, almofadada. Cr$ 900,00. Caixa acústica — 1,5m de altura x 1m de profundidade, dois tweeters de 12", um de 8", divisor de freqüência, novo, Cr$ 3 500,00. Uma fita de estúdio — importada, virgem, uma polegada, Agfa. Cr$2 200,00. Tratar c/ Malcom ou Vera, fone: 298-1197, São Paulo/SP.

Violão Yamaha — Vendo ou troco por guitarra nacional. Modelo FG-75, tipo folk, ano 1975, sem uso, 6 cordas de aço, verniz impecável, excelente acabamento, ótima sonoridade, c/ estojo. Tratar c/ Mário, fone: 228-18 84, Rio de Janeiro/RJ.

Instrumentos — Dupla falida vende guitarra, baixo, violão Folk 12 cordas, Del Vecchio e amplificador Thunder Sound 100 watts. Falar c/ Angelo ou Djalma, R. Hamburgo, 42, Parque Vitória, Tucuruvi, São Paulo/SP.

Baixo Giannini — Vendo baixo, amplificador e caixa, mod. Thunder Sound Bass II, em bom estado. Tudo por Cr$5 000,00. Tratar c/ Maria Eugenia Cortes, fone: 298-9208, Rua Calaf, 196, Jardim França, São Paulo/SP.

DIVERSOS

Discos — Atenção discotecários, compro por Cr$600,00 cada Lp da orquestra "The Hollywoods". Escreva para: Duval Dornelles. Caixa Postal 37, CEP 89.560, Videira/SC.

Discos — Compro. Gostaria de entrar em contato c/ quem possui: "African Sanctus" de David Fauhawe, "Big Ben" e "Negro é lindo" de Jorge Ben e "Killing Me Softly With his Song" de Roberta Flack e que se dispõe a vendê-los ou tirar fitas a um preço camarada. Tratar c/ Aparecido Tadeu dos Santos, R. Maria Camargo Barman, 505, cj. 26, Itaquera, São Paulo/SP.

Discos — Vendo. Discos pirata dos Beatles, Led Zeppelin, Yes, Pink Floyd, Santana, etc. Preços de Cr$450,00 a Cr$850,00 cada. Tratar c/ Carlos A. Sciarretti. Caixa Postal 5567, CEP 01000, São Paulo/SP.

Discos — Vendo ou troco ou faço qualquer negócio (talvez até saia de graça) com alguns discos que já não me interessam. Desde música comercial até gente consagrada como Eumir Deodato. Os discos ainda estão audíveis! Tratar c/ Paulo Cesar Luz, R. João de Barros, 79. CEP 11100, Santos/SP.

Disco — Transo o 1º disco da Janis Joplin c/ o "Big Brother", em perfeito estado, preço legal. Tratar c/ José Antônio, fone: 272-3372, R. Dona Leopoldina, 296, Ipiranga, São Paulo/SP.

Discos — Vendo: Araçá Azul (Caetano) Cr$200,00; Mutantes 1º e 2º Cr$350,00 cada. Tratar c/ Marcos, fone: 63-8790, Pça Major Guilherme Barbosa, 72, Ipiranga, São Paulo/SP.

Discos — Compro ou troco. "Loki?" do Arnaldo Batista p/ "Superstars Gold" e "Run With the Pack" do Bad Company. Troco também o "Close Enough for Rock'n'roll" do Nazareth por discos do Raul Seixas, menos "Há Dez Mil Anos Atrás", ou "Caia na Estrada e Perigas Ver" dos Novos Baianos. Tratar c/ Luiz Carlos Cichetto, fone: 284-4211, ramal 238, das 9 às 18h, São Paulo/SP.

EQUIPAMENTO

Aparelhagem profissional Gradiente — Vendo ou troco. Completa: amplificador PRO-1200, 140 watts; gravador mod. CD-1666; toca-discos automático; 4 caixas acústicas de 50 watts cada. Cr$25 000,00 à vista ou Cr$15 000,00 de entrada e 15 prestações de Cr$1 000,00. Tratar c/ João Izildo Jordão, R. Batuira, 156, CEP 08550, Poá, São Paulo/SP.

Aparelhagem de som — Vendo. Gradiente. Amplificador 80 watts, estéreo, STA/ 900, duas caixas acústicas quarteto, 50 watts. Tratar c/ Paulo Roberto, fone: 275-9751, São Paulo/SP.

Toca-discos Liftomat Telefunken — Vendo. Novo c/ garantia e embalagem. Cr$ 1 000,00. Aceito ofertas. Tratar c/ Cosme Tadeu, fone: 249 9695 (à tarde), R. Felício, 37. Cascadura, Rio de Janeiro/RJ.

Equipamento — Vende-se guitarra Stratosonic branca (modelo igual à Fender) c/ encordoamento Fender e um amplificador Giannini 50w c/ trêmulo, reverberador e outros botões, entradas p/ órgão, microfone e guitarra. Novíssimos. Cr$6 000,00. Vende-se também três captadores de guitarra e um de violão. Cr$300,00. Tratar c/ Paulo Estêvão, R. Território do Iguaçu, 147, Vila Guarani, Jabaquara, São Paulo/SP.

Aparelhagem de som — Vendo ou dou de entrada em Opala 4 cilindros. Aparelhagem de som c/ toca-discos Dual, Ireceiver Kenwood 80w, duas caixas Aquarius c/ suspensão acústica. Cr$11 000,00. Tratar c/ Milton M. Pommer, R. Guimarães Passos, 680, Aclimação. CEP 04107, São Paulo/SP.

Amplificador Quasar 5.500 — Vendo, 295 watts c/ mixer — profissional, quase novo. Cr$6 500,00. Tratar c/ José Luiz, fone: 71-8571 (noite) ou 448-3355 (dia), São Paulo/SP.

Amplificador Fender Showman — Vendo, c/ caixa, seminovo. Tratar c/ Réle ou Rodi, fone: 449-4162, R. Martins Pena 475, Santo André/SP.

Amplificador Phelpa — Vendo, 40 watts, duas entradas p/ canal e caixa c/ 4 alto-falantes. Vendo também estojo para baixo modelo Diamond. Tratar c/ Victor Luthold, fone: 282-6536, R. Atlântica 649, Jardim América, São Paulo/SP.

Amplificador — Troco amplificador Dallem DM-350, 50w, para toca-discos, gravador, etc., novo, por um amplificador de guitarra em bom estado. Tratar c/ Álvaro, fone: 262-0161, São Paulo/SP.

Amplificador — Vendo amplificador A-300 Giannini e contrabaixo Fender Jazz Bass, cor natural. Tratar c/ Renato, fone: 273-3862, São Paulo/SP.

Cabeçote de 80 a 120 watts — Compro, qualquer marca, pago à vista. Tratar c/ Paulo Emard, fone: 33-2211 ou 33-3054. QE 26, conj. C, casa 27, Guará II, Brasília/DF.

Equipamento Diatron — Vendo. Profissional duas teclas, móvel de madeira, louro-pardo, ritmo eletrônico c/ diversas combinações, baixo automático, canais dependentes, acordes c/ balanço automático, pedaleira c/ 13 notas e dois timbres, registro e chaves c/ variadas combinações, timbales, reverberador sustain, entrada e saída p/ gravador, microfone, fone de ouvido e falantes suplementares, 40w de saída. Tratar c/ Orlando, fone: 260-2037 (à noite), São Paulo/SP.

Mesa de Luz — Nova, 20 canais c/ 500w cada. Vendo ou troco por baixo Rickenbacker usado, em bom estado, ou similar nacional, novo. Ou transo por outro material no gênero musical. Tratar c/ qualquer integrante do Grupo Síncope nos fins de semana à R. dos Franceses, 152 ou c/ Marinho, fone: 288-1519 (à noite), São Paulo/SP.

Aparelho de voz — Giannini c/ cabeçote. Mod. A-50. Cr$2 500,00. Tratar c/ Alex, fone: 275 -0908, R. Abranches de Moura, 97. V. das Mercedes, São Paulo/SP.

Equipamento — Vendo. Mesa de som, estéreo MIX — profissional. Console, 24 entradas, 12 baixa e 12 alta impedância. Amplificador A-300. Duas caixas especiais c/ 8 alto-falantes de 12 polegadas e 16 de 4 polegadas. Ótimo estado, Cr$30 000,00 os três. Tratar c/ Ademir, fone: 22-1127 ou c/ Ivo 22-1909, Jaboticabal/SP.

Aparelho Plus Giannini — Vende-se, 200 watts, zerinho. Tratar c/ Lizardo, R. Sólon, 310, apto. 7, Bom Retiro, São Paulo/SP.

Aparelhagem de som — Vendo ou troco por carro. Amplificador Quasar, 150 watts, quadrifônico. Toca-discos CCE, Colaro, estéreo, AM/FM, 600 royal. Duas caixas tamanho grande, completas, novos. Cr$11 000,00. Estuda-se contraproposta. Tratar c/ Geraldo, fone: 266-5641 ou c/ Carlos, R. C nº 9, Vila Santa Maria, perto do Cemitério da Cachoeirinha, São Paulo/SP.

MÚSICOS

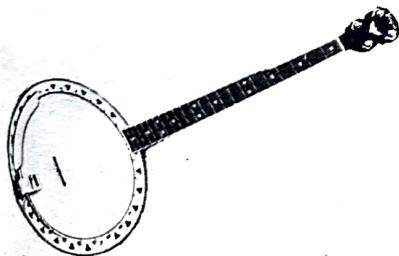
Baterista c/ instrumento — Preciso p/ banda. Trabalho sério e lucrativo. Tratar c/ Carlos Eduardo Couto, fone: 235-2444 ou 257-3669, das 18 às 21h, Copacabana, Rio de Janeiro/RJ.

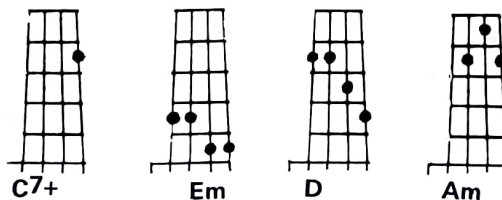
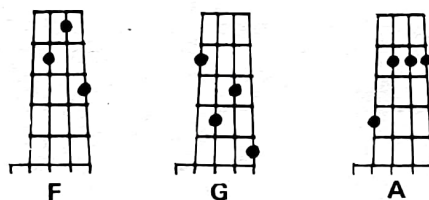
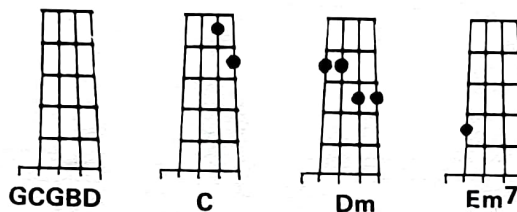
Percussionista e Gaitista — Cantor/compositor procura percussionista e gaitista, ambos p/ TV, shows, festivais, gravações. Tratar c/ Francisco de Paula, fone: 296-3125, das 12 às 14h e das 18 às 21h, Av. Cons. Carrão, 2340, São Paulo/SP.

Músicos com aparelhos — Baterista, aperfeiçoando-se no som do grupo Kiss, procura guitarrista, baixista e vocais, c/ aparelhos. Tratar c/ Jorge Elias Jr., fone: 295-7524 (recados), R. Caquito, 517, Penha, São Paulo/SP.

Guitarrista — Procura grupo musical c/ instrumentos p/ altas transações em bailes, etc. Tratar c/ Walter Luiz, fone: 284-9922, ramal 258 ou 259, das 9 às 18h. São Paulo/SP

"Qual é a afinaçao usada pelos tocadores de banjo americano? Queria que me dessem uma dica pra eu afinar o meu banjo, mas não na afinação brasileira (banjo tenor), pois é muito feia. A afinação do banjo americano é a mesma do banjo brasileiro? Como eu poderia conseguir um banjo importado aqui no Brasil?" — *Célio Anélio Neto — Sto. André/SP*

O banjo americano difere um pouco em construção do banjo que você chama com afinação "brasileira". O banjo americano possui cinco cordas, quatro com o comprimento total da escala e uma na altura do quinto traste. Esta quinta corda dá a característica peculiar do banjo, pois embora esteja situada na parte mais grave da escala é uma corda desencapada, com a afinação aguda. É muito ouvida nas interpretações de 'bluegrass' tocada com uma dedeira de metal em um estilo que se chama 'fingerpicking'. A afinação mais comum neste tipo de banjo é uma afinação em dó, embora outras sejam usadas: a 5ª corda, mais fina, é afinada em sol, a seguir, a 4ª corda em dó, a 3ª em sol, a 2ª em si e a 1ª em ré. Como o seu banjo é tenor, e não possui a 5ª corda, sol, você deverá afiná-lo, da mais grave para a mais aguda: dó (C), sol (G), si (B) e ré (D).

Para esta afinação você pode usar as cordas de aço normais para violão, a 1ª, 2ª, 3ª, e 4ª. Banjos americanos de cinco cordas são raríssimos, os mais comuns são os do tipo tenor, que ainda são utilizados para jazz tradicional. Não conhecemos nenhuma loja que possua banjos americanos, mas você poderá encontrar uma chance de importação com a Casa Del Vecchio, cujo endereço se encontra nas páginas da revista. Caso não dê certo, tente escrever para Warehouse Music Sales, P.O. Box11449, Fort Worth, Texas 76109, e talvez seja possível uma importação direta do Banco do Brasil. Os preços de banjos variam de US$ 3.999,00 (Gibson) até US$ 150,00, (Harmony) mas você pode conseguir bons banjos na faixa de US$ 300,00/ 400,00. Aí vão alguns acordes, pra começar.

EC

"Como não entendi muito bem a aplicação de acordes para o blues (Música nº 8) e os números feitos no braço do violão (Música nº 9), gostaria de receber algumas informações a respeito." — *Cristiane Rocha — Recife/PE*

Como você especificou vagamente a sua dúvida, vamos explicar o que julgamos ser de mais difícil compreensão: você conhece os tons naturais, não? Veja, dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, estas notas definem a escala natural de dó maior ou a seqüência de notas brancas no piano. Para efeito de nomenclatura harmônica, podemos substituir as notas dó, ré, mi, fá, sol, lá e si, por algarismos romanos, assim: dó: I, ré: II, mi: III, fá: IV, sol: V, lá: VI, si: VII. Os algarismos romanos passam então a representar os graus existentes em relação ao centro tonal, no caso I (dó). Em uma escala de sol maior, por exemplo, os graus seriam sol: I, lá: II, si: III, dó: IV, ré: V, mi: VI, fá #: VII. Assim, a relação existente de ré para dó em uma escala de dó maior é a mesma existente entre lá e sol, em uma escala de sol maior, ou seja, uma relação de II/I (segundo grau para primeiro) e assim por diante: Fá # está para sol assim como si está para dó: VII/I. Como mostra o ex. 1 da Música nº 8, p. 53, podemos organizar acordes, tendo como nota fundamental cada um dos graus da escala. O exemplo foi dado sobre uma escala de sol maior. Estes acordes são formados adicionando-se à nota fundamental considerada intervalos de 1 1/2 tons e 2 tons chamados terças, menores e maiores respectivamente, sempre com notas da escala. Assim pudemos obter os acordes sobre os I, II, III, IV, V, VI e VII graus da escala. O que dissemos na matéria foi que o blues utiliza em sua progressão acordes construídos sobre o I, IV e V graus de uma escala, ou seja, na escala de dó (C) os acordes de C, F e G; na escala de sol teríamos G, C e D. Os números que aparecem no braço do violão na revista Música nº 9, p. 52, significam o dedo que deve ser utilizado para tocar a corda, como nos acordes da parte cifrada. Os dedos são: indicador: 1, médio: 2, anular: 3 e mínimo: 4. Toque as notas em ordem, das mais graves para as mais agudas, posicionando os dedos conforme o indicado.

EC

PRATELEIRA

"Album of Various Works Transcribed for Guitar"
Johann Sebastian Bach
Kalmus Guitar Series

Da extensa série de álbuns editados por Edwin F. Kalmus, estão incluídas publicações sobre obras de Bach, transcritas para guitarra. O exemplo aqui transcrito faz parte de uma das seleções da 'Kalmus Guitar Series', o de nº 4239, Album of Various Works — Johann Sebastian Bach — transcribed for guitar. As peças estão ordenadas em dificuldade crescente: Bourrée, Prelude, Courante, Gavotte, (da sonata para violino em mi maior), Sarabande, Sarabande (da II sonata para violino). Podem ser encontrados trabalhos de praticamente todos os autores de peças para violão, como Matteo Carcassi, Tárrega, Fernando Sor entre outros.

A publicação custa Cr$ 45,00 e pode ser solicitada pelo reembolso postal à Editora MCA do Brasil, representante das edições Kalmus no Brasil.

2

BOURRÉE

DANZA

J. S. BACH

GUITARRA.

Ganhador do Ganzá: *Rosana Amábilis Pereira, Av. Cesário Alvim, 1136 — Uberlandia — MG — Comunique-se com a revista*

Fausto de Paschoal © 1977

CHECK-UP DOS PRINCIPAIS PROBLEMAS DE TEORIA, LEITURA, HARMONIA, OUVIDO, MEMÓRIA, TÉCNICA, ETC.

Assunto 14: Como ler cifras 'americanas'

DADOS

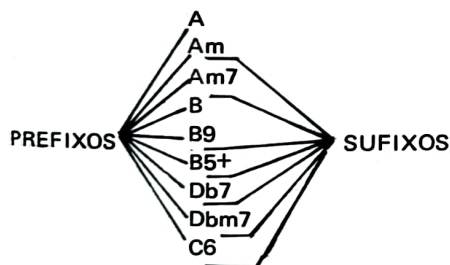
Para você aumentar sua velocidade de leitura de cifras americanas vamos propor um exercício muito eficiente. Bastará fazê-lo uma só vez para duplicar sua velocidade de leitura de cifras e evitar erros.

Quadro de referência

Notas	Lá	si	dó	ré	mi	fá	sol
Cifras	A	B	C	D	E	F	G

Exercício: Fale em voz alta a tradução destas letras. Ao chegar ao final sua velocidade terá aumentado.

A B A C B A B C D A D B D C A B C D A
E A E B E C E D A B C D E D E D B D E
F A F B F C F D F E F G F G F B G Á F
G F E D C B A A B C D E F G A G F G B

Todas as cifras têm dois elementos básicos: o prefixo e o sufixo.

Os prefixos, como você pode notar, são as letras A,B,C,D,E,F e G. Podem ou não aparecer com sustenidos ou bemóis, assim: Ab, Eb, C#, F#.

Os prefixos ficam do lado esquerdo da cifra. Os sufixos são todos os demais sinais que ficam do lado direito da cifra, conforme você pode verificar na ilustração.

SUFIXOS MAIS UTILIZADOS E O QUE SIGNIFICAM

Significam maior: M, major, maj, o sinal + colocado ao lado do número 7, e as próprias letras A,B,C,D,E,F,G, sem nenhum sinal à direita.

Significam menor: m, minor, min , o sinal –, 3 –, ou b3.
Obs: O sinal 3b significa na Revista Música e na Violão e Guitarra terça no baixo e não terça bemol.

Significam aumentado
Aum, augmented (ou aug), o sinal +, +5, 5+, 5#.
Obs: nos métodos de violão o sinal mais (+) geralmente indica um acorde maior. No sistema internacional de cifras, contudo, o sinal + representa um acorde aumentado. Só significa maior ao lado do número 7, isto é, para indicar que se trata de 7ª maior.

Significam diminuto
Dim, diminished, o sinal º, o dobrado bemol (bb) colocado ao lado da números 7,9,11,13; o duplo sinal de menos (=), e as quintas diminutas são assim representadas: b5, 5–, ou –5. Na Revista Música e na Vigu 5b representa a 5ª no baixo.
Os sinais bb e = são pouco usados, porém, convém saber que alguns autores empregam essa terminologia.

Qual o significado destes outros números e sinais?

6 representa acorde de sexta
7 representa acorde de sétima menor ou sétima dominante
7+ representa acorde de sétima maior
7M idem
7Maj idem
7♮ idem
2 ou 9 representa acorde de nona
4 ou 11 representa acorde de décima primeira
6 ou 13 representa acorde de décima terceira.
O número 6 para representar acorde de 13ª deve ser acompanhado da sétima.
3b, 5b, 7b representam respectivamente: terceira no baixo, 5ª no baixo, 7ª no baixo.
C/E representa um acorde de dó com mi no baixo
C/G representa um acorde de dó com sol no baixo
C/Bb representa um acorde de dó com si bemol no baixo
C7 bass representa um acorde de dó com sétima no baixo.

AUTOTESTES

1 - Qual a tradução destas cifras?
Cmaj, C–, C3–, Cb–, Caug, C5aug, Cº, C7M, C2–, C7/6, Eb7/9+

2 - Qual a cifragem correspondente a estes acordes?
dó menor com sétima menor, dó menor com sétima maior, mi bemol aumentado, fá sustenido com nota aumentada, dó com quinta diminuta e sétima menor, lá bemol menor com nona, fá com sétima no baixo, sol com si no baixo.

RESPOSTAS

1 - Dó maior, dó menor, dó menor, dó bemol menor, dó aumentado, dó aumentado (ou também: dó com 5ª aumentada), dó zero ou dó diminuto (neste caso a sétima também é diminuta), dó maior com sétima maior, dó maior com nona menor, dó maior com 6ª e 7ª (a sexta é maior, a sétima, menor), mi bemol maior com sétima e nona aumentada (a sétima é menor).

2 - Cm7/ Cm7+ (ou Cm7M), Ebaum (ou Ebaug Eb5+)/ F#9+ / C7/5 - / Abm9/ F7bass (ou F7/Eb)/ $\frac{G}{B}$ (ou G/B) /

VIOLÃO CLÁSSICO & POPULAR

Cláudio Lucci © 1977

ACORDE DISSONANTE

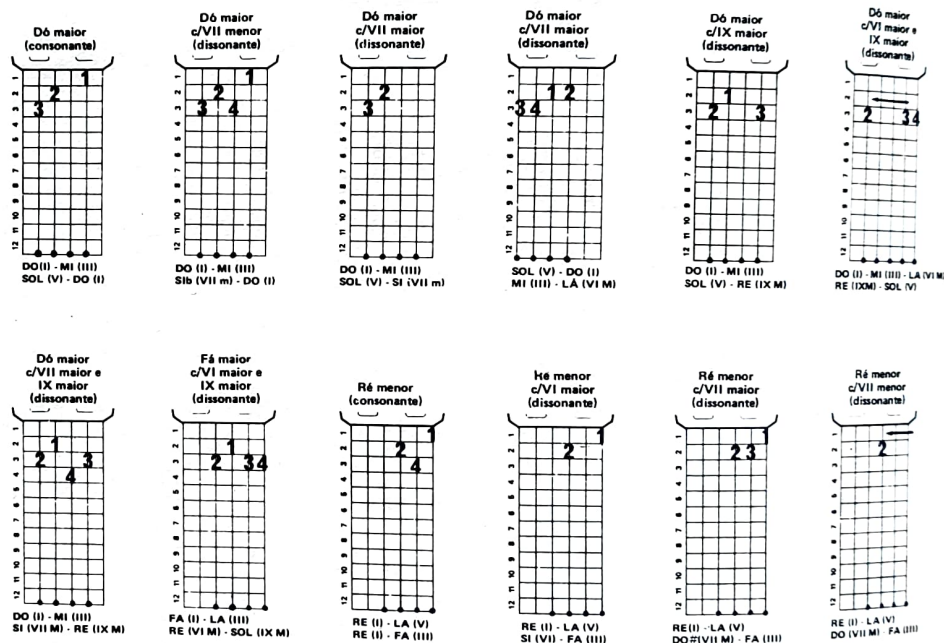
Como vimos na aula passada, o acorde dissonante se caracteriza por possuir notas estranhas na sua composição. A montagem de qualquer acorde consonante é com o I, III e V graus da escala, qualquer outro grau presente é considerado estranho.

Cabe. aqui, uma ressalva: no acorde dissonante podemos omitir o V grau, ficando portanto o acorde com o I, III e o(s) grau(s) dissonante(s). Com menor freqüência, omite-se também o III grau, mas nesse caso não saberemos se se trata de um acorde maior ou menor, sendo necessário um conhecimento do contexto musical, no qual ele foi empregado para assim concluirmos sobre seu modo.

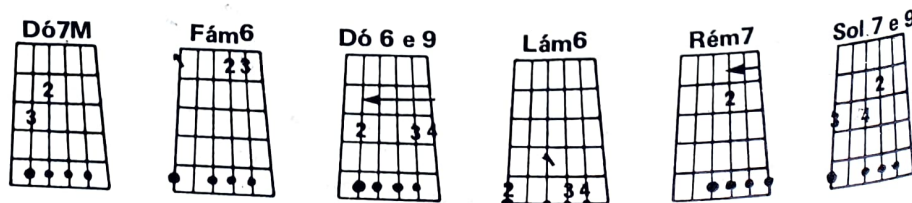
A princípio algumas dissonâncias serão mais usadas:

— VII menor, VII maior, VI maior e IX maior (tanto para os acordes maiores como para os menores).

— IX menor e V aumentada (que é sonoramente o intervalo de VI menor).

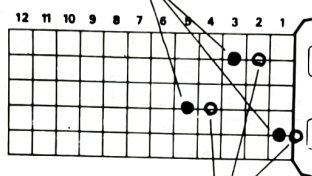
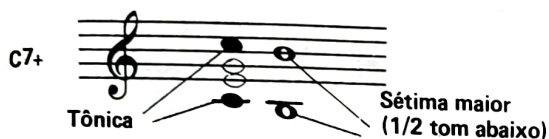
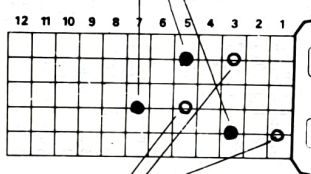
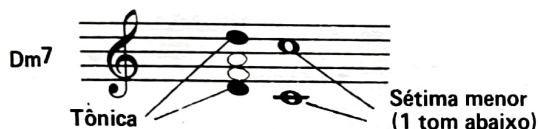
Alguns exemplos de acordes dissonantes:

Podemos observar o uso prático de algumas dissonâncias nos trechos abaixo:

Dó 7M **Fám6** **Dó 7M**
Ah! se a juventude que essa brisa canta
Dó6/9 **Lám6**
O pato vinha cantando alegremente (qüem, qüem)
Rém7 **Sol 7/9**
Quando o marreco sorridente pediu
Dó 6/9
Para entrar também no samba

Acordes empregados:

Na próxima aula, teremos dicas para se montar alguns acordes dissonantes.

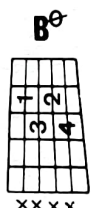
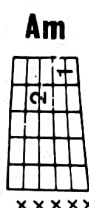
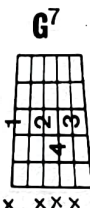
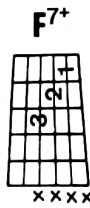
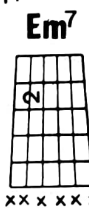
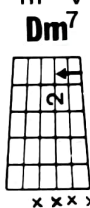
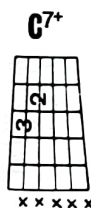
Guitarra Jazz Rock

Egídio Conde ©
1977

No número passado vimos como acrescentar uma terça às tríades formadas na escala de C, resultando acordes de sétima, isto é, a nota acrescentada possui o intervalo de sétima acima das fundamentais dos acordes. As notas apresentadas como sétima se encontram dentro do campo harmônico de C, e podem ser de dois tipos: sétima maior e sétima menor. Podemos considerar a sétima maior como um intervalo de 1/2 tom abaixo da tônica do acorde, seja como fundamental ou na oitava de cima. Veja:

Podemos considerar a sétima menor como um intervalo de um tom abaixo da tônica do acorde, seja como fundamental ou na oitava imediatamente superior. Veja:

Os intervalos existentes entre as notas de cada um dos acordes também podem ser enumerados em graus, sempre considerados em relação à fundamental ou tônica considerada.

Ex. Dm7 = ré, fá, lá, dó
I IIIm V VII (ré — tônica do acorde)

F7+ = fá, lá, dó, mi (fá — tônica do acorde)
I III V VII+

B∅

C7+ = (dó maior com sétima maior) -- acorde de tônica
I = dó, III = mi, V = sol, VII + = si

Dm7 = (ré menor com sétima) — acorde de supertônica
I = ré, IIIm = fá, V = lá, VII = dó

Em7 = (mi menor com sétima) — acorde de mediante
I = mi, IIIm = sol, V = si, VII = ré

F7+ = (fá com sétima maior) — acorde de subdominante
I = fá, III = lá, V = dó, VII + = mi

G7 = (sol com sétima) — acorde de dominante
I = sol, III = si, V = ré, VII = fá

Am7 = (lá com sétima) — acorde de superdominante
I = lá, IIIm = dó, V = mi, VII = sol

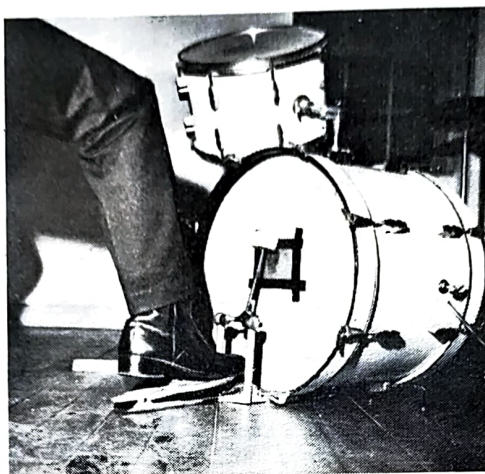
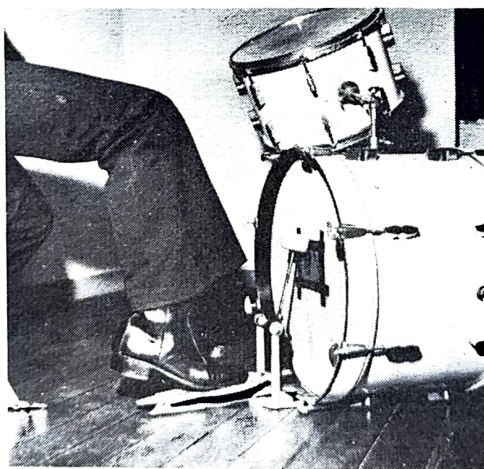
B∅ = (si meio diminuto) — acorde de sensível
I = si, IIIm = ré, V- = fá, VII = lá — Na tríade original, construída sobre a sensível, podemos observar que a relação existente entre as notas que compõem o acorde é de um tom e meio, si, ré, fá, ou seja, de terças menores. Os acordes chamados diminutos mantêm entre suas notas componentes esta relação, de terças menores, que no acorde exemplificado deveria possuir a nota lá b, que possui o intervalo de 1 1/2 tons da nota fá, o que nos desviaria da escala natural de C. Como a nota acrescentada foi o lá natural, o acorde é chamado de ∅ — meio diminuto.

Cont. no próx. número

PERCUSSÃO

Prof. Dinho © 1977

Volume (Pedal do Bumbo)
Continuação do nº anterior

Na segunda foto, o executante, ao mesmo tempo que pisa na sapata, pressiona com a ponta do pé, erguendo o calcanhar, aumentando o impacto do golpe, produzindo, conseqüentemente, um volume considerado "forte" (dinâmica).

Na terceira e última foto, é usada a metade da sapata e ela é pressionada com o auxílio da perna. Esta posição é a preferida pelos "roqueiros", que tocam num volume de som altíssimo. Essa terceira posição produz um volume que chamamos em dinâmica "fortíssimo".

ÂNGULO EM RELAÇÃO À CAIXA

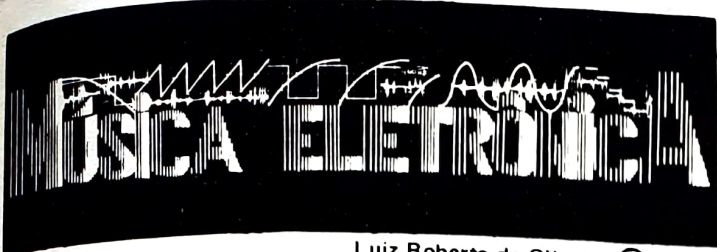
Sempre que tocamos bateria ou qualquer instrumento os ângulos que fazemos e os ângulos de apoio são importantíssimos.

Isto acontece porque na posição certa e num ângulo correto, toda a movimentação fica mais cômoda e, anatomicamente, facilita uma execução mais técnica e mais rápida.

Veremos o ângulo que devemos observar com maior cuidado que é o da caixa e em seguida passaremos aos exercícios correspondentes.

Ângulo da caixa

Ex. 1

Cont. no próximo nº

Luiz Roberto de Oliveira © 1977

ATENÇÃO PARA OS SONS À NOSSA VOLTA: ELES TAMBÉM PODEM SER MÚSICA

Com as sugestões que demos no último número sobre trabalhos com o gravador de fita, acrescentamos um novo assunto à nossa seção: a composição musical diretamente na fita magnética. Desta forma, apenas com um gravador de fita de rolo, poderemos obter muitos resultados interessantes, e, o que é importante, despertaremos nossa atenção para a possibilidade de usar todos os sons que ouvimos ao nosso redor.

MÚSICA, O SOM ORGANIZADO

Partindo do princípio de que a música pode ser considerada como o resultado da organização dos sons segundo critérios de inteligência e sensibilidade, concluiremos que o tipo de música que a maioria de nós sempre esteve acostumada a ouvir representa apenas uma pequena parte do universo musical à nossa disposição.

Explicando melhor: as notas musicais, por si mesmas, não nos soam como música; porém, quando dispostas numa determinada ordem, com suas durações estabelecidas, e obedecendo a critérios de dinâmica e interpretação, resultarão no que costumamos aceitar como uma *melodia*.

Se deixarmos nossos dedos caírem sobre notas quaisquer do piano, ouviremos uma série de acordes que, provavelmente, não despertarão nosso interesse; se, de outra forma, cada acorde for construído dentro de critérios definidos, e a ordem em que os tocamos for cuidadosamente escolhida, teremos desenvolvido uma linguagem harmônica que reconhecemos como elemento importante numa música.

AMPLIEMOS NOSSO CAMPO SONORO

Ora, se podemos organizar as notas musicais, e delas obter música, porque não tentarmos fazer o mesmo com outros sons que não provenham necessariamente dos instrumentos musicais que conhecemos? Ou porque não tentarmos explorar nossos instrumentos para conseguir deles efeitos sonoros que ainda não produzimos antes? Isto deixaria de ser música? Não, de jeito nenhum!

A qualidade de uma composição musical depende muito menos do tipo de matéria-prima sonora que utilizamos, do que da maneira como organizamos estes sons.

MÚSICA CONCRETA E MÚSICA ELETRO-ACÚSTICA

O processo de composição que consiste em gravar em fita quaisquer sons que nos interessem e posteriormente selecionar, organizar e emendar os trechos de fitas, recebeu de seu criador, o francês Pierre Schaeffer, o nome de *música concreta*.

A música eletrônica e a concreta caminham muito perto uma da outra, pois ambas se valem da manipulação da fita magnética para a sua estruturação. Hoje em dia, são abarcadas pela designação mais geral de *música eletro-acústica*.

PARA PODERMOS ORGANIZAR OS SONS, TRATEMOS DE NOS ORGANIZAR

Para ficarmos aptos a trabalhar com o gravador de fita, devemos adquirir alguns utensílios indispensáveis, que aparecem na foto 1, e são os seguintes:

- trilho de edição: um pequeno bloco metálico com um sulco onde a fita deve se encaixar perfeitamente. Atravessando este sulco existem duas ranhuras (uma vertical e outra inclinada a 45 graus) por onde corre a lâmina que vai cortar a fita.
- lâmina: fabricada especialmente para esta finalidade, deve ser antimagnética, para não corrermos o risco de prejudicar o som junto à emenda. Porém, na falta de coisa melhor, podemos apelar para a nossa velha conhecida lâmina de barbear.

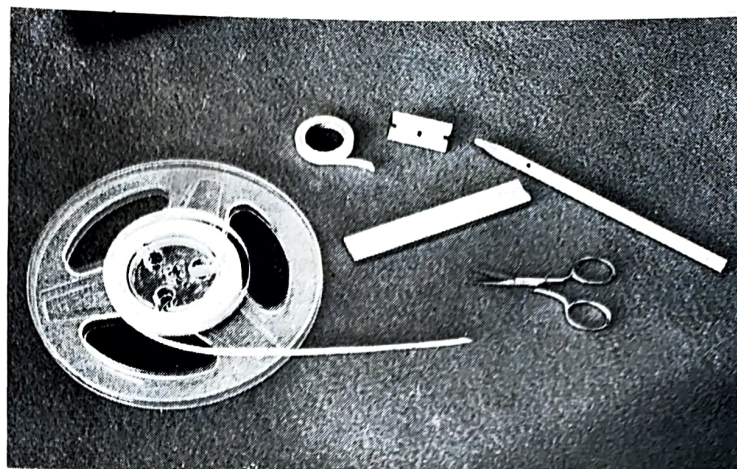



foto 1

- fita adesiva: especial para emendar fitas de gravação.
- fita leader: uma fita de papel usada para separar músicas ou trechos gravados. Costuma-se também colocar um pedaço de leader no início e no fim de cada rolo. Tem a propriedade de ser completamente muda, não provocando o menor ruído no alto-falante.
- lápis especial para escrever em superfícies lisas: para fazer marcas na fita magnética. Encontra-se em papelarias.
- tesoura antimagnéticas: para cortar fitas sem prejudicar o som junto ao corte. Na sua falta, pode-se usar uma tesourinha de unhas.
- paciência: elemento indispensável e que não se encontra à venda em nenhuma loja. Vire-se e consiga um pouco.

O trilho, a fita adesiva e a fita leader podem ser encontrados em lojas especializadas em som e não são muito caros. Algumas lojas vendem um kit completo para edição (foto 2).

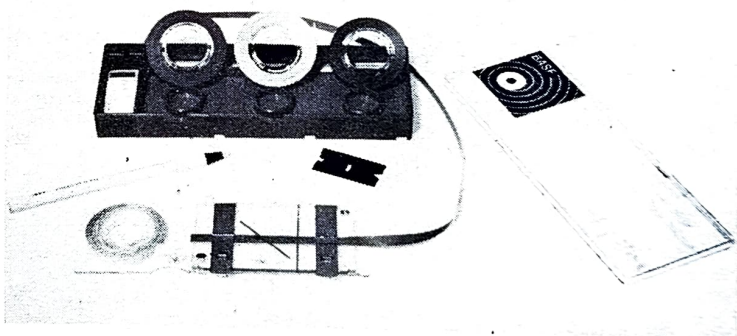



foto2

ESCOLHA COM CUIDADO A FITA QUE VAI USAR

O resultado de uma gravação depende em grande parte da qualidade da fita empregada. Use a fita de maior espessura (0,38mm), por ser mais resistente à tensão, mais durável e mais fácil de trabalhar. As marcas mais usadas pelos estúdios profissionais são: Scotch, Ampex e Basf. Prefira fitas de poliéster, em carretéis de 7 polegadas. Consulte algumas lojas antes de comprar as fitas, pois os preços costumam variar bastante.

PRONTO PARA TRABALHAR?

A partir do próximo número, daremos algumas dicas para você fazer experiências com seu gravador. Agora que você já se muniu dos apetrechos necessários, só falta começar a fazer música. O processo mais simples é selecionar os melhores trechos que você gravou e emendá-los um ao outro, obtendo uma sucessão de pequenos trechos. Com isto você estará entrando para o fechadíssimo clube dos compositores de música eletro-acústica.

Egídio Conde © 1977

BOTTLENECK? — NADA MAIS FÁCIL!

Um número incontável de leitores pede explicações sobre a técnica de slide, com a qual é possível tocar uma guitarra comum com o som aproximadamente igual ao de uma guitarra havaiana.

É tudo muito simples: a técnica consiste em deslizar pelas cordas, sem tocar os trastes ou a escala, um acessório chamado 'bottleneck'.

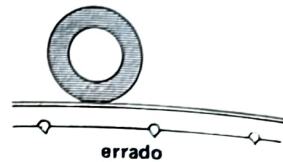
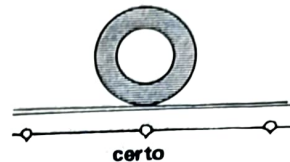
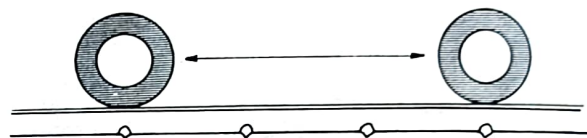
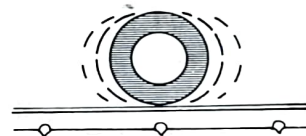
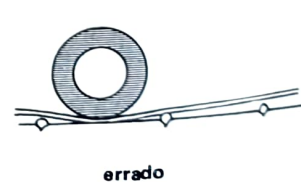
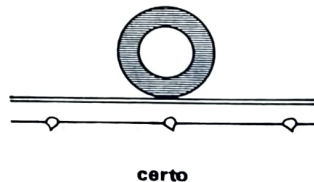
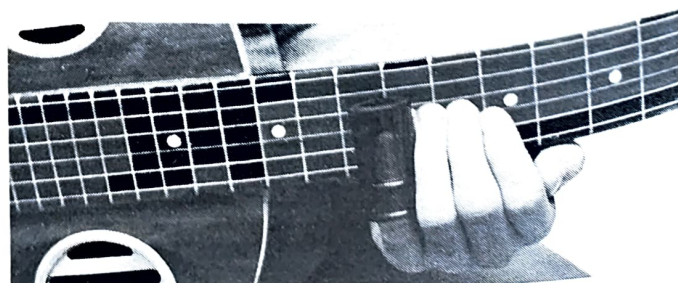
A indústria americana, ávida em capitalizar sobre o mercado musical, fabrica centenas de maravilhosos bottlenecks de vidro, de metal cromado, maciços ou cilíndricos. Como a importação de acessórios e instrumentos está 'ruça', vamos voltar ao passado, para conseguir o acessório.

O uso do bottleneck tem sua origem nos negros americanos que o utilizavam (e ainda o fazem) para a execução do blues. Como a maioria possuía pouco dinheiro, era mais fácil conseguir uma boa garrafa (depois de sorvê-la devidamente), ir até o vidraceiro e mandar cortar o gargalo — daí vem o nome: bottle 'garrafa' e neck 'pescoço', no caso, gargalo.

Eu telefonei a uma loja e um bottleneck importado, de metal cromado, custava 120 cruzeiros. Lindo, mas meu dinheiro não o permitia. Tinha uma garrafa de um vinho que eu não lembro o nome, delicioso, e com um gargalo bem comprido, quase reto.

Não tive dúvidas, peguei a garrafa, fui ao vidraceiro e mandei cortar o gargalo pouco acima de onde começava a alargar-se, de modo que eu tivesse algo como um pequeno cano de vidro. Em seguida, pedi para esmerilhar bem as bordas para que não houvesse a possibilidade de cortes. O vidraceiro cobrou cinco cruzeiros e ficou ótimo. Pensando nos 120 do importado, dei 10 cruzeiros e ficamos ambos contentes. Lá fui embora pra casa, louco para experimentar.

Existem outras formas de se conseguir um bottleneck como: vidros de remédio pequenos e cilíndricos ou pedaços de cano de pedestais velhos ainda cromados, mas eu fiquei mais emocionado com o meu bottleneck original, igualzinho ao que o Howlin Wolf usava. Agora, eu poderia fazer as minhas mundialmente famosas imitações dos solos do George Harrison, Johnny Winter e outros. (Ah, ah!)

Para tocar com a técnica de slide é preciso usar alguns truques: com a guitarra afinada, as notas só terão definição perfeita quando o slide se colocar exatamente acima do traste.

Um dos efeitos mais bonitos é o de deslizar de uma nota para a outra, sem levantar o bottleneck da corda, produzindo um 'portamento' de uma nota para outra.

Um vibrato pode ser feito, fazendo o bottleneck oscilar levemente sobre a área da nota.

O bottleneck deve ser levemente pressionado contra a corda, mas nunca a ponto de tocar nos trastes ou na escala.

Se você usa guitarra com as cordas bem baixas haverá um pouco de problema, e será preciso levantar um pouco o cavalete, para que as cordas se afastem da escala (ver Revista Música nº 1, p. 44, regulagem de altura).

No próximo número, solos e acordes - mais dicas sobre 'slide'.

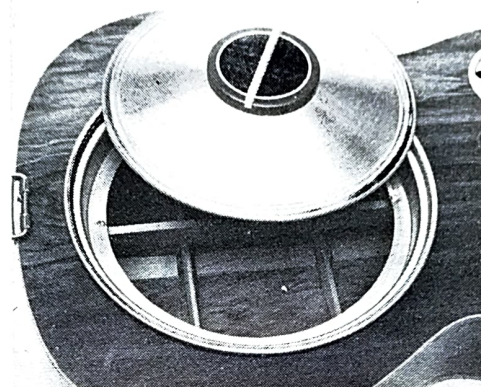
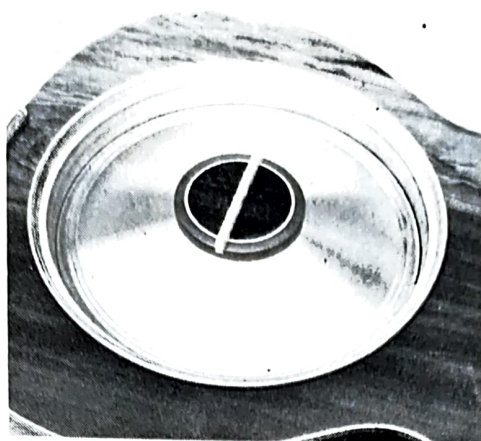
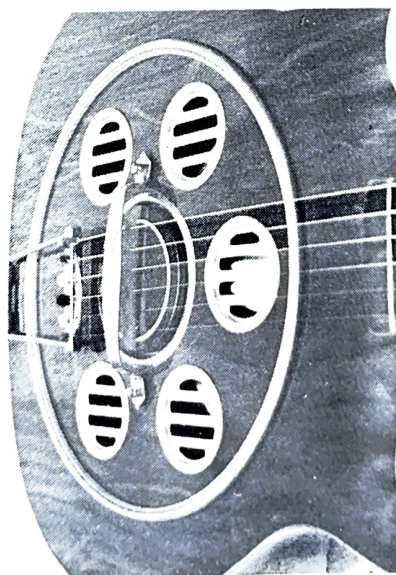
Zezinho e Nestor, na CBS americana na década de 1950, com dinâmicos Del Vecchio.

VIOLÃO DINÂMICO DEL VECCHIO Nº 2003

Preço: Cr$2.500,00
Comprimento total: 99,5cm
Comprimento do corpo: 48,5cm
Largura curva menor: 28,5cm.
Cintura: 24,3cm
Largura curva maior: 37,3cm
Profundidade do corpo: 10,3cm
Comprimento da escala: 47cm
Largura da escala no capotraste: 5cm
Nº de trastes: 21

Graças a uma patente exclusiva, a fábrica Del Vecchio é a única a fabricar este modelo de violão dinâmico no Brasil. Desconhecido de boa parte do público musical mais jovem, o violão dinâmico possui uma grande aceitação no interior do país e, principalmente nos grupos de música regional, samba, chorinho, é possível encontrar entre os instrumentos um violão dinâmico, com seu som característico.

Graças a um sistema semelhante ao do banjo, porém muito mais aperfeiçoado, o instrumento possui sua resposta de volume aumentada, o que possibilita sua utilização em locais grandes sem que haja necessidade de amplificação eletrônica, o que se adapta perfeitamente às condições encontradas em nosso interior, daí talvez a razão de sua aceitação pelos grupos regionais.

O sistema funciona mecanicamente. Em um violão comum o tampo do instrumento é posto a vibrar pelas cordas através do cavalete. No violão dinâmico o cavalete do instrumento repousa sobre um cone de alumínio, de formato idêntico ao de um cone de alto-falante. O cone está invertido, de modo que a vibração das cordas é transmitida pelo cavalete ao cone, que ao vibrar juntamente com as cordas amplifica mecanicamente o som. Graças a isto o violão dinâmico possui uma sonoridade toda própria, um som cristalino, claro e com muito volume, muito bom. As notas possuem um ataque rápido e um sustain prolongado e, com palheta, o volume do instrumento se torna inacreditável, pois as cordas fazem o cone vibrar com mais intensidade.

As aberturas existentes no tampo do violão dão saída ao som e são feitas de metal prateado. As duas maiores servem aos graves e as cinco menores dão saída aos agudos.

Em acabamento a simplicidade é o forte, talvez até levada ao exagero, embora a mecânica do instrumento seja tão incomum. Fundo, laterais e tampo são feitos de madeira escura, com filetes de madeira clara nos bordos e na paleta. A aplicação de verniz também não denota maiores cuidados. A construção é robusta e o instrumento parece ser de grande durabilidade e resistência. Nos pequenos detalhes, porém, o instrumento deixa a desejar, pequenas falhas no verniz podem ser percebidas, a escala merece uma atenção maior em lixamento, verniz e colocação dos trastes.

A execução e a resposta rápida, porém, fazem esquecer quaisquer imperfeições de acabamento, pelo timbre diferente. Apesar de tudo a escala afina muito bem, sendo possível acordes com pestana no 10º traste soarem perfeitamente afinados.

A fábrica Del Vecchio possui uma tradição de qualidade na fabricação de excelentes instrumentos, e poderia olhar com um pouco mais de cuidado para esta série de instrumentos (a Del Vecchio fabrica também violas, cavaquinhos e bandolins dinâmicos) o que sem dúvida popularizaria o instrumento junto aos jovens. Como único em sua classe, recomendamos o instrumento pela sua sonoridade, se você está querendo montar um grupo de chorinho, jazz tradicional, música regional e até mesmo rock e folk, vale a pena dar uma ouvida neste instrumento.

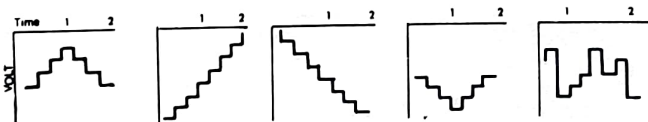
EC

Afinação: 10
Qualidade tonal: 10
Volume: 10
Sustain: 9
Balanço: (graves/agudos) 9
Facilidade de execução: 7
Construção: 9
Escala: 5
Cavalete: 7
Design: 6
Acabamento: 5
Acessórios: (tarrachas, cromado) : 8
Atenção a detalhes: 5

COMPUTADOR ENVELOPE SYSTECH

Segundo os fabricantes, o Computador Envelope Systech é o primeiro computador digital com banco de memória para instrumentos musicais. O conceito de programação instantânea do comprimento, da forma exata e estrutura, e da repetição desta forma em relação a uma nota musical, a uma frase inteira ou passagem, é agora aplicado na operacionalidade deste pedal. A análise teórica da música e dos estilos de execução contemporâneos resultou em cinco formas ou padrões, que estão armazenados no seu banco de memória. Estes são imediatamente selecionáveis pelo controle do banco de memória. A relação ou duração no tempo destas formas são efetivadas por um outro controle. Estas quatro formas podem transformar, por exemplo, simples ou complexas idéias musicais em linhas funk, curtas ou longas, aos saltos, ou mudanças harmônicas de formas de onda, ataque ao inverso, varredura ou corte brusco, decaimento repetido, etc. Consegue-se modificar, em forma, inteiramente qualquer sinal enviado ao Computador Envelope.

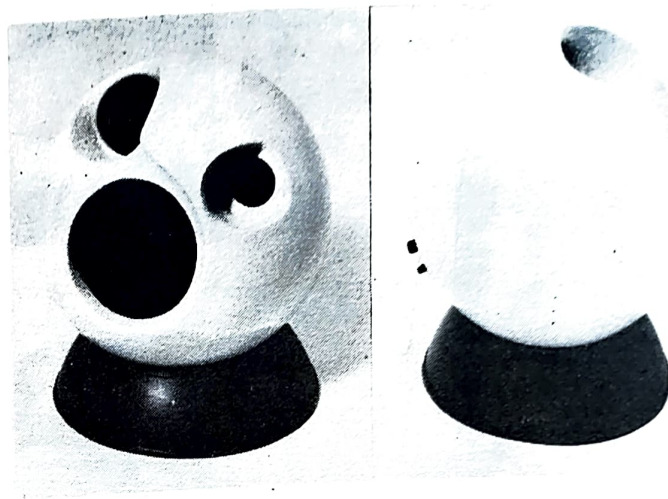
Ainda é possível controlar o nível de entrada, com o qual o executante ativa o computador.

Os cinco padrões da memória do computador são os seguintes:

O Computador Envelope Systech custa $ 149,95, sendo fabricado pela Systech Systems Technology In Music, 2025 Factory Street - Kalamazoo Michigan — 49001 — USA.

KITS DE LIMPEZA MALISON

Estes dois kits de limpeza para equipamentos de som, recentemente lançados pela Malitron Ind. e Com. Ltda. destinam-se à conservação e limpeza de acessórios como toca-discos, discos, agulhas, gravadores e cabeças de gravadores. É sabido que o acúmulo de poeira eletrostática sobre os discos e o depósito de resíduos de óxido das fitas magnéticas sobre as cabeças dos gravadores podem ocasionar considerável perda de qualidade sonora. A limpeza constante é necessária, se os níveis de qualidade quiserem ser mantidos na audição. Os kits são dois:

K7 — Tape Kit — Um cassete de limpeza, a fita especial retira da cabeça dos gravadores as impurezas; óleo para lubrificação de partes móveis de gravadores; líquido Malicleaner, para limpeza de cabeças de gravador; acompanha ainda espátulas com feltro, tecido de limpeza, etc.

Record Kit — Um braço móvel, com base, para a limpeza simultânea do disco enquanto tocado; uma escova para limpeza do disco; líquidos para limpeza de agulha e disco; tecido para limpeza, escova para a agulha, etc.

CAIXA ACÚSTICA WALE

Enquanto que no exterior algumas propriedades de caixas acústicas esféricas têm sido alvo de estudos e aplicações como a recentemente lançada Soundsphere, produzida pela Sonic Systems, Inc. nos EUA, está sendo fabricada em São Paulo uma caixa acústica que, embora de conceito funcional diferente, possui a forma esférica.

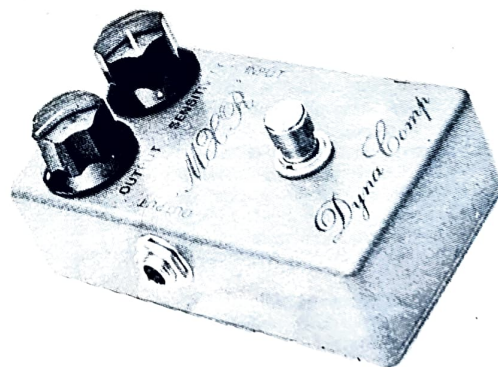
A caixa acústica Wale é construída em fibra de vidro, com um diâmetro de 560mm, possui três canais: Woofer — 200mm; Tweeter — 62mm e Mid-Range, 109mm, trabalhando com uma impedância de 8Ω, com 80 watts de potência, freqüência de resposta — Lo — 21.000Hz.

A caixa repousa sobre um pedestal também circular, que permite grande variedade de movimentos, e possui, segundo o fabricante, as seguintes vantagens sobre as caixas acústicas convencionais:

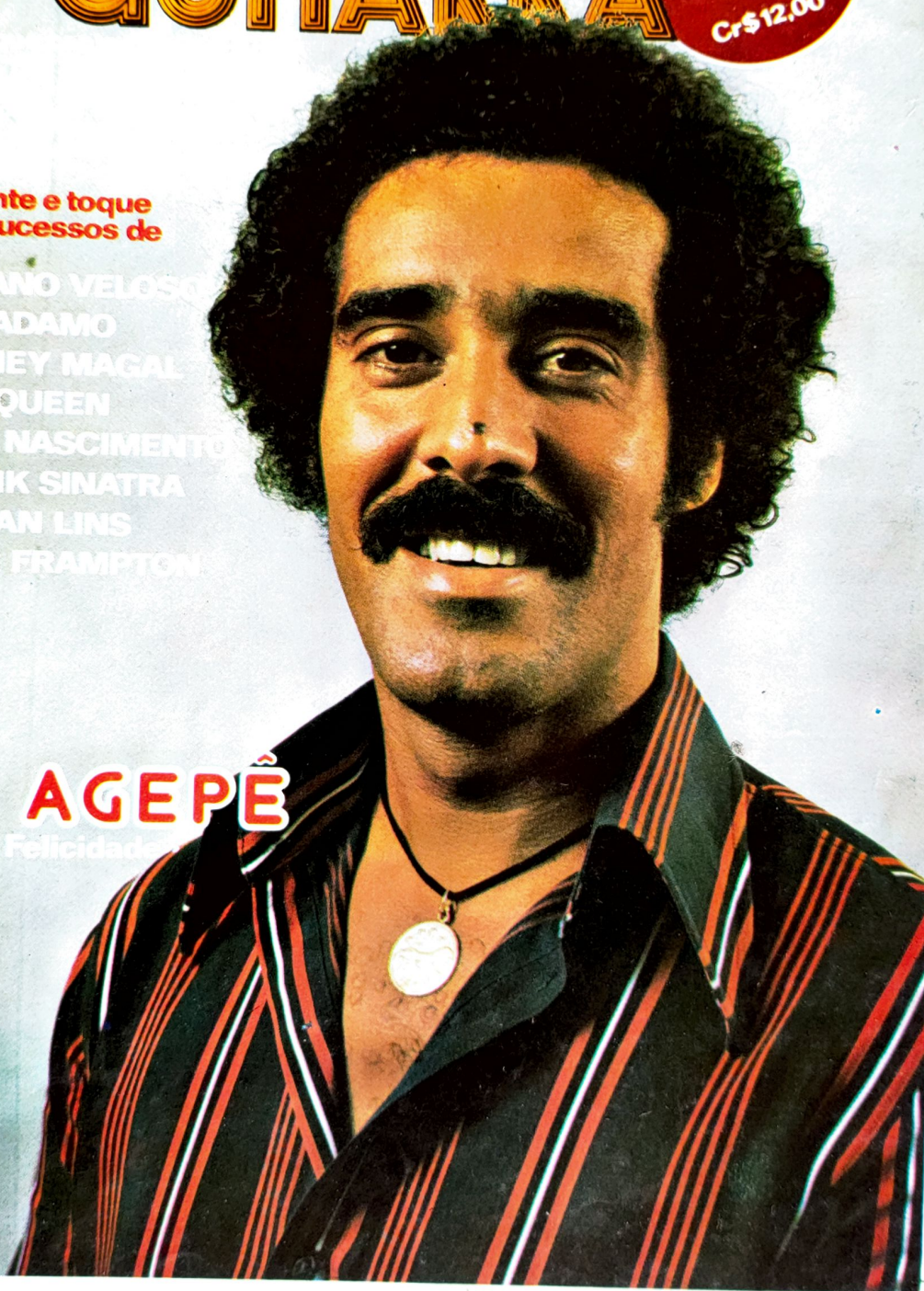
Devido ao seu formato e disposição dos alto-falantes, ela elimina o problema da ressonância, o que faz com que seja proporcionada resposta quase ideal nas baixas freqüências.

O material de que é construída é um isolante acústico.

Resposta de mesma qualidade tanto em baixo como em alto volume, o que é difícil de ocorrer em caixas acústicas de grande potência.

Possui movimento rotativo horizontal, vertical e é direcional, o que proporciona um efeito estereofônico superior às convencionais, quando bem posicionada. A caixa acústica Wale é fabricada à R. Desembargador Júlio Guimarães, 348 — Vila Moraes — SP.

UNIDADE MXR DYNA COMP

Notas sustentadas na guitarra sem distorção têm sido o sonho da maioria dos guitarristas, e é exatamente o que este MXR Dyna Comp faz. Eletronicamente o Dyna Comp é um compressor de sinal, equipamento largamente usado em estúdios de gravação que permite que se possa ouvir determinado instrumento, sem que seja preciso colocá-lo em nível de volume acima dos demais. O circuito, ao comprimir o sinal do instrumento que estiver sendo injetado, proporciona considerável sustain sem distorção. Possui dois controles: 'sensitivity', que no Dyna Comp regula o prolongamento do sustain, e 'output', que regula o volume de saída do sinal. É alimentado por uma bateria de 9 volts, e custa, nos EUA, US$ 79,95.

VIOLÃO
GUITARRA
Nº 35
Vigu
Cr$ 12,00
cante e toque
os sucessos de
CAETANO VELOSO
ADAMO
SIDNEY MAGAL
QUEEN
MÍLTON NASCIMENTO
FRANK SINATRA
IVAN LINS
PETER FRAMPTON
AGEPÊ
"Jeito de Felicidade"

Trabalhe na mesa certa.

Canais de microfones
20 canais individuais de microfones modulares
Medidor de VU individual
Chave seletora de grupos
Atenuador de entrada
Controles de agudos, presença e graves
Chave seletora de eco 1 e 2
Chave liga-desliga de retorno (Foldback)
Volume de retorno (Foldback)
Volume de eco
Controle panorâmico (PAN)
Chave de escuta individual do canal no monitor (PFL)
Chave liga-desliga do canal de microfone
Controle de volume

Submaster
4 submasters independentes
O volume do submaster controla os canais previamente selecionados na chave de grupo.

Jacks no submaster para adicionar equalizadores gráficos, compressores limitadores e outros efeitos nos canais comandados.

Canal de eco
2 atenuadores independentes para retorno de ecos
Controle de agudos, presença e graves
Volume de retorno (Foldback)
Controle panorâmico (PAN)
Chave de escuta (PFL)
Chave liga-desliga
Volume
Medidor de VU

Monitor fone
Volume do monitor
Chave seletora de:
Int (comunicação interna)
PFL (escuta individual do canal)
Main (saída master)
FB (retorno palco)
Jack para conexão do fone

Canais masters esquerda e direita
Controle de agudos, presença e graves
Volume master
Medidor de VU

Divisor de freqüência eletrônico de 3 canais
Controle de nível de saída de altas, médias e baixas freqüências
Freqüências de corte 700Hz e 5.300Hz de 12dB/Oct.

Canal de retorno (Foldback)
Controle de agudos, presença e graves
Jack para entrada do microfone do intercomunicador
Chave liga-desliga do microfone
Volume master
Medidor de VU

Painel para marcação de canais

Finalmente, um sistema profissional estéreo ao seu alcance.
A nova mesa de som Giannini.
Os controles são projetados para uma perfeita atuação sobre instrumentos e vocais.
Oferece todas as possibilidades de mixagem, encontradas somente em dispendiosos equipamentos importados.
Facilidade de operação e realização imediata de qualquer efeito ou modificação no som desejado.
Mesa de som Giannini. A mesa certa para o seu trabalho.

Giannini

TRANQUILLO GIANNINI S.A.
R. Carlos Weber, 184 — C.P. 1205 — São Paulo — SP